

Lorena Mariano Borges de Figueiredo

## **A (NÃO) MARCAÇÃO DE TENSE EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Linguística Teórica e Descritiva.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de pesquisa: Estudos Formais de Língua

Orientador: Prof. Dr. Guilherme Lourenço

Belo Horizonte

2020

F475n

Figueiredo, Lorena Mariano Borges de.

A (não) marcação de tense em língua brasileira de sinais [manuscrito] / Lorena Mariano Borges de Figueiredo. – 2020.

160 f., enc. : il., grafs., tabs., color., p&b.

Orientador: Guilherme Lourenço.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de pesquisa: Estudos Formais de Língua.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 149-154.

Apêndices: f. 155-160.

1. Língua brasileira por sinais – Estudo e ensino – Teses. 2. Língua de sinais – Teses. 3. Tempo – Teses. 4. Aquisição da segunda linguagem – Teses. I. Lourenço, Guilherme. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 419



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS




## FOLHA DE APROVAÇÃO

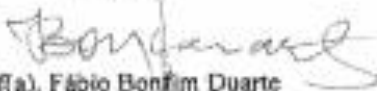
**A (não) marcação de tense em Língua Brasileira de Sinais**

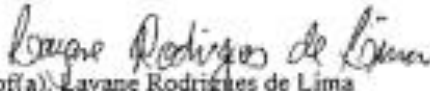
### **LORENA MARIANO BORGES DE FIGUEIREDO**

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudos Formais de Língua.

Aprovada em 08 de janeiro de 2020, pela banca constituída pelos membros:

  
Prof(a). Guilherme Caspary de Souza- Orientador  
UFMG

  
Prof(a). Fábio Bonfim Duarte  
UFMG

  
Prof(a). Layane Rodrigues de Lima  
UPG

Belo Horizonte, 8 de janeiro de 2020.

  
Prof. Ana Letícia Almeida Marcato Olesen  
Subcoord. Programa de Pós-Graduação  
em Estudos Linguísticos  
FALE/UFMG

*Aos surdos brasileiros.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por fazer desse processo de escrita um grande ensinamento.

Escrever esta dissertação foi uma tarefa árdua, possibilitada em grande parte pelo apoio daqueles que caminharam junto comigo ao longo deste mestrado. Eu queria que houvesse uma forma de expressar minha gratidão tal como ela é, na impossibilidade de fazê-lo, aqui vão minhas mais sinceras palavras.

Ao meu orientador, professor Dr. Guilherme Lourenço, o meu muito obrigada pela orientação e paciência ao longo da elaboração deste texto. Sei que você leu cada palavra pensando em como poderia me ajudar a melhorar as ideias aqui expostas e como eu poderia demonstrar através delas todo o meu potencial como pesquisadora. Você é um grande exemplo e inspiração para mim, e trabalhar com você desde a graduação tem sido um grande privilégio.

Agradeço também ao professor Dr. Fábio Bonfim, que me acompanhou no início desta caminhada e é uma das minhas grandes referências na pesquisa linguística. Meu agradecimento também às professoras Dra. Layane Rodrigues de Lima e Dra. Aline Garcia Rodero-Takahira pela disponibilidade em compor a banca e em contribuir com este trabalho.

Sou muito grata aos professores que me deram aulas ao longo do mestrado: Profa. Thaís Cristófaró, Prof. Lorenzo Vitral, Profa. Elidéa Bernardino, Profa. Giulia Bossaglia, Profa. Márcia Cançado. As disciplinas cursadas com vocês enriqueceram a proposta teórica de meu trabalho e acrescentaram muito à minha formação como linguista.

Também agradeço à Thais de Sá pela parceria com a parte experimental desta dissertação. Com você aprendi sobre rastreamento ocular, programação, coleta de dados e equilíbrio das muitas tarefas entre pesquisa e magistério. Obrigada pela paciência e apoio, tem sido muito bom trabalhar com você!

Ao Tales e ao Rodrigo, muito obrigada pela disponibilidade em gravar os dados em Libras que compõem o experimento. Aos alunos da primeira turma de Letras-Libras da Faculdade de Letras da UFMG, obrigada pela disposição em participar dos testes e contribuir com este trabalho.

Aos amigos do LALIAFRO (Laboratório de Línguas Africanas), Ana Cláudia, Bráulio, Clauâne, João, Júlia, Ronaldo, Tânia e Veronique agradeço pelas conversas, cafés, reuniões, ideias e disciplinas compartilhadas. Essa jornada teria sido solitária sem vocês. Em especial agradeço à Taninha por me inspirar à persistência na escrita e por compartilhar sua vida comigo.

Agradeço também às professoras do núcleo de Libras, Profa. Elidéa Bernadino, Profa. Giselli Silva e Profa. Rosana Passos, pela parceria no Programa de Incentivo à Formação Docente (PIFD), bem como aos monitores e às professoras auxiliares. Francys, Eva (e Helena) e Fernanda. Vocês se tornaram minhas amigas, dividindo tarefas da disciplina de Fundamentos de Libras Online e me apoiando na vivência do mestrado.

Sou eternamente grata aos meus pais, Celso e Márcia, por me amarem incondicionalmente e desejarem o meu sucesso nessa empreitada mais do que eu. Hoje sei que seria impossível concluí-la sem ser cuidada e amada por vocês. À Leticia, muito obrigada por ser e estar por mim, em todos os momentos possíveis. Eu te amo. Agradeço também a toda a minha família, que tem me apoiado neste sonho de fazer pesquisa: avós e avô, tias e tios, primas e primos, vocês são muito importantes para mim.

Ao Colégio Batista Getsêmani, agradeço por ser um local de trabalho onde encontrei amigos para vida. À direção e à coordenação, em especial, June e Marina, obrigada por me ajudarem com a minha restrição de tempo e compreenderem a difícil fase de escrita. Aos professores e orientadoras educacionais, obrigada pelos ensinamentos, inspiração e conversas, que muitas vezes me fizeram ter forças para viver longos dias de professora de

manhã e aluna à tarde. Em especial, agradeço à Carol, Iandra, Lívia e Rebeca pelo carinho, cuidado e amor para comigo. Também sou grata aos meus queridos alunos, que sempre me desafiaram a ser uma professora melhor.

Aos amigos de Alvo, agradeço por serem família. Camila e Marcelo, vocês vivenciaram o meu dia a dia de pertinho e foram um grande incentivo. Alice, Bela, Gabi e Rafa, obrigada por serem minhas amigas durante esse processo louco em que muitas vezes eu não tive tempo para ser amiga de vocês de volta.

Aos amigos que me tiraram de casa para ver o mundo ao longo desse período, Babi Carvalho, Dani, Jú Palhares, Tin, amigos do 3A: muito obrigada!

Por fim, agradeço à Faculdade de Letras e à UFMG pela acolhida nos últimos anos. Passar quase uma década da minha vida nesta faculdade faz com que hoje eu a enxergue como uma verdadeira casa. Ao Poslin (Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos), agradeço por viabilizar os meus estudos de mestrado. À CAPES, pelo auxílio financeiro para a participação de eventos.

*The distinction between the past, present and  
future is only a stubbornly persistent illusion.*

Albert Einstein



FIGUEIREDO, Lorena Mariano Borges de. **A (não) marcação de tense em Língua Brasileira de Sinais**. 2020. 159f. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

## RESUMO

Esta dissertação objetiva investigar se e como se dá a marcação de tense na Língua Brasileira de Sinais e sua relação com a marcação aspectual no domínio verbal. A partir da noção de línguas sem-tense e dos testes propostos por Lin (2012), nós demonstramos que a Libras exibe as mesmas características morfossintáticas presentes em outras línguas sem-tense, como o chinês. Além disso, a partir das análises de Wilbur (2003, 2008), Lourenço (2018, 2019) e Karabüklü (2018), nós realizamos dois experimentos para testar como falantes de Libras interpretam a referência temporal de sentenças que não possuem expressões temporais: um julgamento de sentenças e um estudo piloto de rastreamento ocular. Interessa-nos verificar se a morfologia aspectual do verbo pode contribuir ou até mesmo determinar a leitura de referência temporal da sentença. Os resultados obtidos indicam que a Libras é uma língua morfologicamente sem-tense, como o chinês, o vietnamita, o guarani, o malaio e a T1D (Karabüklü, 2018). Isso, entretanto, não significa que a língua não constrói referência temporal. Ela o faz por meio do emprego de advérbios de tempo ou de expressões temporais ou, ainda, a interpretação temporal pode interagir com a leitura aspectual do predicado.

**Palavras-chave:** Língua Brasileira de Sinais, Libras, *tense*, língua sem-tense, aspecto.

FIGUEIREDO, Lorena Mariano Borges de. **(Non) marking of tense in Brazilian Sign Language.** 2020. 159p. MA Thesis (Master's Degree in Theoretical and Descriptive Linguistics) – Faculdade de Letras, Federal University of Minas Gerais, 2020.

## **ABSTRACT**

This dissertation aims at investigating if and how tense is encoded in Brazilian Sign Language and its relation to aspectual marking in the verb domain. Assuming the notion of tenselessness and the tests proposed by Lin (2012), we demonstrate that Libras shows the same morphosyntactic characteristics of others tenseless languages, such as Chinese. Additionally, based on Wilbur (2003, 2008), Lourenço (2018, 2019) and Karabüklü (2018), we designed two experiments to test how Libras signers interpret time reference when a sentence does not contain time expressions: a judgment test of sentences and a pilot eye-tracking study. We were interested in verifying if aspectual morphology on the verb may contribute or even determine the time reference reading of the sentence. The results show that Libras is a morphologically tenseless language, like Chinese, Vietnamese, Guarani, Malay and T1D (as claimed by Karabüklü). However, it can and do construct time reference by using time adverbials or time expressions and time interpretation can interact with the aspect reading of the predicate.

**Keywords:** Brazilian Sign Language, Libras, tense, tenselessness, aspect.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC	Aceno de cabeça
ASL	<i>American Sign Language</i> – Língua de Sinais Americana
ASP	Aspecto
ASPP	<i>Aspect Phrase</i>
BSL	<i>British Sign Language</i> – Língua de Sinais Britânica
CAUS	Causativo
CL	Classificador
CLAS	Classe
CN	Classe Nominal
DEM	Demonstrativo
DET	Determinante
EXPL	Expletivo
FOC	Foco
FUT	Futuro
GER	Gerúndio
HAB	Habitual
HKSL	香港手语 – Língua de Sinais de Hong Kong
HN	<i>Head Nod</i> – Aceno de Cabeça
HVE	Hipótese da Visibilidade do Evento
HZJ	<i>Hrvatskom Znakovnom Jeziku</i> – Língua de Sinais Croata
IND	Indicativo
INF	Infinitivo
IP	<i>Inflectional Phrase</i>
IPFV	Imperfectivo
ISL	שפת הסימנים הישראלית – Língua de Sinais Israelense
ISL	<i>Irish Sign Language</i> – Língua de Sinais Irlandesa
Libras	Língua Brasileira de Sinais

LIS	<i>Lingua dei Segni Italiana</i> – Língua de Sinais Italiana
LSM	<i>Lengua de Señas Mexicana</i> – Língua de Sinais Mexicana
NGT	<i>Nederlandse Gebarentaal</i> – Língua de Sinais Holandesa
NPL	Não plural
ÖGS	<i>Österreichische Gebärdensprache</i> – Língua de Sinais Austríaca
P	Processo
PAR	Partícula
PASS	Passado
PB	Português Brasileiro
PFV	Perfectivo
PL	Plural
POSS	Possessivo
PRES	Presente
PROG	Progressivo
REL	Relativo
S	Estrado
SG	Singular
SSL	<i>Svenskt teckenspråk</i> – Língua de Sinais Sueca
SN	Sintagma Nominal
SPE	Específico
SPEC	Especificador
T	Transição
TAM	Tense-Aspecto-Modo
TİD	<i>Türk İşaret Dili</i> – Língua de Sinais Turca
TP	<i>Tense Phrase</i>
VF	Vogal final
VP	<i>Verb Phrase</i> – Sintagma Verbal

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1.</b> Diferença do ponto de vista (representado pelo símbolo do olho) entre o perfectivo e o imperfectivo. ....	36
<b>Figura 2.</b> Classificação de oposições aspectuais proposta por Comrie.....	37
<b>Figura 3.</b> Representação de Estados (S).....	46
<b>Figura 4.</b> Representação de Processos (P) .....	46
<b>Figura 5.</b> Representação de Transições (T).....	47
<b>Figura 6.</b> Representação de tempo, tense e aspecto .....	49
<b>Figura 7.</b> Linha do tempo.....	68
<b>Figura 8.</b> FUTURE <sub>[advérbio]</sub> ‘futuro próximo’: começo e fim do sinal. ....	72
<b>Figura 9.</b> FUTURE <sub>[advérbio]</sub> ‘futuro distante’: começo e fim do sinal .....	72
<b>Figura 10.</b> FUTURE <sub>[tense]</sub> .....	73
<b>Figura 11.</b> Imagens da sinalização correspondente ao exemplo (51) (‘Eu estou indo para a escola agora’). ....	77
<b>Figura 12.</b> Imagens da sinalização correspondente ao exemplo (52) (‘Eu fui à escola ontem’).....	78
<b>Figura 13.</b> Imagens da sinalização correspondente ao exemplo (53) (‘Eu irei à escola amanhã’). ....	78
<b>Figura 14.</b> Árvore sintática referente ao exemplo (53). ....	80
<b>Figura 15.</b> Resumo da estrutura morfológica do verbo em Libras.....	100
<b>Figura 16.</b> Verbos télicos em ASL.....	113
<b>Figura 17.</b> Verbos télicos em Libras com [direção].....	115
<b>Figura 18.</b> Verbos télicos em Libras sem [direção] .....	116
<b>Figura 19.</b> Sentença com verbo atélico: IX <sub>1</sub> ESTUDAR MATEMÁTICA.....	120
<b>Figura 20.</b> Sentença com verbo télico: IX <sub>1</sub> PERDER CHAVE. ....	120
<b>Figura 21.</b> Captura de tela do questionário de inteligibilidade das sentenças .....	121
<b>Figura 19.</b> Sentença com verbo atélico: IX <sub>1</sub> ESTUDAR MATEMÁTICA.....	135
<b>Figura 20.</b> Sentença com verbo télico: IX <sub>1</sub> PERDER CHAVE. ....	135
<b>Figura 22.</b> Captura da tela do experimento piloto de rastreamento ocular	136

## LISTA DE QUADROS E TABELAS

<b>Quadro 1:</b> Classes propostas por Vendler (1967) conforme os valores aspectuais estabelecidos pelo autor para classificá-los. ....	45
<b>Quadro 2.</b> Classes aspectuais de Vendler e de Pustejovsky. ....	47
<b>Quadro 3.</b> Interação entre Tense e Aspecto em T1D.....	79
<b>Quadro 4.</b> Quadro-síntese de análises para tense em línguas de sinais .....	93
<b>Quadro 5.</b> Quadro-síntese das características das línguas sem-tense presentes em chinês e em Libras. ....	109
<b>Quadro 6.</b> Morfemas propostos pela HVE.....	112
<b>Tabela 1.</b> Estatística descritiva do teste de hipótese para as respostas PASSADO gerado pelo SPSS. ....	124
<b>Tabela 2.</b> Estatística descritiva do teste de hipótese para as respostas PRESENTE gerado pelo SPSS. ....	126
<b>Tabela 3.</b> Organização das sentenças do experimento piloto de rastreamento ocular.....	134

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1.</b> Respostas PASSADO (verbos télicos <i>versus</i> verbos atélicos).	123
<b>Gráfico 2.</b> Frequência de respostas PASSADO (verbos télicos <i>versus</i> verbos atélicos).....	124
<b>Gráfico 3.</b> Respostas PRESENTE (verbos télicos <i>versus</i> verbos atélicos). .....	125
<b>Gráfico 4.</b> Frequência de respostas PRESENTE (verbos télicos <i>versus</i> verbos atélicos).....	125
<b>Gráfico 5.</b> Proporção de fixações para verbos télicos marcados com expressão temporal no passado <i>versus</i> verbos atélicos marcados com expressão temporal no passado. ....	139
<b>Gráfico 6.</b> Proporção de sacadas para verbos télicos marcados com expressão temporal no passado <i>versus</i> verbos atélicos marcados com expressão temporal no passado .....	140
<b>Gráfico 7.</b> Proporção de fixações para verbos télicos <i>versus</i> verbos atélicos, em sentenças não marcadas com expressões temporais.....	141
<b>Gráfico 8.</b> Proporção de sacadas para verbos télicos <i>versus</i> verbos atélicos, em sentenças não marcadas com expressões temporais.....	142
<b>Gráfico 9.</b> Proporção de sacadas para verbos télicos marcados com expressões temporais no passado <i>versus</i> verbos télicos não marcados com expressões temporais.....	143

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO .....</b>	<b>19</b>
1.1 A proposta de análise .....	19
1.2 Justificativa.....	21
1.3 Questões de pesquisa.....	22
1.4 Estrutura da dissertação.....	23
<b>CAPÍTULO 2: TENSE E ASPECTO.....</b>	<b>25</b>
2.1 Estrutura do Evento .....	25
2.2 Tense .....	28
2.3 Aspecto .....	34
2.3.1 Aspecto gramatical .....	35
2.3.2 Aspecto lexical .....	40
2.4 Tense <i>versus</i> Aspecto .....	48
2.5 Línguas sem-tense .....	51
2.5.1 Chinês: um exemplo de língua sem-tense.....	53
2.5.1.1 As referências temporais de passado, presente e futuro no chinês.....	54
2.5.1.2 As propriedades sintáticas associadas à classificação do chinês como uma língua sem-tense .....	60
2.6 Síntese do capítulo.....	65
<b>CAPÍTULO 3: TENSE E ASPECTO NAS LÍNGUAS DE SINAIS .....</b>	<b>66</b>
3.1 A (não) marcação de tense em línguas de sinais .....	66
3.2 ASL .....	67
3.3 TÍD .....	76
3.4 Libras.....	84
3.5 Outras línguas de sinais .....	88
3.6 Síntese do capítulo.....	92



<b>CAPÍTULO 4: LIBRAS: UMA LÍNGUA SEM-TENSE .....</b>	<b>94</b>
4.1 Verbo sem morfologia de tense e opcionalidade da expressão temporal ou do advérbio de tempo .....	95
4.2 Passado não marcado gramaticalmente no verbo .....	97
4.3 Futuro marcado por auxiliar .....	100
4.4 Predicados de nominais nus .....	101
4.5 Ausência de sujeito expletivo .....	103
4.6 Ausência de distinção morfológica entre finito e não-finito .....	104
4.7 Ausência de movimento motivado por Caso.....	106
4.8 Interpretação de referência temporal baseada em aspecto .....	107
4.9 Síntese do capítulo.....	109
<b>CAPÍTULO 5: A INTERAÇÃO ENTRE ASPECTO E INTERPRETAÇÃO DE REFERÊNCIA TEMPORAL EM LIBRAS</b>	<b>110</b>
5.1 Hipótese da Visibilidade do Evento (HVE) .....	110
5.2 Marcação de telicidade em Libras .....	114
5.3 Interpretação temporal baseada em aspecto: julgamento de sentenças não-marcadas em Libras .....	117
5.3.1 Participantes .....	118
5.3.2 Materiais .....	118
5.3.3 Procedimentos.....	122
5.3.4 Resultados .....	123
5.3.5 Discussão .....	126
5.4 Interpretação temporal baseada em aspecto: um estudo piloto de rastreamento ocular .....	128
5.4.1 Participantes.....	132
5.4.2 Materiais .....	132
5.4.3 Procedimentos.....	137
5.4.4 Resultados .....	138
5.4.5 Discussão .....	143
5.5 Síntese do capítulo.....	145
<b>CAPÍTULO 6: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>147</b>

<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>149</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>155</b>
Apêndice 1 Sentenças do teste de julgamento de compreensão da referência temporal .....	155
Apêndice 2 Script 1 (do estudo piloto utilizando rastreamento ocular) .	157
Apêndice 3 Script 2 (do estudo piloto utilizando rastreamento ocular) .	159

# **CAPÍTULO 1:**

## **INTRODUÇÃO**

A marcação gramatical de tense nas línguas naturais é um tema que já despertou o interesse de muitos pesquisadores, tendo se tornado um recorrente objeto da pesquisa linguística. Os mecanismos gramaticais que as línguas utilizam para estabelecer relações temporais podem variar de língua para língua, já que cada língua pode utilizar recursos distintos para fazê-lo. Tense, ou tempo verbal, como é comumente traduzido para o português, é um desses mecanismos.<sup>1</sup>

Esta dissertação de mestrado objetiva investigar se e como ocorre a marcação de tense em Libras (Língua Brasileira de Sinais) e como ela está relacionada à marcação aspectual no domínio verbal. Para tanto, a compreensão de como tempo, tense e aspecto são codificados na Estrutura do Evento de sentenças em Libras se faz necessária e será desenvolvida ao longo deste trabalho.

### **1.1 A proposta de análise**

Uma língua de tense é aquela que apresenta material morfológico para codificar a ancoragem de um evento a um ponto específico do tempo (em relação ao momento da enunciação) (COMRIE, 1985; VELUPILLAI, 2012).

---

<sup>1</sup> De modo a evitar confusões terminológicas e conceituais, adotaremos nesta dissertação o termo tense não traduzido para o português.

Por sua vez, uma língua sem-tense não utiliza de tal estratégia para ancorar eventos à linha do tempo e pode estabelecer relações temporais utilizando outros mecanismos, como por exemplo o uso de expressões temporais e advérbios de tempo.

Lin ressalta que “algumas línguas não possuem nenhum marcador gramatical de tense, mas mesmo assim expressam tempo tão precisamente quanto aquelas que os possuem” (LIN, 2012, p. 669).<sup>2</sup> Isso evidencia que tempo e tense são categorias distintas. Portanto, as relações gramaticais relacionadas a elas também o são.

O chinês é um exemplo de língua sem-tense, conforme a análise de Lin (2012). Nessa língua, raízes verbais “não são obrigatoriamente flexionadas para pessoa, número, gênero, tense ou aspecto e não necessitam co-ocorrer com marcadores temporais, aspectuais ou modais” (LIN, 2012, p. 671).<sup>3</sup> A partir de sua análise para o chinês, o autor estabelece propriedades sintáticas relacionadas à ausência de tense que também foram encontradas em outras línguas sem-tense (LIN, 2012, seq. 4). Dessa forma, uma maneira interessante de verificar o estatuto de uma língua em relação à marcação gramatical de tense seria testá-la quanto às propriedades estabelecidas pelo autor.

---

<sup>2</sup> *Some languages have no grammaticalized tense markings at all but nevertheless express time as precisely as those that do.*

<sup>3</sup> *Verbal stems in Chinese are not obligatorily inflected for person, number, gender, tense or aspect and need not co-occur with a temporal, aspectual or modal marker.*

No âmbito das pesquisas linguísticas das línguas sinalizadas, os marcadores gramaticais de tense também têm sido investigados desde a década de 1970. Diferentes propostas são encontradas na literatura. Na ASL (Língua de Sinais Americana), por exemplo, autores apontam para a existência de marcação de tense por meio da mudança no padrão de movimento dos sinais (AARONS et al., 1995; JACOBOWITZ; STOKOE, 1988; NEIDLE et al., 2000; SANDLER; LILLO-MARTIN, 2006) e até por meio de marcadores não-manuais (GROSE, 2003). Por outro lado, há propostas de que em ASL não há marcação de tense (FRIEDMAN, 1975). Análises divergentes também são encontradas em TİD (Língua de Sinais Turca) e em Libras.

A análise proposta nesta dissertação se insere nesse contexto de discussão. Dessa forma, pretendemos investigar como a gramática da Libras codifica informações de tempo, tense e aspecto e qual é a relação entre elas.

## **1.2 Justificativa**

As últimas décadas foram muito importantes para que, cada vez mais, as línguas de sinais pudessem ser reconhecidas como línguas naturais. Desse modo, investigar um fenômeno que permita descrever a estrutura gramatical da Libras contribui para esse processo, além de inseri-la nas discussões que têm sido propostas pelas pesquisas formais de línguas ao redor do mundo.

Adicionalmente, segundo Lin (2012, p. 669), as línguas sem-tense “têm recebido muito menos atenções do que as línguas de tense, apesar de sistemas

gramaticais sem-tense parecerem representar pelo menos a metade dos sistemas de tense-aspecto do mundo, de acordo com o trabalho de DeCaen (1996)”.<sup>4</sup> Dessa forma, o autor evidencia a necessidade de análises que se voltem para a ausência de marcação de tense nas línguas do mundo e esperamos que esta dissertação possa contribuir com esse debate.

Ademais, pesquisadores apontam que a ausência de tense gramatical parece ser um universal entre as línguas de sinais (PFAU; STEINBACH; WOLL, 2012; VELUPILLAI, 2012). Verificar essa afirmação, também se constitui como uma justificativa para nossa análise da Libras enquanto língua sem-tense.

Destarte, pesquisas linguísticas em Libras são relevantes para evidenciar a língua e a Comunidade Surda brasileiras, reafirmando o status linguístico das línguas de sinais, contribuindo também para as discussões sobre política linguística, ensino de línguas, bilinguismo e educação de surdos.

### **1.3 Questões de pesquisa**

A partir da investigação das estratégias utilizadas para o estabelecimento de referência temporal em Libras, as questões de pesquisa que norteiam este trabalho são:

---

<sup>4</sup> *Have received much less attention than tensed languages, even though “grammatically tenseless” systems seem to make up at least half of the worlds tense-aspect systems, according to DeCaen’s (1996) work.*

- i) Quais são os mecanismos utilizados para o estabelecimento de referência temporal em Libras?
- ii) A Libras possui marcação gramatical de tense?
- iii) A Libras apresenta as propriedades sintáticas e semânticas associadas à ausência de tense?
- iv) Há uma relação entre a marcação aspectual no domínio verbal e a interpretação temporal dos eventos em Libras?

#### **1.4 Estrutura da dissertação**

Objetivando responder às questões apresentadas, esta dissertação está organizada em 6 capítulos. Neste primeiro capítulo, apresentamos o tema geral da pesquisa, os fatores que a justificam e as questões que pretendemos responder ao longo do texto. O Capítulo 2 aborda os conceitos de tempo, tense e aspecto, contrastando tais categorias. Além disso, apresentamos o conceito de língua sem-tense e suas características semântico-sintáticas. O Capítulo 3 apresenta uma revisão da literatura de tense e aspecto nas línguas de sinais, incluindo autores que já propuseram análises para as línguas de sinais como sendo de tense ou sem-tense, como a ASL, TÍD e Libras, além de um panorama desse debate para outras línguas sinalizadas. Tendo por base as

propriedades sintáticas das línguas sem-tense apresentadas por Lin (2012), no Capítulo 4 analisamos como a Libras se comporta em relação a cada uma dessas propriedades. No Capítulo 5, a interação entre aspecto e interpretação de referência temporal em Libras é investigada e são apresentados os dois estudos realizados na tentativa de compreender melhor como o surdo estabelece referência temporal de sentenças em Libras: um julgamento de compreensão de sentenças sinalizadas e um estudo piloto utilizando rastreamento ocular. Por fim, no Capítulo 6, são apresentadas nossas considerações finais.



## **CAPÍTULO 2:**

### **TENSE E ASPECTO**

Este capítulo introduz os conceitos de tense e aspecto. A Seção 2.1 discute a chamada Estrutura do Evento, tal como é descrita na literatura. Na Seção 2.2, trazemos o conceito de tense, discutindo sua relação com a noção mais geral de tempo. A Seção 2.3 discorre sobre aspecto. A Seção 2.4 contrasta as categorias de tense e aspecto e, por fim, na Seção 2.5, o conceito de uma língua sem-tense e suas características são abordados.

#### **2.1 Estrutura do Evento**

Para iniciarmos a discussão a respeito de tense e aspecto, são necessárias algumas definições que se relacionam ao tema. A primeira delas é Estrutura do Evento. Rappaport Hovav *et al.* (2010, p. 1) apresentam evento como a unidade que o falante utiliza para segmentar o fluxo dos acontecimentos no mundo real. Segundo as autoras, eventos são estruturas complexas que envolvem a codificação dos acontecimentos em relação às dimensões temporais, à ancoragem no tempo e às circunstâncias que o definem enquanto real ou irreal (RAPPAPORT HOVAV; DORON; SICHEL, 2010). Nesse sentido, eventos podem ser analisados a partir de noções como eventividade, duratividade e telicidade.

A eventividade é a propriedade que diz respeito à distinção entre estatividade e dinamicidade. Segundo Cançado e Amaral (2016, p. 148), a estatividade é uma propriedade de estados, pois estes não se alteram no decorrer do tempo. Por isso, estados não são compostos por fases e não apresentam (sub)estruturas complexas, como é possível observar no exemplo (1). Eventos, por sua vez, possuem dinamicidade, já que são compostos por “uma sucessão de intervalos ou fases”, exemplo (2), ou até por “um único intervalo que progride no tempo”, exemplo (3) (CANÇADO; AMARAL, 2016, p. 148).

(1) João sabe matemática.

(2) João construiu uma casa.

(3) João corre.

Duratividade e telicidade são propriedades exclusivas de eventos. A duratividade diz respeito à extensão temporal do evento, que pode ser pontual, “se descreve uma eventualidade que ocorre em um momento único e instantâneo”, conforme pode se ver no exemplo (4), ou durativo “quando a eventualidade descrita se estende por um determinado período de tempo”, exemplo (5) (CANÇADO; AMARAL, 2016, p. 148). É importante ressaltar que, mesmo que um determinado evento seja instantâneo, todo evento apresenta duratividade.

(4) João morreu.

(5) João dorme.

Por fim, a telicidade diz respeito à presença de *telos*, ou seja, um evento télico possui um ponto final inerente (KEARNS, 2011; VENDLER, 1957). Voltaremos a essa discussão na Seção 2.3.

É preciso ressaltar, porém, que a Estrutura do Evento compreende não apenas o verbo, mas também sua estrutura argumental (argumentos/modificadores), conforme descrito por Rappaport Hovav *et al.* (2010, p. 2):

Na proposta de trabalho da semântica do evento, verbos são tomados como predicados de eventos, contudo, a unidade linguística que descreve eventos específicos inclui o verbo, seus argumentos e vários tipos de modificadores de VP.<sup>5</sup> As propriedades semânticas resultantes da descrição de um determinado evento codificado em uma sentença específica são determinadas por uma complexa interação entre a semântica do verbo, as propriedades referenciais dos argumentos e suas características morfossintáticas, e as propriedades de adjuntos temporais e locativos.<sup>6</sup>

Isso significa que a interpretação semântica do evento não é fornecida unicamente pelo verbo, mas é derivada das diferentes interações entre o verbo e outros elementos da oração (FILIP, 2012; RAPPAPORT HOVAV; DORON; SICHEL, 2010). Por exemplo, o verbo “morrer” que, inicialmente, seria interpretado como denotando um evento pontual, pode ter uma leitura durativa a partir da interação com elementos modificadores, conforme é mostrado nos exemplos a seguir:

---

<sup>5</sup> VP = *verb phrase* (sintagma verbal).

<sup>6</sup> *In the framework of event semantics, verbs are taken to be predicates of events; however, the linguistic units which describe specific events include the verb, its arguments, and various types of VP modifiers. The ultimate semantic properties of the event description encoded in particular sentences are determined by a complex interaction between the lexical semantics of the verb, the referential properties of arguments and their morphosyntactic expression, and properties of temporal and locative adjuncts.*

(6) João morreu.

(7) João morreu lentamente.

Assim, a partir da noção de Estrutura do Evento passemos a discutir os conceitos de tense e de aspecto, assim como a relação entre eles.

## 2.2 Tense

Dentre as informações semânticas que compõem o evento, aquelas relativas ao tempo são as que nos interessam na análise deste trabalho. Jespersen (1933 *apud* Lin 2012, p. 670) apresenta os seguintes conceitos:

- i) **tempo** (*time*) é uma noção comum a todos os seres humanos, que independe das línguas e da linguagem;
- ii) **tense** é uma categoria linguística, que varia de uma língua para a outra, e é a expressão gramatical das relações de tempo, que pode ser indicada pela forma verbal ou não.

Hewson (2012, p. 508) chama a atenção para o fato de que frequentemente há uma confusão entre esses dois conceitos. Na literatura linguística em língua portuguesa, essa confusão parece ser ainda mais recorrente, devido ao fato de muitos autores utilizarem a palavra ‘tempo’ para se referir aos dois conceitos. Um exemplo disso é visto na *Gramática Fácil do Português*, de Evanildo

Bechara (2014, p. 58), em que o autor apresenta as seguintes definições em uma seção intitulada “tempos do verbo”:

**Presente**

Em referência a fatos que se passam ou se estendem ao momento em que falamos: (eu) canto.

**Pretérito**

Em referência a fatos anteriores ao momento em que falamos e subdividido em imperfeito, perfeito e mais-que-perfeito: cantava (imperfeito), cantei (perfeito) e cantara (mais-que-perfeito).

**Futuro**

Em referência a fatos ainda não realizados e subdividido em futuro do presente e futuro do pretérito: cantarei (futuro do presente) e cantaria (futuro do pretérito [que implica também a modalidade condicional]).

Perceba que a descrição fornecida por Bechara parece incorporar ambos os conceitos de tempo e de tense, sem oferecer ao leitor uma distinção mais refinada desses dois construtos no PB (Português Brasileiro).

Comrie define tense como uma categoria [gramatical] dêitica que localiza situações no tempo, normalmente com referência ao tempo presente (COMRIE, 1985, seq. 1.5). Definição semelhante é dada por Velupillai (2012, p. 194) que define tense como “uma maneira gramatical de colocar um evento em um ponto específico do tempo”.<sup>7</sup> Em outras palavras, tense é uma estratégia linguística utilizada para indicar quando um evento ocorreu em relação ao tempo da enunciação.

---

<sup>7</sup> *A grammatical way for placing an event at a particular point in time.*

Velupillai (2012, seq. 8.2) identifica quatro estratégias principais adotadas por diferentes línguas para codificar tense: i) morfologia sintética; ii) morfologia analítica; iii) formas supletivas; e iv) marcação tonal.

Um exemplo de língua que emprega morfologia sintética na marcação de tense é o PB. Nessa língua, as chamadas desinências verbais especificam as categorias de tense presentes em sua gramática.<sup>8</sup>

(8) Português Brasileiro:

- a. Eu cant-**o**  
1SG cantar-PRES.IND.1SG
  
- b. Eu cant-**ei**  
1SG cantar-PASS.PFV.IND.1SG
  
- c. Eu cant-a-**rei**  
1SG cantar-VT-FUT.PRES.IND.1SG

Já em Rapanui,<sup>9</sup> o morfema livre *i* é utilizado para marcar analiticamente o passado nessa língua, como é observado no exemplo (9) a seguir:

---

<sup>8</sup> O PB apresenta morfologia verbal sincrética, a saber, desinência modo-temporal e número-pessoal, que condensa as informações relativas a todas essas categorias. Nas palavras de Bechara “no português há categorias que estão sempre ligadas: não se separa a ‘pessoa’ do ‘número’ nem o ‘tempo’ do ‘modo’” (BECHARA, 2014, p.58).

<sup>9</sup> “O idioma rapanui (*Vananga rapa nui*) é a mais oriental das línguas malaio-polinésias, falada na Ilha de Páscoa (Chile). (...) Não existem mais do que 2.500 de falantes do rapanui, 2.000 na própria ilha e o resto no Chile continental e em outras partes do mundo. Era um idioma em franca regressão até há pouco tempo. Atualmente existe uma Comissão de Estruturação da Língua Rapanui, que tem elaborado uma gramática e um dicionário etimológico” (LÍNGUA rapanui. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua\\_rapanui](https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua_rapanui)> Acesso em: 19 ago. 2019).

(9) Rapanui:

a            Papi**i**            ma`u    i            te            rama.  
P.SG        Papi**PASS**    pegar   RLT        SPE        tocha.  
'Papi pegou a tocha'

(DU FEU, 1996, p. 196 *apud* VELUPILLAI, 2012)

A terceira estratégia apontada pela autora é o uso de formas supletivas, encontrada, por exemplo, no inglês, em que algumas raízes verbais possuem uma forma lexical supletiva para indicar passado.

(10) Inglês:

- a. I **go**                    to            the            mall.  
Eu **ir.PRES**            para        DET        shopping.  
'Eu vou ao shopping.'
- b. I **went**                    to            the            mall.  
Eu **ir.PASS**            para        DET        shopping.  
'Eu fui ao shopping.'

Por fim, ainda há línguas que codificam tense por meio da marcação tonal. Em Shimakonde,<sup>10</sup> por exemplo, há verbos que são marcados diferentemente por tom, de acordo com o tense da sentença. Em (11), a diferença entre futuro e presente é marcada pela diferença entre o tom baixo e o tom alto na vogal anterior média-alta da raiz verbal:

---

<sup>10</sup>“A língua maconde (em maconde, *Shimakonde*) é língua banta falada pelo povo de Makonde no sudeste da Tanzânia e no norte de Moçambique ao longo do rio Ruvuma. Segundo a Ethnologue, existem 900 mil falantes de Makonde na Tanzânia e 360 mil em Moçambique” (LÍNGUA maconde In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua\\_maconde](https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua_maconde)> Acesso em: 19 ago. 2019).

(11) Shimakonde:

- a. va-nda-táleék-a            u-gwaáli.  
CN2-FUT-cozinhar-VF    CN14-shima  
'Eles cozinharão shima'.
- b. vá-ndá-taléék-a            u-gwaáli.  
CN2-PRES-cozinhar-VF    CN14-shima  
'Eles cozinham shima'.

(LEACH, 2010, p. 159)<sup>11</sup>

Lin (2012, p. 670) argumenta que, para que uma língua seja considerada como uma língua com tense, essa “requer a presença de um morfema que localize uma situação no tempo, ainda que essa mesma informação temporal possa ser transmitida por outras expressões de tempo”.<sup>12</sup> Adicionalmente, morfologia de tense faz parte da gramática da língua e, portanto, é obrigatória mesmo em contextos em que ela não é necessária para a interpretação semântica da referência temporal (COMRIE, 1985, p. 8; LIN, 2012, p. 670).

Ainda sobre o estatuto gramatical de tense, Lin afirma que advérbios temporais não podem ser considerados marcadores de tense já que não são “expressões gramaticalizadas que ocorrem em todas as sentenças (matrizes)” (LIN, 2012, p. 670).<sup>13</sup>

Antes de seguirmos para a discussão sobre aspecto, faz-se necessário lembrarmos que tense não é a única maneira encontrada pelas línguas para se

---

<sup>11</sup> Agradeço a Ronaldo de Paula pela atenciosa ajuda com a indicação dos dados do Shimakonde.

<sup>12</sup> *A tensed language requires the presence of a morpheme that locates a situation in time whether or not similar temporal information is conveyed by other temporal expressions.*

<sup>13</sup> *Grammaticalized expressions that appear in every (matrix) sentence.*



estabelecer referência temporal. Comrie (1985, p.8) afirma que todas as línguas humanas têm estratégias para localizar temporalmente eventos, mas nem todas fazem uso de tense. Considerando que tense é uma estratégia gramatical, Comrie sugere que uma outra alternativa é o emprego de itens lexicais ('ontem', 'amanhã', etc.) ou expressões lexicais ('há cinco minutos', 'daqui a duas horas', etc.) criando assim uma divisão entre estratégias gramaticais (tense) e lexicais. Algumas línguas podem utilizar ambas as estratégias ou não.

Desse modo, apesar de expressarem informações que retomam a existência do tempo cronológico, não necessariamente as línguas ancoram os eventos expressos a uma linha do tempo por meio de categorias gramaticais específicas. E quando o fazem por meio de tense podem apresentar correlações temporais distintas, como um sistema bipartite entre passado e não-passado, ou futuro e não-futuro, ou ainda um sistema tripartite, entre passado, presente, futuro.<sup>14</sup>

Em suma,

- i) Todas as línguas possuem estratégias para localizar temporalmente os eventos.
- ii) Essas estratégias podem ser de natureza gramatical (tense) ou lexical.

---

<sup>14</sup> Para uma discussão sobre os diferentes sistemas de marcação de tense, remeto o leitor à Seção 8.2 de Velupillai (2012).

iii) Nem todas as línguas o fazem por meio de mecanismos gramaticais (tense). Essas línguas sem-tense serão discutidas na seção 2.5.

### 2.3 Aspecto

Aspecto também é uma categoria relacionada à interpretação temporal do evento. Contudo, a relação de tempo codificada pelo aspecto é diferente daquela codificada por tense. Comrie (1976, p. 3) define aspecto como as “diferentes maneiras de ver a constituição temporal interna de uma situação”.<sup>15</sup> Desse modo, ao contrário de tense, aspecto não está relacionado ao ponto da linha do tempo em que o evento está ancorado – tampouco se o evento está de fato ancorado. O aspecto diz respeito às propriedades temporais internas do evento e de seu desenrolar.

A discussão de aspecto proposta por Comrie (1976) engloba tanto as oposições aspectuais envolvendo as noções de perfectivo/imperfectivo, habitual/contínuo e progressivo/não-progressivo, dentro daquilo que é definido pelo autor como aspecto gramatical, como também em relação ao aspecto semântico, também denominado aspecto lexical (ver também CANÇADO; AMARAL, 2016; FILIP, 2012; VENDLER, 1957).

---

<sup>15</sup> *Aspects are different ways of viewing the internal temporal constituency of a situation.*

### 2.3.1 Aspecto gramatical

Aspecto gramatical é definido por Cançado e Amaral (2016, p.141) como o aspecto do ponto de vista, pois ele revela duas perspectivas básicas em relação ao evento. A primeira é a forma perfectiva, o “olhar de cima” que se tem em relação ao evento, como um todo, ocorrendo a delimitação de um ponto inicial e um ponto final. A segunda é a forma imperfectiva, o “olhar por dentro” do evento, sendo possível ver as diferentes fases que o compõem.

Velupillai (2012) também descreve o aspecto gramatical como sendo a categoria que denota a perspectiva assumida em relação ao evento. A autora cita ainda Johanson (2001) que diz que o aspecto gramatical lida com

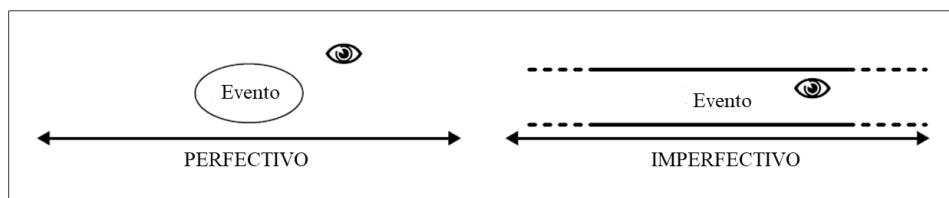
mecanismos morfológicos que expressam diferentes pontos de vista de eventos linguisticamente representados, concebendo-os de diferentes maneiras relacionadas a seus limites e sinalizando como eles são vistos sob pontos de vista aspectuais (JOHANSON, 2001).<sup>16</sup>

Velupillai diferencia os aspectos perfectivo e imperfectivo, assumindo uma distinção de pontos de vista, semelhante ao que vimos em Cançado e Amaral (2016). Assim, o perfectivo é descrito como a perspectiva do todo e o imperfectivo como a perspectiva de dentro do evento. Esses pontos de vistas são ilustrados na Figura 1.

---

<sup>16</sup> *Morphological devices expressing different views of linguistically represented events, envisaging them in various ways relative to their limits, and signalling how they come into view at aspectual viewpoints.*

**Figura 1.** Diferença do ponto de vista (representado pelo símbolo do olho) entre o perfectivo e o imperfectivo.



Fonte: (VELUPILLAI, 2012, p. 210)

De modo análogo à marcação de tense, línguas podem ou não ter marcação gramatical de aspecto, ou, ainda, podem determinar quais distinções aspectuais serão marcadas morfológicamente. Dahl e Velupillai (2013) afirmam que a maioria das línguas não marca gramaticalmente a distinção entre perfectivo e imperfectivo.

A língua Rendille<sup>17</sup> faz parte do grupo das línguas que distingue gramaticalmente os aspectos perfectivo e imperfectivo, conforme ilustram os exemplos a seguir:

(12) Rendille:

- a. khadaabbe                      chiirte.  
    carta.PL                        escrever.PFV  
    ‘Ele escreveu cartas’.
  
- b. khadaabbe                      chiirta.  
    carta.PL                        escrever.IPFV  
    ‘Ele escreve/está escrevendo/estava escrevendo/escreverá cartas’.

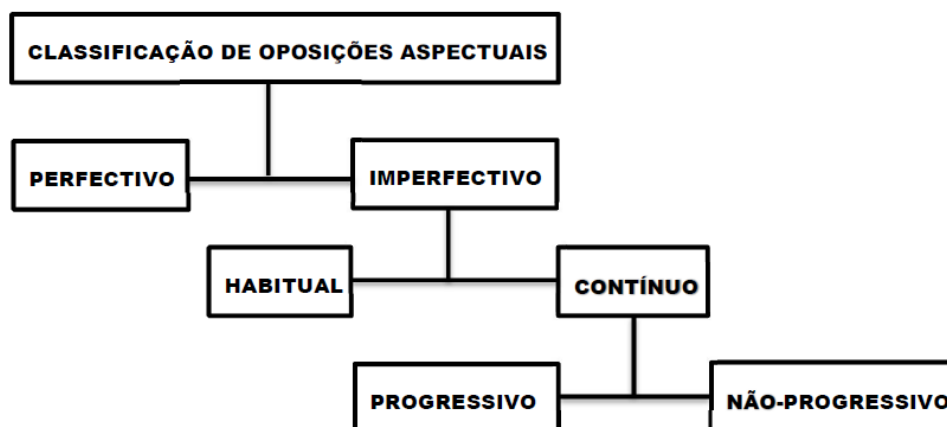
(DAHL; VELUPILLAI, 2013)

<sup>17</sup> “A língua Rendille (também conhecida como Rendile ou Randille) é uma língua afro-asiática falada pelo povo Rendille, que habita o norte do Quênia. Possui aproximadamente 60.000 falantes.” (RENDILLE language. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <[https://en.wikipedia.org/wiki/Rendille\\_language](https://en.wikipedia.org/wiki/Rendille_language)> Acesso em: 19 ago. 2019).

No exemplo (12), vemos a oposição entre perfectivo em (a)(12), marcado morfológicamente por {-e}, e imperfectivo em (b), marcado morfológicamente por {-a}. Como nos exemplos do Rendille não há nenhuma marcação de tense para o evento ‘escrever cartas’, fica ainda mais claro observar a distinção entre o evento acabado, no perfectivo, e inacabado no imperfectivo, que não necessariamente está associado a tense presente, podendo ser traduzido para o português como passado, presente ou futuro.

O aspecto gramatical de um evento pode ser ainda mais detalhado, já que o imperfectivo pode se desdobrar em duas outras oposições. Comrie (1976) apresenta a seguinte classificação:

**Figura 2.** Classificação de oposições aspectuais proposta por Comrie.



Fonte: Comrie (1976, p. 25)

O aspecto imperfectivo se subdivide em habitual e contínuo. Pode-se dizer que o aspecto habitual “denota que um evento acontece regularmente ou é verdadeiro por uma extensão de tempo” (VELUPILLAI, 2012, p. 212), sendo essa regularidade “a repetição de uma situação ou a sucessiva ocorrência de

diversas instâncias de uma situação” (COMRIE, 1976, p. 27).<sup>18</sup> Cançado e Amaral (2016, p. 143) apresentam os seguintes exemplos de imperfectivo habitual para o PB:

(13) O Paulo escrevia quando jovem.

(14) A Maria escreve atualmente.

Tanto (13) quanto (14) demonstram que o evento de escrita apresenta regularidade, repetindo-se em períodos de tempo no passado ou no presente, apesar de as sentenças codificarem tenses distintos.

Já o aspecto contínuo é explicado por Comrie (1976, p. 27) como sendo o outro tipo de aspecto imperfectivo, que não o habitual. O autor justifica essa definição por contraste a partir da complexidade do aspecto contínuo que apresenta diferentes possibilidades combinatórias tanto em nível sintático quanto em nível semântico. Já Cançado e Amaral (2016, p. 144) descrevem o contínuo como uma situação composta por fases sucessivas, também em oposição ao habitual. Esse pode ser progressivo ou não-progressivo,

---

<sup>18</sup> Comrie (1976) faz duas ressalvas a respeito do conceito de habitualidade. A primeira diz respeito ao critério a ser considerado para a classificação de uma determinada situação como imperfectivo habitual: apenas uma repetição não é suficiente, são necessárias várias repetições do evento de modo a criar uma espécie de rotina. Não entrariam aqui, por exemplo, verbos como piscar, tossir, pular (os chamados semelfactivos), uma vez que a repetição presente nesses eventos não pressupõe necessariamente mais de um evento. A segunda é relativa às formas habituais que não tem nenhum traço de iteratividade, já que a definição de hábito subentende vários eventos, que, juntos, compõem uma rotina. A respeito dos semelfactivos, ver Smith (1997).

denotando se o evento está em andamento ou não. Comrie aponta que nem sempre essa será uma diferenciação marcada nas línguas:

Em algumas línguas, a distinção entre os significados de progressivo e não-progressivo por meio de formas progressivas e não-progressivas é obrigatória, enquanto em outras o uso de formas especificamente progressivas é opcional, o inglês pertence ao primeiro tipo (...) enquanto no espanhol e no italiano é possível substituir o progressivo por outras formas, sem implicar o sentido de não-progressivo (COMRIE, 1976, p. 33).

O italiano e o espanhol possuem marcação morfológica para o aspecto progressivo, entretanto, essa não é distintiva na indicação de que o evento está em progresso, ou seja, a retirada do morfema não implica na leitura aspectual de não-progressivo. O inglês opera de modo diverso, em que a retirada da marca de progressivo indica necessariamente a leitura aspectual de não-progressivo.

(15) Inglês

- a. John is sing-**ing**.  
John ser.PRES.3PS cantar-**PROG**  
'John está cantando'.
- b. John sing-**s**  
John cantar-**PRES.3PS**  
'John canta'.

(COMRIE, 1976, p. 33)

(16) Espanhol

- a. Juan está cant-a-ndo  
Juan ser.PRES.IND.3PS cantar-VT-PROG  
'Juan está cantando'.
- b. Juan cant-a  
Juan sing-PRES.IND.3PS  
'Juan canta'.

(COMRIE, 1976, p. 33)

No caso de (15), o morfema {-ing} marca o progressivo no evento de 'cantar' em (a), enquanto em (b) sua ausência implica na não progressividade desse mesmo evento. Já nos exemplos do espanhol, em (16), não se pode ter essa mesma leitura, (a) e (b) podem ter uma mesma leitura aspectual de progressivo, sem que o morfema {-ndo} seja distintivo.

### 2.3.2 Aspecto lexical

Além do aspecto gramatical, tem-se o aspecto lexical, que possui uma perspectiva distinta de compreensão do evento, partindo do sentido inerente do verbo (daí a nomenclatura de Comrie (1976), 'aspecto inerente'). Filip (2012, p. 721) define aspecto lexical como:

uma categoria semântica relativa às propriedades de eventualidades (...) expresso por verbos. Em termos gerais, as propriedades em questão têm a ver com a presença de algum fim ou limite na estrutura lexical de certas classes de verbos e sua ausência em outras.<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> *A semantic category that concerns properties of eventualities (in the sense of Bach, 1981) expressed by verbs. In the most general terms, the properties in question have to do with the presence of some end, limit or boundary in the lexical structure of certain classes of verbs and its lack in others.*



Velupillai (2012, p. 208) diferencia essas categorias ao apontar que o aspecto lexical é uma especificação semântica. A autora demonstra a diferença entre alguns verbos do inglês, como *cough*, *freeze*, *sing* e *build*.<sup>20</sup> Ainda que seja possível localizar todos esses verbos nos mesmos referenciais temporais, de passado, presente ou futuro, marcando-os morfologicamente em relação a tense e também ao aspecto gramatical, sua especificação semântica pode ser distinta.

(17) João tossiu.

(18) A água congelou.

(19) O pedreiro construiu a casa.

(20) Maria cantou samba.

Traduzindo-se os verbos apontados por Velupillai, é possível vislumbrar tais diferenças. Os exemplos (17), (18), (19) e (20) estão todos marcados morfologicamente no pretérito perfeito do indicativo do PB, contudo é possível percebermos as diferentes nuances de sentido apontadas pela autora. O exemplo (17) apresenta uma pontualidade que não pode ser percebida em (18), que, por sua vez, é processual e durativo. Já o exemplo (19) apresenta uma noção de completividade relacionada ao ponto final do evento, a casa construída, que não parece estar contida em (20).

---

<sup>20</sup> Tossir, congelar, cantar, construir.

O aspecto lexical também está associado à noção de *Aktionsart*. Filip (2012, p. 725) explica que esse termo alemão significa “maneira(s) de ação” e foi cunhado por Agrell, pela primeira vez em 1908. Inicialmente, o termo se referia à classificação de afixos na formação de palavras, diferenciando aqueles que expressavam aspectos distintivos para os eventos, como terminativo, resultativo, delimitativo; daqueles que apresentavam morfologia flexional que codificava aspecto gramatical. Décadas depois, a partir de 1970, *Aktionsart* foi desassociado da morfologia derivacional e passou a ser empregado para referir-se às classes aspectuais. Nesse sentido, Filip (2012, p. 725) coloca que essa expressão pode ser usada como sinônimo de classe aspectual, sendo definida como “uma propriedade semântica intrínseca dos verbos, VPs e sentenças”.<sup>21</sup>

Vendler (1957, 1967) já havia discutido essas mesmas relações intrínsecas e inerentes aos verbos, tendo proposto uma classificação verbal em quatro classes aspectuais a partir do aspecto lexical, a saber: i) Verbos de Estado; ii) Verbos de Atividade; iii) Verbos de *Accomplishment*; iv) Verbos de *Achievement*. Tais classes foram estabelecidas partindo do pressuposto de que as relações de tempo e tense são relevantes para o verbo, contudo, para além das informações presentes na Estrutura do Evento, “o uso de um verbo

---

<sup>21</sup> *An intrinsic semantic property of verbs, verb phrases and sentences.*

também sugere uma forma particular desse verbo que pressupõe e envolve a noção de tempo” (VENDLER, 1967, p. 97).<sup>22</sup>

É interessante observarmos que as quatro classes aspectuais propostas pelo autor são apresentadas em seu texto a partir da comparação e da oposição entre verbos e predicados que implicam em distintos esquemas temporais (*time schemata*, nas palavras do autor). Essas oposições apresentadas por Vendler foram, mais tarde, na literatura, explicadas em termos de propriedades aspectuais, tais como: dinamicidade, duratividade e telicidade.

Dinamicidade pode ser entendida a partir do que Vendler chama de processos que se desenrolam no tempo. Nesse sentido, Cançado e Amaral (2016, p. 149) explicam que verbos que não possuem dinamicidade são aqueles cuja “situação que descrevem não progride ou não se desenvolve em um intervalo de tempo, não sendo necessário nenhum tipo de força ou de movimento para que a situação se mantenha”.

Já a propriedade de duratividade diz respeito à extensão temporal do evento, isto é, à presença de fases na realização da situação. Um evento durativo teria como oposição um evento pontual. É importante apenas salientar que todo evento possui um intervalo de tempo, por menor que seja. Assim, com base na nomenclatura sugerida por Smith (1991), Cançado e Amaral (2016) tratam essa propriedade como “intervalo de tempo”, diferenciando a presença de

---

<sup>22</sup> *The use of a verb may also suggest the particular way in which that verb presupposes and involves the notion of time.*

intervalos internos ao evento (durativo) *versus* a ausência de intervalos internos ao evento (pontual).

A telicidade diz respeito à presença ou não de um ponto final para o evento, que, assim, passa a ser classificado como télico ou atélico. Filip (2012) apresenta a seguinte definição para essa distinção, com base em Garey (1957):

Verbos télicos expressam uma ação que tende para um objetivo/meta, enquanto os atélicos descrevem situações que são realizadas tão logo elas se iniciam (...) o maior critério de distinção para a classe télica é o conceito geral de um tipo de ‘fim’ ou ‘limite’(FILIP, 2012, p. 721).<sup>23</sup>

A partir dessas três propriedades, as classes aspectuais vendlerianas podem ser descritas da seguinte maneira:

- i) **Verbos de Estado** são não-dinâmicos, durativos e atélicos (ex.: saber, gostar, permanecer).
- ii) **Verbos de atividade** são dinâmicos, durativos e atélicos (ex.: correr, trabalhar, brincar).
- iii) **Verbos de Accomplishment** são dinâmicos, durativos e télicos (ex.: construir, azulejar, modelar).
- iv) **Verbos de Achievement** são dinâmicos, não-durativos e télicos (ex.: morrer, chegar, cair).

---

<sup>23</sup> *Telic verbs express “an action tending toward a goal,” while atelic ones describe situations that “are realized as soon as they begin” (Garey, p. 106). For Garey, the main distinguishing criterion of the telic class is the general concept of some “end” or “limit”.*

Essas propriedades estão resumidas no Quadro 1.

**Quadro 1:** Classes propostas por Vendler (1967) conforme os valores aspectuais estabelecidos pelo autor para classificá-los.

Classe	Dinamicidade	Duratividade	Telicidade
Estados	-	+	-
Atividades	+	+	-
Accomplishments	+	+	+
Achievements	+	-	+

Fonte: Adaptado de Cançado e Amaral (2016, p. 167).

Outro modelo de classificação aspectual é proposto por Pustejovsky (1991, 1995, 2000), em que a Estrutura do Evento é analisada a partir dos sub-eventos que a compõem. Para o autor, há dois tipos de sub-eventos: estático (S, do inglês *Static*) e processo dinâmico (P, do inglês *Dynamic Process*). “Qualquer verbo das línguas naturais pode ser caracterizado como pertencente a um dos três tipos básicos de eventos: estados, processos ou transições”(PUSTEJOVSKY, 1991, p. 39).<sup>24</sup>

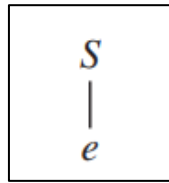
Estado “é um evento único, que não é avaliado em relação a nenhum outro evento” (PUSTEJOVSKY, 1991, p. 40)<sup>25</sup> e pode ser representado estruturalmente pela **Figura 3**:

---

<sup>24</sup> Any verb in natural language can be characterized as belonging to one of three basic event types: states, processes, or transitions.

<sup>25</sup> A single event, which is evaluated relative to no other event.

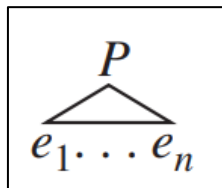
**Figura 3.** Representação de Estados (S).



Fonte: Pustejovsky (1991, p. 40).

Processo “é uma sequência de eventos que identificam uma mesma expressão semântica” (PUSTEJOVSKY, 1991, p. 40).<sup>26</sup> Sua representação estrutural é dada pela Figura 4:

**Figura 4.** Representação de Processos (P).



Fonte: Pustejovsky (1991, p. 40).

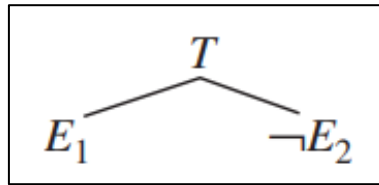
Por fim, transição é um “evento que identifica uma expressão semântica, cuja avaliação é dada em relação à sua oposição” (PUSTEJOVSKY, 1991, p. 40),<sup>27</sup> conforme a Figura 5:

---

<sup>26</sup> *A sequence of events identifying the same semantic expression*

<sup>27</sup> *Event identifying a semantic expression, which is evaluated relative to its opposition.*

**Figura 5.** Representação de Transições (T)<sup>28</sup>



Fonte: Pustejovsky (1991, p. 40).

Uma comparação das classes verbais propostas por Vendler (1957, 1967) e por Pustejovsky (1991) é fornecida no **Quadro 2**.

**Quadro 2.** Classes aspectuais de Vendler e de Pustejovsky.

Classes de Vendler	Classes de Pustejovsky	
	Tipo de evento	Sub-evento(s)
Estados	Estados	S
Atividades	Processos	P
Achievements	Transições	$S \rightarrow \neg S$
Accomplishments		$P \rightarrow S$

Fonte: adaptado de Wilbur (2008, p. 222)

Observe que, mesmo a partir do modelo de Pustejovsky, é possível distinguirmos a classe dos verbos de *accomplishment* e de *achievement*, a partir dos sub-eventos que os compõem. *Accomplishments* são compostos por um processo que se desenrola e culmina em um estado resultante

<sup>28</sup> Na representação estrutural de transições, *E* pode representar qualquer tipo de evento (*S* ou *P*).

(PUSTEJOVSKY, 1995, p. 71). Já *achievements* são decompostos em dois estados opostos ( $S \rightarrow \neg S$ ).

Essa classificação de Pustejovsky será importante para a nossa discussão sobre a marcação de telicidade nas línguas de sinais (ver Capítulo 5).

Passemos, a seguir, a discutir melhor a diferença entre tense e aspecto.

#### **2.4 Tense versus Aspecto**

É frequente a confusão entre as categorias tense e aspecto, uma vez que ambas se pautam em relações temporais implicadas pelo predicado eventivo. A respeito da distinção entre tense e aspecto, Comrie (1976, p. 5) afirma que:

tense é uma categoria dêitica, localiza situações no tempo, normalmente com referência ao tempo presente, apesar de também fazer referências a outras situações. Aspecto não diz respeito a relacionar o tempo da situação a qualquer outro ponto de tempo, mas sim com a constituição temporal interna da situação.

Desse modo, a distinção primária entre as categorias está no fato de tense indicar o tempo “externo” do evento, ancorando-o cronologicamente a uma linha sequencial de eventos, antes e após o momento da enunciação. Já aspecto refere-se ao tempo “interno” do evento, ou seja, como esse é realizado, independentemente de tense. A Figura 6 representa ambas categorias e evidencia suas relações temporais:



**Figura 6.** Representação de tempo, tense e aspecto



Na Figura 6, o tempo cronológico é representado pela linha azul contínua, indicando sua propriedade de infinito, estendendo-se para o passado – antes do tempo da enunciação – e futuro – após o tempo da enunciação. O aspecto é uma propriedade interna ao evento, representada pela linha pontilhada laranja. Esse não se expande para além do evento e não mantém uma ligação direta nem com tense nem com tempo. A ancoragem do evento à linha do tempo, representada pela seta verde, é tense.

Uma das implicações diretas de que as categorias tense e aspecto sejam distintas é o fato de que ambas podem se manifestar em uma língua de modo independente. Assim, uma determinada língua pode possuir marcação morfológica de tense e não possuir morfologia de aspecto e vice-versa.

A língua Nalik<sup>29</sup>, por exemplo, possui apenas morfologia de aspecto e não de tense:

(21) Nalik

gu    **runa**    va-nam-doxo            yang    ni  
2NPL **HAB**    CAU-estômago-bom    FOC    1SG  
'Você (sempre) me faz tão feliz'.

(VOLKER, 1994, p. 80)

O morfema {runa} indica aspecto habitual, mas segundo Velupillai (2012, p. 212) não está associado a nenhum tense específico e, portanto, (21) poderia se referir a passado, presente ou futuro. Note que, apesar de haver uma relação entre as categorias verbais que implicam tempo (tense e aspecto), essas correspondem a mecanismos gramaticais independentes que podem ou não estar presentes na gramática da língua.

Conforme discutido para tense, a marcação gramatical de aspecto também não é um princípio das línguas naturais, ele é parametrizado e pode ocorrer ou não. Mais uma vez é importante ressaltar que o fato de uma língua não marcar gramaticalmente aspecto não significa que a língua não conceitualize esse esquema temporal.

Até então, vimos que aspecto corresponde ao modo como o evento se desenvolve internamente e que tense é o mecanismo gramatical que ancora o

---

<sup>29</sup> A língua Nalik é falada por aproximadamente 5000 pessoas, localizadas em 17 vilas no distrito de Kavieng, Nova Irlanda, Papua Nova Guiné. É uma língua austronésiana, com a estrutura frasal de SVO. (NALIK language. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <[https://en.wikipedia.org/wiki/Nalik\\_language](https://en.wikipedia.org/wiki/Nalik_language)> Acesso em: 19 ago. 2019).

evento a uma linha do tempo “externa”. Passemos agora a discutir como se dá a interpretação de referência temporal em língua que não possuem tense.

## 2.5 Línguas sem-tense

Conforme apresentado na seção 2.2, tense é apenas uma das estratégias utilizadas pelas línguas naturais para o estabelecimento de relações temporais de eventos (COMRIE, 1985; LIN, 2012). “Já foi reportado que algumas línguas não apresentam nenhuma marca gramaticalizada de tense, mas, mesmo assim, expressam tempo com a mesma precisão que aquelas que as apresentam” (LIN, 2012, p. 669).<sup>30</sup> Essas línguas compõem o grupo das chamadas línguas sem-tense, ou *tenseless* do inglês. Assim, outros mecanismos são empregados, como o uso de expressões temporais (*há cinco minutos*) e advérbios de tempo (*ontem*), sem que tais estratégias sejam consideradas obrigatórias para a marcação de tempo na língua (cf. Seção 2.2).

Ao estabelecer critérios para a definição de uma língua sem-tense, Lin (2012, p. 670–671) diferencia tense de aspecto (discussão já apresentada na seção anterior) para esclarecer que a ausência de marcação morfológica de tense não implica em ausência de marcação morfológica de aspecto.

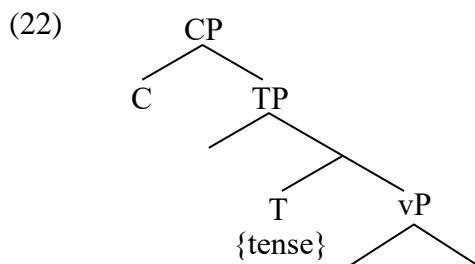
Além disso, Lin (2012) salienta que expressões temporais e advérbios de tempo nas línguas sem-tense não podem ser analisados como marcadores

---

<sup>30</sup> *It has been reported that some languages have no grammaticalized tense markings at all but nevertheless express time as precisely as those that do.*

gramaticais de tense. Afinal, eles desempenham os mesmos papéis em línguas de tense e em línguas sem-tense. O autor ainda argumenta que expressões temporais e advérbios de tempo ocupam posições estruturais distintas daquela ocupada por morfologia de tense.

Nas línguas de tense, os morfemas referentes a essa categoria ocuparão a categoria funcional TP (Tense Phrase), sendo que “tense será tomado como um morfema obrigatório sob o nó T” (LIN, 2012, p. 670),<sup>31</sup> conforme mostrado em (22).

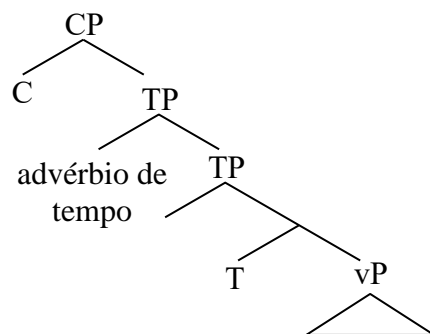


Tradicionalmente, expressões temporais e advérbios de tempo têm sido analisados como ocupando a posição de especificadores de TP (ALEXIADOU, 1997, cap. 4).

---

<sup>31</sup> *Tense will be taken to be an obligatory morpheme under the T node.*

(23)



Sobre as línguas sem-tense, Lin explica que

além das flexões verbais, a ausência de tense em uma língua pode ser embasada por evidências sintáticas como a falta de algumas propriedades sintáticas tipicamente associadas a tense ou a possibilidade/impossibilidade de dada construção (LIN, 2012, p. 670).<sup>32</sup>

Lin (2012, p. 669) apresenta alguns exemplos de línguas sem-tense, como yucatec maia, kalaallisut, guarani e chinês. A seguir, revisitaremos a análise do autor proposta para o chinês.

### ***2.5.1 Chinês: um exemplo de língua sem-tense***

O chinês é um clássico exemplo citado nos debates acerca da ausência de tense nas línguas. Embora alguns estudiosos discordem da classificação dessa língua como sem-tense, preferindo a classificação do chinês como tense

---

<sup>32</sup> *Apart from grammatical inflections, tenselessness of a language can also be supported by syntactic evidence such as the lack of some syntactic property typically associated with tense or the possibility or impossibility of a certain construction.*

nulo,<sup>33</sup> Lin (2012) apresenta evidências que argumentam a favor de uma análise sem-tense.

#### 2.5.1.1 *As referências temporais de passado, presente e futuro no chinês*

Segundo Lin (2012, p. 671),

raízes verbais no chinês não são obrigatoriamente flexionadas para pessoa, número, gênero, tense ou aspecto e não necessitam co-ocorrer com marcadores temporais, aspectuais ou modais, mas elas expressam locações temporais tão precisas quanto os verbos flexionados em tense do inglês o fazem.<sup>34</sup>

Dessa maneira, o autor indica que a utilização de qualquer um dos recursos citados, como marcadores aspectuais ou modais, não são recursos que compõem a marcação de tense na língua.

A referência do tempo presente é expressa na língua por um verbo não marcado, que pode ou não estar acompanhado de advérbio/expressão temporal. O autor apresenta exemplos de sentenças estativas e dinâmicas para demonstrar que não há mudança para diferentes tipos de verbos, conforme atestam os exemplos (24), (25) e (26) a seguir:

---

<sup>33</sup> Uma língua de tense nulo (do inglês *null-tense*) é aquela que apresenta a categoria gramatical Tense, sendo essa preenchida por um morfema inaudível. Desse modo, ainda que na PF (do inglês *Phonological Form* – forma fonológica) esse não se manifeste, na LF (do inglês *Logical Form* – forma lógica) tal morfema será representado. Lin (2012, seq. 7.2) discute essa abordagem para o chinês, com base na proposta de Matthewson (2006) para a língua st’at’imcets. Em seu trabalho, Matthewson (2006) assume que a análise para o st’at’imcets enquanto uma língua sem-tense é apenas superficial, pois essa pode ser classificada como tense nulo.

<sup>34</sup> *Verbal stems in Chinese are not obligatorily inflected for person, number, gender, tense or aspect and need not co-occur with a temporal, aspectual or modal marker, but they express temporal locations as precisely as tensed verbs in English do.*

(24) Zhāngsān (**jintiān**) hěn máng.  
Zhangsan (**hoje**) muito ocupado  
'Zhangsan está ocupado (hoje)'.

(25) Wǒ (**měi tiān/chángcháng**) mǎnpǎo.  
Eu (**todo dia/frequentemente**) correr  
'Eu corro (todo dia/frequentemente)'.

(26) Wǒ **zài** mǎnpǎo.  
Eu **prog** correr  
'Eu estou correndo'.

(LIN, 2012, p. 672)

Em (24), a sentença estativa apresenta a referência de tempo presente, sendo a presença do advérbio temporal facultativa. De modo semelhante, em (25), o advérbio temporal também é opcional e o verbo de atividade, não marcado, apresenta uma leitura de presente habitual/genérico. Em (26), há um exemplo de presente progressivo, sendo essa leitura assegurada pela marca de progressivo *zài*, bem como pelo verbo não marcado.

A respeito de *zài*, Lin (2012, p. 672) esclarece que tal marcador não pode ser considerado como de tense presente, pois pode co-ocorrer com advérbios temporais no passado e no futuro, como é o caso de (27):

(27) Wǒ **zuótiān** zhèi-ge shíhòu **zài** mǎnpǎo.  
Eu **ontem** este-CL hora **PROG** correr  
'Eu estava correndo ontem neste horário'.

(LIN, 2012, p. 672)

Antes de seguir para a análise da referência temporal de passado, Lin (2012, p. 672) argumenta que assumir a presença de um morfema de tense nulo para o chinês, com base nos verbos não marcados, seria questionável. Evidência nesse sentido vem dos verbos de *accomplishment* e *achievement* que, mesmo sem nenhuma marcação de tense e na ausência de advérbios temporais possuem uma interpretação *default* de passado, conforme os exemplos (28) e (29):

(28) Zhāngsān    bǎ    wǒ    **bǎng**            zài    yǐzi    shàng.  
 Zhāngsān    PAR<sup>35</sup>    eu    **amarrar**            em    cadeira    em.  
 ‘Zhāngsān me amarrou na cadeira’.

(29) Zhāngsān    **dapò**    yí    shàn    chuānghù.  
 Zhāngsān    **break**    uma    CL    janela  
 ‘Zhāngsān quebrou uma janela’.

(LIN, 2012, p. 672)

Desse modo, Lin afirma que o “chinês não tem nenhum morfema gramaticalizado, nem mesmo um morfema nulo, que distingue gramaticalmente presente de não-presente” (2012, p. 673).<sup>36</sup>

A referência do tempo passado também não utiliza nenhum morfema distintivo que o codifique, e pode ser realizada de diferentes maneiras, conforme os exemplos a seguir:

---

<sup>35</sup> Lin (2012, p. 693) esclarece que *bǎ* “é uma partícula no chinês cuja natureza e significado preciso não são relevantes” para a análise proposta.

<sup>36</sup> *Chinese has no grammaticalized morpheme whatsoever, not even a null one, which grammatically demarcates the present from the non-present contexts.*



- (30) Lǐsì            **dǎpò**            huāpíng.  
 Lisi            **quebrar**            vaso  
 ‘Lisi quebrou o vaso’.
- (31) Lǐsì            **zuótiān**            dǎpò            huāpíng.  
 Lisi            **ontem**            quebrar            vaso  
 ‘Lisi quebrou o vaso ontem’.
- (32) Lǐsì            dǎpò-**le**            huāpíng.  
 Lisi            quebrar-**ASP**            vaso  
 ‘Lisi quebrou o vaso’.
- (33) Lǐsì            dǎpò-**guò**            huāpíng.  
 Lisi            quebrar-**ASP**            vaso  
 ‘Lisi quebrou o vaso antes’.

(LIN, 2012, p. 673)

Em (30), há um verbo não-marcado, *dǎpò*, que apresenta leitura de passado em função de sua classificação como verbo de *achievement*, já demonstrada também pelos exemplos (28) e (29). Outra estratégia utilizada é a presença de um advérbio temporal que expresse passado, como ‘ontem’, em (31), além da marcação aspectual, como ocorre nos exemplos (32) e (33), em que tanto {-le} quanto {-guò} expressam aspecto perfectivo.<sup>37</sup> Dessa forma, é possível

<sup>37</sup> Lin (2012, p. 674) evidencia a diferença entre os marcadores aspectuais {-le} e {guò} por meio dos seguintes exemplos:

I. Zhāngsān            diéduàn-**le**            zuǒ            tuǐ.  
 Zhāngsān            quebrar-**ASP**            esquerda            perna  
 ‘Zhāngsān quebrou sua perna esquerda (e ela ainda está quebrada)’.

II. Zhāngsān            diéduàn-**guò**            zuǒ            tuǐ.  
 Zhāngsān            quebrar-**ASP**            esquerda            perna  
 ‘Zhāngsān quebrou sua perna antes (mas agora está curada)’.

Ou seja, tanto em (I), quanto em (II), “o evento de quebrar a perna ocorreu antes do tempo da enunciação.” (LIN, 2012, p. 674) Contudo (I) implica que a perna que Zhāngsān permanece quebrada no momento da enunciação, enquanto (II) implica que a perna de Zhāngsān já está curada.

perceber que o “chinês não tem nenhum morfema obrigatório que distinga gramaticalmente passado de não-passado” (LIN, 2012, p. 674).<sup>38</sup>

“Estabelecer o tense futuro de uma língua é notoriamente difícil porque a referência ao tempo futuro frequentemente envolve modalidade ou modo. O chinês não é uma exceção no que diz respeito a isso” (LIN, 2012, p. 674).<sup>39</sup>

A referência ao tempo futuro no chinês, utiliza, dentre outras estratégias, o auxiliar modal *huì* (que é semelhante ao *will* do inglês). Em alguns contextos, ele será obrigatório, como em (34):

(34) Míngtiān      \*(**huì**)      xiàyǔ.  
Amanhã      **huì**      chover  
‘Amanhã vai chover’.

(LIN, 2012, p. 674)

No caso de (34), o autor justifica semanticamente a obrigatoriedade de *huì*, já que a sentença é uma “declaração sobre o estado de coisas que acontecerão em um tempo subsequente ao tempo presente” (LIN, 2012, p. 674).<sup>40</sup>

Contudo, segundo Lin (2012, p. 674), “nem toda sentença com referência ao tempo futuro contém o morfema *huì*”,<sup>41</sup> sendo agramatical em alguns contextos, como é o caso de (35):

---

<sup>38</sup> *Chinese has no obligatory morpheme that grammatically demarcates the past contexts from the non-past contexts.*

<sup>39</sup> *To establish a future tense in a language has been notoriously difficult because future time reference often involves modality or mood. Chinese is no exception in this regard.*

<sup>40</sup> *A statement about a state of affairs that will hold at a time subsequent to the present moment.*

<sup>41</sup> *Not every sentence with a future time reference contains the morpheme huì.*

(35) Huǒchē sān diǎn (\*huì) kāi.  
 Trem três horas huì sair  
 ‘O trem sai às três horas’.

(LIN, 2012, p. 675)

A diferença semântica entre (34) e (35) impacta na obrigatoriedade ou não de *huì*, uma vez que “o último é um evento agendado ou planejado, com uma pequena possibilidade de mudança se tudo proceder normalmente”, enquanto o primeiro “é uma predição não controlável baseada na informação atual a respeito do clima” (LIN, 2012, p. 675).<sup>42</sup> Dessa forma, o uso de *huì* parece adicionar um componente de incerteza ao evento. Assim, há contextos em que o morfema é facultativo, conforme o exemplo (36):

(36) Wǒ xiàwǔ bú (huì) zài bàngōngshì.  
 Eu à tarde não huì em escritório  
 ‘Eu não estarei no meu escritório’.

(LIN, 2012, p. 675)

Confirmando a predição apresentada, Lin (2012, p. 675) afirma que (36) pode ter leituras diferentes de acordo com a presença ou não de *huì*, sendo que a presença implicaria a possibilidade de estar no escritório à tarde, enquanto a ausência indicaria a certeza de não estar no escritório à tarde.

---

<sup>42</sup> *The latter is a scheduled or planned event with a low possibility of change if everything proceeds normally (...) is a non-controllable prediction based on current information about the weather.*

Além de *huì*, o chinês também utiliza outras expressões que denotam futuro, como *jiāng* e *yào*, o que demonstra que *huì* não é um marcador fixo para denotar futuro. Além disso, Lin (2012, p. 675–676) demonstra que *huì* pode aparecer em contextos de não-futuro, indicando regularidade (presente) ou possibilidade (passado).

(37) Zhèli xiàtiān cháng (huì) xiàyu.  
 Aqui verão sempre huì chover  
 ‘Sempre chove aqui no verão’.

(38) Tā zuótiān jìngrán (huì) shīcháng  
 Ele ontem inesperadamente huì anormal  
 shízài rang rén wanxi.  
 realmente deixou pessoas arrependidas.  
 ‘Como é possível que ele tenha se comportado de maneira anormal ontem? Com isso, eu estou muito arrependido’.

(LIN, 2012, p. 675–676)

Dessa forma, pode-se concluir que não há evidências da existência de expressões gramaticalizadas que ocorram de modo sistemático em todas as sentenças com referência ao tempo futuro. Portanto não é possível distingui-las dos contextos de não-futuro no chinês (LIN, 2012, p. 677).

### 2.5.1.2 As propriedades sintáticas associadas à classificação do chinês como uma língua sem-tense

Lin (2012, seç. 4) apresenta também quatro propriedades sintáticas associadas à ausência de Tense no chinês, são elas:

- i) a existência de predicados de nominais nus;

- ii) a ausência de sujeitos expletivos;
- iii) a ausência de distinção entre finito e infinito;
- iv) a ausência de movimento motivado por caso.

No que diz respeito à existência de NPs nus, “predicados nominais e adjetivais podem servir como o predicado principal da sentença sem cópula”

(LIN, 2012, p. 677),<sup>43</sup> conforme os exemplos a seguir:

(39) Jīntiān        xīngqítīān  
 Hoje            domingo  
 ‘Hoje é domingo’.

(40) Tā     dà     bízī  
 Ele    grande nariz  
 ‘Ele tem o nariz grande’.

(LIN, 2012, p. 678)

As traduções dos exemplos (39) e (40) já nos revelam que o PB é diferente em relação a essa propriedade, pois foram necessários os verbos ‘é’ e ‘tem’ para que as sentenças em PB fizessem sentido. Para justificar essa distinção, Lin (2012, p. 678) aponta que em uma língua de tense a morfologia referente a essa categoria precisa ser checada por um verbo, desse modo o verbo ‘ser’, que é semanticamente vazio, ocupa essa posição. Como o chinês não apresenta a categoria Tense, não há nada para ser checado, justificando a ausência de cópula na língua e, portanto, a existência de NPs nus.

---

<sup>43</sup> *Nominal and adjectival predicates can serve as the main predicate of the sentence without a copula.*

A segunda propriedade é uma oposição em relação às línguas de tense, que normalmente apresentam sujeito expletivo. Segundo Roberts e Roussou (2002) apud Lin (2012, p. 679), o seguinte princípio pode ser postulado para o requerimento de sujeitos:

(41) O núcleo contendo T deve ter seu especificador preenchido.

Dessa forma, Lin (2012, p. 679) compara o chinês ao inglês. Como T é preenchido no inglês, uma língua de tense, seu especificador precisa, também, ser preenchido, sendo os expletivos ocupantes dessa posição na ausência de outros sujeitos para a sentença (42). Em oposição a essa situação, línguas sem-tense não apresentam T, logo não há o requerimento de sujeito para satisfazer o princípio (41), conforme observado no chinês (43).

(42) It is raining.  
EXPL ser.PRES chover.PROG.  
'Está chovendo'.

(43) Xià yu le.  
Cair chuva agora.  
'Está chovendo agora'. Lit: 'Cai chuva agora'.

(LIN, 2012, p. 679)

A terceira propriedade sintática apresentada por Lin (2012) diz respeito à ausência de distinção morfológica entre finito e não-finito nas línguas sem-tense. A “finitude é frequentemente definida em termos de Tense. De fato, no

chinês a mesma forma verbal é utilizada em todos os contextos sintáticos e a subordinação é indicada apenas pela posição” (LIN, 2012, p. 679).<sup>44</sup>

(44) Tā **líkai xuéxiào** sān tiān le.  
Ele **sair escola** três dia PAR.  
‘Faz três dias desde que ele saiu da escola’.

(45) Tā shèfǎ **líkai xuéxiào**.  
Ele tentar **sair escola**.  
‘Ele tentou sair da escola’.

Em relação à quarta evidência, Lin se baseia em Pesetsky e Torrego (2001) para argumentar que “caso pode ser uma consequência direta da categoria funcional T” (LIN, 2012, p. 679).<sup>45</sup> Dessa forma, a ausência de T justificaria a ausência de movimentos motivados por caso na língua chinesa. O autor ainda justifica que movimentos de alçamento, como (46) e (47), não são motivados por caso. Na verdade, esses seriam movimentos de tópico ou foco.

(46) Kěnéng Zhāngsān bú qù le.  
Provavelmente Zhangsan não ir PAR  
‘É provável que Zhangsan não vá’.

(47) Zhāngsān kěnéng bú qù le.  
Zhangsan provavelmente não ir PAR  
‘Zhangsan provavelmente não irá’.

(LIN, 2012, p. 680)

---

<sup>44</sup> *Finiteness is often defined in terms of tense. Indeed, in Chinese the same verbal form is used in all syntactic contexts and subordination is indicated by position alone.*

<sup>45</sup> *Case might be a direct consequence of the functional category T.*

Fica claro, assim, que a não presença de tense gramaticalmente marcado nas línguas traz consequências semânticas para a interpretação de referência temporal nas sentenças, mas também traz corolários sintáticos. Isso é observado não somente para o chinês, mas também para outras línguas sem-tense, como o blackfoot<sup>46</sup> e as línguas algonquinas<sup>47</sup>:

Essas semelhanças interlinguísticas entre o chinês, o blackfoot e as línguas algonquinas apontam para o fato de que as línguas sem-tense tendem a compartilhar certas propriedades sintáticas que não são observadas em línguas de tense (LIN, 2012, p. 680).<sup>48</sup>

Essa discussão será retomada no Capítulo 4, ao analisarmos os dados da Libras e propormos que ela também é uma língua sem-tense.

Concluimos aqui esta seção de descrição das características das línguas sem-tense, com base na análise de Lin (2012) para o chinês. De modo sintético, segundo o autor, uma língua sem-tense apresenta:

- i) verbo sem morfologia de tense e opcionalidade da expressão temporal ou do advérbio de tempo;

---

<sup>46</sup> A língua *Siksiká* ou *Blackfoot*, é uma língua aborígine presente nos Estados Unidos e no Canadá. Atualmente possui aproximadamente 5000 falantes (LÍNGUA blackfoot. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua\\_Siksik%C3%A1](https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua_Siksik%C3%A1). Acesso em: 20 nov. 2019).

<sup>47</sup> O algonquino ou algonquiano é uma subfamília das línguas ameríndias dos Estados Unidos, que inclui a maior parte dos idiomas da família álgica. (...) Os falantes das línguas algonquinas se estendem da costa leste da América do Norte até as Montanhas Rochosas. A protolíngua da qual todos os idiomas da família descendem, o proto-algonquino, era falado há pelo menos 3000 anos, embora ainda não haja consenso entre os estudiosos sobre o local onde este idioma era falado (LÍNGUAS algonquinas. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADnguas\\_algonquinas](https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADnguas_algonquinas). Acesso em: 20 nov. 2019).

<sup>48</sup> *The above crosslinguistic similarities between Chinese, Blackfoot and the Algonquian languages indicate that tenseless languages tend to share some syntactic properties in common which are not observed in tensed languages.*



- ii) passado não marcado gramaticalmente no verbo;
- iii) futuro marcado por auxiliar;
- iv) predicados de nominais nu;
- v) ausência de sujeito expletivo;
- vi) ausência de distinção morfológica entre finito e não-finito;
- vii) ausência de movimento motivado por caso.;
- viii) interpretação de referência temporal baseada em aspecto.

## **2.6 Síntese do capítulo**

O objetivo do presente capítulo foi o de apresentar os conceitos de tense e aspecto, tendo por base Comrie (1976, 1985) e Vendler (1967), propostas posteriormente revisitadas pelos outros autores aqui citados. Foi posto que ambas as categorias estabelecem relações temporais relativas ao evento expresso na sentença e que elas podem ou não ser realizadas morfológicamente nas línguas. Além disso, diferenciamos tense de aspecto, demonstrando as diferentes relações que essas categorias estabelecem em relação ao evento. Por fim, apresentamos a proposta de classificação do chinês como língua sem-tense (LIN, 2012), bem como as evidências sintáticas que a sustentam. Passemos agora para a discussão de tense e aspecto contextualizada às línguas de sinais.

## **CAPÍTULO 3:**

### **TENSE E ASPECTO NAS LÍNGUAS DE SINAIS**

Este capítulo apresenta uma revisão da literatura de tense e aspecto para as línguas de sinais. A Seção 3.1 introduz, de modo geral, autores que já propuseram análises para as línguas de sinais como sendo línguas de tense ou sem-tense. Na Seção 3.2 apresento análises propostas especificamente para a ASL quanto à marcação ou não de tense. De modo semelhante, a Seção 3.3 expõe análises propostas para a TÍD. Na Seção 3.4, trago o que a literatura diz a respeito da marcação de tense em Libras e, por fim, na Seção 3.5, apresento um breve panorama a respeito do tema para outras línguas de sinais, além de ASL, TÍD e Libras.

#### **3.1 A (não) marcação de tense em línguas de sinais**

Assim como línguas orais implementam diferentes mecanismos gramaticais para localizar eventos na linha do tempo cronológico, línguas de sinais também o fazem. Da mesma maneira, essa ancoragem de eventos pode se dar por meio de tense morfológico ou não. No que diz respeito a tense, é possível encontrarmos diferentes análises teóricas de diferentes línguas sinalizadas, argumentando se essas línguas possuem ou não tense e até mesmo se TP seria uma projeção funcional presente na estrutura sintática.

Alguns autores argumentam que línguas de sinais são línguas de tense, como, por exemplo: Jacobowitz e Stokoe (1988), Aarons et al. (1995), Neidle et al. (2000) e Sandler e Lillo-Martin (2006) para a ASL; Gökgöz (2009) para a TÌD; e Finau (2004), Silva e Lessa-de-Oliveira (2016), Bertucci e Finau (2018) para a Libras. Nesta dissertação, retomaremos os trabalhos sobre a ASL, TÌD e Libras. Porém, há ainda Zucchi (2006), para a LIS (Língua de Sinais Italiana); Fridman-Mintz (2005) para a LSM (Língua de Sinais Mexicana); Bergman e Dahl (1994) para a SSL (Língua de Sinais Sueca); Sutton-Spence e Woll (1999) para a BSL (Língua de Sinais Britânica), Meir (1999) para a ISL (Língua de Sinais Israelense).

Há, contudo, trabalhos que argumentam que essas línguas de sinais são línguas sem-tense. São eles: Friedman (1975) para a ASL, Karabüklü (2016) para a TÌD, Ferreira-Brito (1995) para a Libras e Leeson (1996) para a ISL (Língua de Sinais Irlandesa). Tais propostas também serão descritas nesta seção.

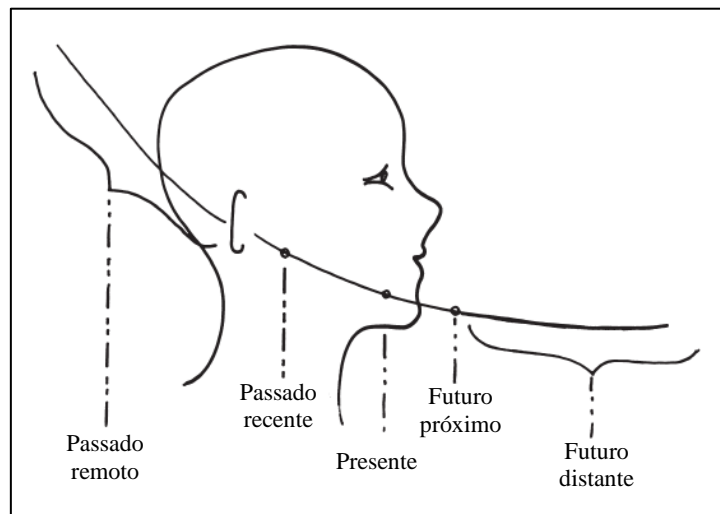
### **3.2 ASL**

As primeiras descrições sobre marcação de referência temporal em ASL foram feitas ainda na década de 1970 (Frishberg e Gough (1973), Klima e Bellugi (1979), Wilbur (1979), Cogen (1977)).

Frishberg e Gough (1973) e Friedman (1975) afirmam que a língua possui uma espécie de “linha do tempo” (do inglês *timeline*). Essa linha do tempo é

proposta a partir de sinais que denotam relações temporais e cuja localização (e/ou direção do movimento) está associada a diferentes regiões do espaço, no plano médio-sagital, conforme ilustrado na figura a seguir:

**Figura 7.** Linha do tempo.



Fonte: Frishberg e Gough (1973, p. 123).

Ainda na década de 80, Jacobowitz e Stokoe (1988) se posicionaram contra as propostas de classificação da ASL (e de outras línguas de sinais) como sem-tense, pois, para eles, esse tipo de análise estava diretamente associada ao fato de as pessoas ainda não considerarem as línguas de sinais tão completas e complexas quanto as línguas orais:

Isso os leva a pensar que porque os verbos das línguas de sinais parecem não serem flexionados para tense, eles também não possuem nenhum outro sistema flexional, e a declarar que a língua de sinais é deficiente no que se é necessário para se

constituir uma língua. Todas essas noções são falsas. A verdade é bem diferente (JACOBOWITZ; STOKOE, 1988).<sup>49</sup>

Contudo, Jacobowitz e Stokoe (1988) afirmam que a marcação de tense em ASL também não está relacionada à linha do tempo descrita por Frishberg e Gough (1973) e Friedman (1975), já que essa é, na verdade, “um construto mental criado em uma tentativa de se descrever uma língua que não é expressa de modo sonoro” (1988, p. 333). Assim, os autores argumentam que há uma maior complexidade na marcação de tense em ASL, já que o modelo da linha do tempo:

- i) Transforma um construto mental em estratégia gramatical;
- ii) É determinado pela cultura ocidental, que preconiza que o passado foi deixado para trás e o futuro está adiante;
- iii) Entra em conflito com sinais que já apresentam movimentos com trajetória para frente e para trás em sua composição fonológica.

Jacobowitz e Stokoe (1988, p. 337) afirmam que “a ideia de tempo em um sinal verbal não é veiculada por meio de uma linha do imaginária ou por sua posição na linha ou por movimentos ao longo dela, mas sim, por algo menos

---

<sup>49</sup> *It has sometimes led them suppose that because sign language verbs seems to be uninflected for tense they have no other inflectional system, and into stating that the language of signers is deficient in what it takes to make a language. All these notions are fake. The truth is quite different.*

abstrato”.<sup>50</sup> Os autores propõem na verdade que a marcação de tempo em ASL é feita a partir do tipo de movimento realizado pelas juntas (pulso, cotovelo e ombro), de modo que movimentos de flexão dessas juntas estão relacionados à marcação de passado e movimentos de extensão seriam uma maneira de codificar o futuro.<sup>51</sup> Dessa forma, Jacobowitz e Stokoe propõem que os verbos em ASL são flexionados em tense para o passado e o futuro. Não há menção ao presente.

Aarons et al. (1995) e Neidle *et al.* (2000) também classificam a ASL como uma língua de tense. Segundo os autores, tempo pode ser marcado por meio de advérbios temporais ou marcadores lexicais de tense. A diferença entre esses dois elementos é sintática: advérbios temporais são adjungidos à estrutura enquanto marcadores lexicais de tense ocupam o núcleo da projeção TP. Tal diferença é elucidada por meio de Neidle *et al.* (2000, p. 76):

Nós argumentamos que ASL tem um conjunto de marcadores de tense que ocorrem no núcleo de TP, e que esses marcadores são distintos dos advérbios temporais morfologicamente relacionados a eles, que possuem diferentes propriedades articulatórias e distribucionais.<sup>52</sup>

---

<sup>50</sup> *The time idea in a sign verb is not conveyed by an imaginary line or by its position on a line or by movement along a line but by something less abstract.*

<sup>51</sup> Infelizmente, o artigo de Jacobowitz e Stokoe (1988) não apresenta imagens ou ilustrações que exemplifiquem o sistema de marcação de tense proposto pelos autores. Assim, nossa apreciação do modelo é bastante limitada.

<sup>52</sup> *We argue that ASL has a set of lexical tense markers that occur in the head position of TP, and that these markers are distinct from morphologically related temporal adverbials; they have different articulatory and distributional properties.*

Neidle *et al.* (2000) argumentam também que há uma diferença na distribuição dos marcadores lexicais de tense e dos advérbios de tempo em ASL, conforme ilustrado nos exemplos abaixo:

- (48) JOHN FUTURE<sub>[tense]</sub> BUY HOUSE.  
João futuro comprar casa.  
'O João comprará uma casa no futuro'.

(NEIDLE *et al.*, 2000, p. 79)

Em (48), FUTURE<sub>[tense]</sub> é o marcador de tense futuro que ocupa o núcleo T°. Neidle *et al.* utilizam a posição linear desse elemento na sentença como evidência de sua posição estrutural na sintaxe.

Os autores contrapõem ainda a sentença em (48) ao exemplo em (49), em que FUTURE<sub>[tense]</sub> não pode ocorrer em orações não finitas, já que essa é uma categoria que marca tense e, portanto, finitude. Assim, em orações não finitas apenas o FUTURE<sub>[advérbio]</sub> pode ocorrer, conforme dado em (50).

- (49) \*JOHN WANT [FUTURE<sub>[tense]</sub> SELL CAR].  
João quer futuro vender carro  
\*'João quer no futuro vender o carro'.

- (50) JOHN WANT SELL CAR FUTURE<sub>[advérbio]</sub>.  
João quer vender carro futuro  
'João quer vender seu carro no futuro'.

(NEIDLE *et al.*, 2000, p. 79–80)

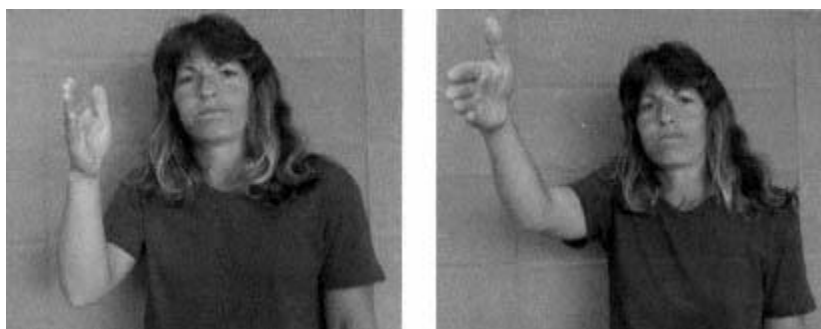
Vale apontar ainda que Neidle *et al.* (2000) argumentam que há diferenças articulatórias entre FUTURE<sub>[tense]</sub> e FUTURE<sub>[advérbio]</sub>. Sobre os advérbios temporais, os autores afirmam que “a articulação de muitos dos sinais temporais pode variar de modo a expressar um maior ou menor distanciamento temporal” (NEIDLE *et al.*, 2000, p. 78),<sup>53</sup> conforme exemplificado pela **Figura 8** e pela **Figura 9**.

**Figura 8.** FUTURE<sub>[advérbio]</sub> ‘futuro próximo’: começo e fim do sinal.



Fonte: Neidle *et al.* (2000, p. 38).

**Figura 9.** FUTURE<sub>[advérbio]</sub> ‘futuro distante’: começo e fim do sinal.



Fonte: Neidle *et al.* (2000, p. 38).

---

<sup>53</sup> *The articulation of many time signs may vary to express greater or lesser distance in time.*



Contudo, esse tipo de modificação só é permitido para os elementos que se comportam como advérbios. Marcadores lexicais de tense, segundo os autores, possuem uma forma rígida, que não permite esse tipo de modificação, conforme exemplificado pela **Figura 10**.

**Figura 10.** FUTURE<sub>[tense]</sub>.



Fonte: Neidle *et al.* (2000, p. 78).

Os autores observam ainda que o advérbio, ao ser modificado, passa a ocorrer apenas em posição final da sentença. Porém, é possível argumentarmos aqui que a diferença na distribuição sintática encontrada por Neidle *et al.* (2000) não é, na verdade, uma diferença entre tense lexical e advérbios. Uma possibilidade de análise, é a de que todas as posições apresentadas pelos autores, são posições adverbiais e que quando há a modificação na articulação do item lexical, este é realizado na posição final da sentença por uma questão de peso morfofonológico - *heaviness*, nos termos de Nespor e Vogel (1986).

Adicionalmente, Neidle *et al.* observam que nem sempre marcadores de tense estão presentes nas sentenças em ASL e que o tense presente não possui um marcador morfológico específico (NEIDLE *et al.*, 2000, p. 81). E, ainda, os autores argumentam que a interpretação temporal de uma sentença sem marcador explícito de tense pode variar:

Vários fatores, como a presença de advérbios temporais, propriedades semânticas do verbo e marcações aspectuais podem afetar qual interpretação [temporal] é a mais saliente na ausência de um marcador lexical de tense. (NEIDLE *et al.*, 2000, p. 82).<sup>54</sup>

Além de Neidle *et al.* (2000), Sandler e Lillo-Martin (2006) também classificam a ASL como uma língua de tense, defendendo que a categoria funcional TP não exige material morfológico aparente na forma fonética (SANDLER; LILLO-MARTIN, 2006, p. 313), de modo que sentenças podem ser produzidas sem nenhuma indicação explícita de referência temporal.

O fato de que esses chamados marcadores de ‘tense’ são, de certa maneira, opcionais em ASL motivou análises que afirmam que essa língua é, na verdade, uma língua sem-tense

---

<sup>54</sup> *Various factors, such as the presence of temporal adverbials, semantic properties of the verb, and aspectual markings, may affect which interpretation is most salient in the absence of a lexical tense marker.*

Friedman (1975, p. 951) afirma que, em ASL, “não há afixos flexionais nos verbos para indicar tense. [...] Ao se referir ao tempo presente, passado ou futuro em relação ao ato de fala, o uso de advérbios de tempo serve para marcar o ‘tense’ da sentença”.<sup>55</sup> É interessante observar que ao longo de toda sua argumentação, Friedman lança mão do termo ‘tense’ entre aspas, de modo a questionar se esses advérbios realmente seriam uma estratégia de marcação de tense na língua.

Wilbur (1979) também nos fornece uma descrição da ASL que corrobora com a análise de que essa é uma língua sem-tense:

Se nenhum tempo é marcado no início da conversação, assume-se que esse é o tempo do próprio ato de fala, o presente. Tempo pode ser estabelecido por meio de advérbios de tempo (ONTEM, PRÓXIMA QUINTA, etc.), marcadores perfectivos (ACABADO, AINDA-NÃO) ou pelos sinais FUTURO, PASSADO, PASSADO-CONTÍNUO (WILBUR, 1979, p. 97).<sup>56</sup>

Além de Friedman (1975) e Wilbur (1979), remetemos o leitor aos trabalhos de Binnick (1991) e Pfau, Steinbach e Woll (2012) para outras discussões sobre a ASL ser uma língua sem-tense.

---

<sup>55</sup> *There are no inflectional affixes on verbs to indicate tense. [...]. Whether indicating present, past, or future time in relation to the speech act, the use of time adverbials may serve to mark the 'tense' of a sentence.*

<sup>56</sup> *If no time is marked at the beginning of a conversation, it is assumed to be the time of the speech act itself, the present. Time can be established by the time adverbials (YESTERDAY, NEXT THURSDAY, etc.), perfective markers (FINISH, NOT-YET) or the signs FUTURE, PAST, PAST-CONTINUOUS.*

### 3.3 TÌD

A primeira descrição de marcação de tense em TÌD apontou que essa língua de sinais utiliza estratégias de referência temporal semelhantes às apresentadas para a ASL, como o uso de advérbios temporais e o uso da linha do tempo (ZESHAN, 2003). Zeshan (2003, p. 54) explica que em TÌD, “há outros meios de se marcar tense no nível do discurso, utilizando-se de lexemas temporais, da mesma maneira que outras línguas de sinais o fazem”.<sup>57</sup>

Gökgöz (2009), por outro lado, analisou a TÌD como sendo uma língua de tense, apontando um marcador gramatical específico que a definiria como tal. Gökgöz (2009, p. 28) afirma que tense em TÌD é realizado por meio de um marcador não manual: o aceno de cabeça (do inglês *head-nod*).<sup>58</sup> Assim, o autor apresenta a seguinte distribuição de acenos de cabeça:

- i) Presente: ausência de aceno de cabeça;
- ii) Passado: aceno de cabeça único/pontual.
- iii) Futuro: aceno de cabeça repetitivo.

---

<sup>57</sup> *Has other means of marking tense at the discourse level by using time lexemes in the same way as other sign languages do.*

<sup>58</sup> Em sua análise para a ASL, Grose (2003) também aponta o aceno de cabeça como marcador de tense na língua. Segundo o autor, essa articulação não-manual distingue tenses simples de tenses perfectivos: “clauses with the HN [head-nod] have Perfect Tense readings, and clause without the HN [head-nod], are predicted to never get a Perfect Tense interpretation” (GROSE, 2003, p. 51).

Exemplos são fornecidos a seguir:

(51) INDEX<sub>1</sub>      NOW    SCHOOL      GO.  
Eu            agora   escola      ir  
'Eu estou indo para a escola agora'.

(GÖKGÖZ, 2009, p. 26)

(52) INDEX<sub>1</sub>      YESTERDAY    SCHOOL      GO.  
Eu            ontem        escola      ir  
'Eu fui à escola ontem'.

(53) INDEX<sub>1</sub>      TOMORROW    SCHOOL      GO.  
Eu            amanhã      escola      ir  
'Eu irei à escola amanhã'.

(GÖKGÖZ, 2009, p. 29–30)

Os exemplos acima estão representados nas figuras a seguir:

**Figura 11.** Imagens da sinalização correspondente ao exemplo (51) ('Eu estou indo para a escola agora').



Fonte: Gökgöz (2009, p. 26).

**Figura 12.** Imagens da sinalização correspondente ao exemplo (52) ('Eu fui à escola ontem?').



Fonte: Gökgöz (2009, p. 30).

**Figura 13.** Imagens da sinalização correspondente ao exemplo (53) ('Eu irei à escola amanhã').



Fonte: Gökgöz (2009, p. 29).

Em (51), a referência de tempo presente é estabelecida por meio do advérbio AGORA, e não ocorre o aceno de cabeça, conforme a análise do autor para o tempo presente em TÍD. Já em (52), a referência ao tempo passado se estabelece por meio do advérbio ONTEM, além da marcação de tense, que é o aceno de cabeça pontual. O exemplo (53) é semelhante ao anterior, sendo a referência temporal de futuro estabelecida por meio do advérbio AMANHÃ e do aceno de cabeça contínuo, marcador não-manual referente ao futuro.

Além dos marcadores não-manuais referentes ao tense, Gökgöz (2009) analisa marcadores manuais, que, segundo o autor, ocupam o núcleo da categoria AspP em TÌD. Estes estão relacionados à reorganização do movimento interno dos verbos, sendo descritos como ‘imr’ (do inglês *internal movement reorganization*).

Dessa forma, Gökgöz (2009) propõe uma sistematização da interação entre tense e aspecto, que é apresentada no quadro a seguir:

**Quadro 3.** Interação entre Tense e Aspecto em TÌD.

<b>Tense</b>	<b>Aspecto</b>	<b>Interpretação</b>
1) T° [aceno de cabeça pontual]	Asp° [movimento de mão pontual]	Passado-completivo
2) T° [aceno de cabeça repetitivo]	Asp° [movimento de mão repetitivo]	Futuro-incompletivo
3) T° [∅]	Asp° [movimento de mão repetitivo]	Presente-incompletivo

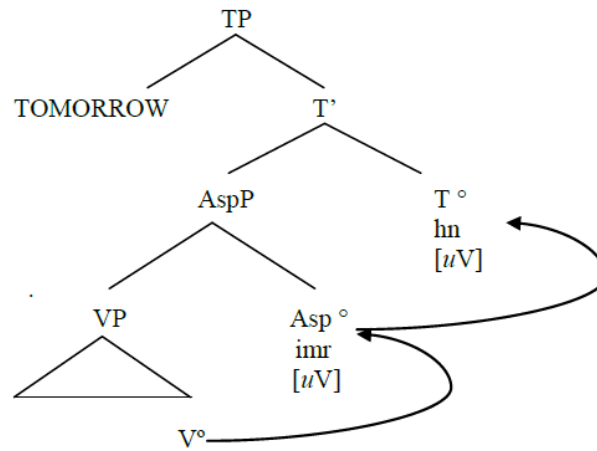
Fonte: Gökgöz (2009, p. 32).

A partir de tal sistematização, o autor conclui, portanto, que “como há marcadores distintos para Tense e Aspecto, também deve haver projeções funcionais distintas na sintaxe [da TÌD]” (GÖKGÖZ, 2009, p. 30).<sup>59</sup> A proposta de representação do autor, para o exemplo (53), por exemplo, é:

---

<sup>59</sup> *Since there are distinct markers for Tense and Aspect, there should be distinct functional projections in syntax.*

**Figura 14.** Árvore sintática referente ao exemplo (53).<sup>60</sup>



Fonte: Gökgöz (2009, p. 30).

Na árvore representada na Figura 14,  $V^{\circ}$  move-se para  $Asp^{\circ}$ , que juntos movem-se para  $T^{\circ}$ , desse modo, a sinalização do verbo é simultânea à modificação do movimento interno ao verbo, bem como a articulação do aceno de cabeça. É interessante observarmos que, segundo a proposta do autor, TOMORROW ocupa a posição de SpecTP.

Assim, a análise de Gökgöz (2009) classifica a TID como uma língua de tense, que possui representação de TP na hierarquia das categorias funcionais como sendo independente de AspP e mais alta na hierarquia. Ambas são preenchidas por articulações não-manuais e manuais, respectivamente, e visíveis na forma fonética da língua.

<sup>60</sup> Na projeção, 'hn', que ocupa o núcleo de TP, significa aceno de cabeça, que aqui está sendo chamado de  $aC_{contínuo}$ .



Karabüklü (2016) propõe uma análise distinta em relação a Gökgöz (2009). Para tanto, baseia-se em Arik (2012) e Dikyuva et al. (2015), que “reportam que a TİD não tem flexão verbal para tense” (KARABÜKLÜ, 2016, p. 88). Dessa forma, a autora se propõe a testar a percepção temporal de sinalizadores nativos para sentenças em TİD, a partir das estratégias pontuadas pela literatura até então: advérbios temporais, linha do tempo e aceno de cabeça. Karabüklü desenvolveu, então, um estudo para testar tais estratégias, descrito a seguir:

Para este estudo, foram apresentadas aos participantes diferentes sentenças que foram gravadas pelo intérprete Surdo e lhes foi perguntado qual era o tense da sentença. Algumas sentenças continham advérbios de tempo explícitos, enquanto outras tinham movimento de cabeça sem advérbios de tempo. Pediu-se aos participantes que respondessem identificando o tempo do evento como passado, presente ou futuro ou fornecendo um advérbio de tempo apropriado, como AGORA, ONTEM ou AMANHÃ (KARABÜKLÜ, 2018, p. 93).<sup>61</sup>

A partir de seu estudo, a autora observou que:

- i) Não há relação entre o aceno de cabeça e a interpretação temporal da sentença em TİD;
- ii) A interpretação temporal é clara apenas em sentenças que apresentam advérbios temporais;

---

<sup>61</sup> *For this study, the participants were presented with different sentences which had been recorded with the Deaf interpreter (n=95) and asked what the tense of the sentence was. Some sentences contained overt time adverbials while others had head movement without time adverbials. They were asked to respond by identifying the time of the event as past, present, or future, or by providing an appropriate time adverbial such as NOW, YESTERDAY, or TOMORROW.*

- iii) A estratégia da linha do tempo é utilizada para estabelecer relações temporais em TÍD, não sendo essa uma marcação de tense;
- iv) TÍD é uma língua sem-tense.

Alguns dos dados apresentados por Karabüklü (2018) estão reproduzidos a seguir:

(54) DINNER FOR BREAD BUY. \_\_\_\_\_aCcontínuo  
 Jantar para pão comprar  
 ‘Eu vou comprar pão para o jantar’.

(55) IX1 \_\_\_\_\_aCpontual <sub>1</sub>TELL<sub>2</sub>.  
 Eu dizer  
 ‘Eu disse a você’.

(56) IX-POSS<sub>1</sub> FRIEND MANY <sub>3</sub>MAKE-FUN-OF<sub>1</sub>.  
 Meus amigos muitos tirar-sarro  
 ‘Meus amigos tiram sarro de mim’.

(KARABÜKLÜ, 2018, p. 94)

Em (54), o aceno de cabeça contínuo, conforme Gökgöz (2009), apontaria para a interpretação de tempo futuro, contudo, nenhum dos participantes do estudo conduzido por Karabüklü associou a sentença a futuro, na verdade 3 participantes a classificaram como passado acabado e 4, como presente.

Já em (55), a interpretação de tempo seria passado, marcado em Tense pelo aceno de cabeça pontual (GÖKGÖZ, 2009). Dos participantes do estudo, 4 classificaram essa sentença como passado, contudo 3 não o fizeram, tendo selecionado presente ou futuro.

Em (56), a ausência de aceno de cabeça, de acordo com Gökgöz (2009), indicaria presente. Neste caso, 3 dos 7 participantes interpretaram a sentença como presente, entretanto, os outros 4 disseram que a interpretação temporal não era clara.

Karabüklü constatou, portanto, que a análise de Gökgöz não é consistente com os dados obtidos em seu estudo. Em sua análise, a autora considerou que outros fatores poderiam influenciar no estabelecimento de referência temporal por parte do sinalizador e que os diferentes padrões de aceno de cabeça não estariam associados à marcação de tense.

“Uma observação é que a interpretação da referência temporal depende da telicidade de eventos. Quando um evento era télico, na maioria das vezes os participantes o interpretaram como passado” (KARABÜKLÜ, 2018, p. 94).<sup>62</sup> Ou seja, a autora considera a telicidade do evento como um dos fatores responsáveis pelo estabelecimento de referência temporal. Para verbos atélicos, foi observado que “a maioria dos participantes julgou o tempo como presente” (KARABÜKLÜ, 2018, p. 95).<sup>63</sup>

Em relação ao aceno de cabeça, Karabüklü verificou em dados de corpus da TÍD que sentenças no imperativo, que não apresentam tense, possuem essa articulação não-manual. Tal contradição é um dos argumentos utilizados pela

---

<sup>62</sup> *An observation is that the interpretation of time reference may depend on the telicity of the events. When the event was telic, the participants mostly interpreted the event to have taken place in the (recent) past.*

<sup>63</sup> *Most of the participants judged the time as present.*

autora para questionar o estatuto do aceno de cabeça como marcador de tense. Além disso, Karabüklü considera em sua análise o fato de que “a Estrutura do Evento afeta a aparência do aceno de cabeça acima do verbo” (KARABÜKLÜ, 2018, p. 95).<sup>64</sup> Ou seja, alguns verbos podem sofrer modificação do movimento interno devido a informações eventivas, tal como aponta a Hipótese de Visibilidade do Evento (HVE) (WILBUR, 2008, 2010).<sup>65</sup>

### 3.4 Libras

A primeira discussão sobre o estabelecimento de referência temporal em Libras foi feita por Ferreira-Brito (1995, p. 48). Segundo a autora, “o tempo é expresso através de locativos temporais, manifestando entre si relações espaciais”. O que a autora descreve como ‘relações espaciais’ é o uso da linha do tempo, com uma análise muito semelhante ao que foi proposto para a ASL ainda na década de 1970 (ver Figura 7). Apesar de não explicitar sobre a marcação gramatical de tense na língua, ao afirmar que a Libras faz uso de locativos temporais, Ferreira-Brito se aproxima de análises que consideram línguas de sinais como línguas sem-tense.

Finau (2004) também observa que em Libras esses locativos temporais, que a autora chama de advérbios e expressões temporais, também são

---

<sup>64</sup>*The event structure affects the appearance of head nod over the verb.*

<sup>65</sup> Essa discussão será retomada no capítulo 5, onde a HVE será descrita de modo mais aprofundado.

responsáveis pela interpretação temporal das sentenças. Contudo, ela afirma que “o emprego desses elementos dá conta não só das leituras temporais, mas também participam do arranjo aspectual nas sentenças por meio da flexão morfológica” (FINAU, 2004, p. 76). Além disso, Finau explica que “tempo não é marcado somente no início de um discurso, mas depende das relações aspectuais das sentenças” (FINAU, 2004, p. 127).

Percebe-se que a discussão de Finau sobre o estabelecimento de referência temporal em Libras leva em consideração diferentes aspectos da gramática da língua e também se ancora em propostas teóricas distintas, tanto de análises sintático-semânticas quanto pragmáticas. Assim, é delicado afirmar se a autora considera a Libras como uma língua de tense ou não.

Acreditamos que um dos fatores que contribui para isso, é o fato de que Finau afirma que a

temporalidade é denotada por operadores específicos e por advérbios e expressões temporais. A direção dos movimentos para trás e/ou para baixo e para frente e/ou para cima é determinante para estabelecer as noções, respectivamente, de passado e futuro (FINAU, 2004, p. 131).

A autora assume, então que há um conjunto de *operadores* além de modulações no movimento do verbo que seriam tipos de flexões verbais, nos termos de Felipe (1998). Poderíamos, então, entender esses operadores e

essas marcas flexionais como sendo realizações morfológicas de tense na língua. Contudo, ao comparar Libras e mandarim, Finau (2004, p. 205) afirma que “ambas as línguas (Libras e mandarim) não apresentam morfologia para a categoria tempo”.

Por fim, Finau descreve o sistema de referência temporal<sup>66</sup> na Libras da seguinte maneira:

A investigação da referência temporal/aspectual, na LIBRAS, considerou que informações sobre essas categorias são expressadas, indiretamente, na estrutura linguística e, assim, presumidas por default. Isso porque se notou que o tempo pode ser denotado, nessa língua, por operadores temporais específicos, pela flexão semântica dada pelo *aktionsart* dos verbos, e por implicaturas conversacionais generalizadas (FINAU, 2004, p. 223).

Mais recentemente, Bertucci e Finau (2018), ao descrever o que eles chamam de presente-perfeito em Libras, parecem assumir que a Libras possui efetivamente *tense*, conforme os próprios autores afirmam na introdução de seu texto: “vamos assumir, para este trabalho, que o presente perfeito seja um tempo verbal (no sentido de *tense*, em inglês) com leituras específicas” (BERTUCCI; FINAU, 2018, p. 72). Contudo, os autores parecem manter a análise de a interpretação de referência temporal em Libras se dá a partir de

---

<sup>66</sup> Acreditamos também que a dificuldade de analisar o sistema proposto por Finau se dá devido ao fato de a autora não fazer uma distinção fina entre tempo de aspecto, referindo-se frequentemente a essas categorias como “tempo/aspecto”, além da confusão entre tempo e tempo (*tense*) comum em textos sobre o assunto escritos em língua portuguesa.

uma relação entre tempo-aspecto-pragmática, já que afirmam que sem o *contexto*, “uma mesma sentença poderia disparar leituras [temporais] distintas” (BERTUCCI; FINAU, 2018, p. 88). Esse comportamento, porém, parece-nos ser pouco consistente com a afirmação anterior de que “o presente perfeito seja um tempo verbal (no sentido de *tense*, em inglês) com leituras específicas” em Libras (BERTUCCI; FINAU, 2018, p. 72).

Por fim, Silva e Lessa-de-Oliveira (2016) argumentam que a Libras é uma língua de tense e que apresenta um sistema tripartite de referência temporal: passado, presente e futuro. As autoras afirmam que tense pode ser marcado:

- i) com os operadores temporais como os sinais PASSADO, HOJE/AGORA, FUTURO e IR ou V-A-I, ou com itens lexicais como os sinais ONTEM, AMANHÃ, DOMINGO PRÓXIMO etc.;
- ii) na raiz semântica do próprio verbo que associa aspecto a traços funcionais específicos que marcam se o evento é expresso como completo ou incompleto.

É interessante observarmos que, assim como Finau, Silva e Lessa-de-Oliveira (2016) fazem uma distinção entre *operadores temporais* e *itens lexicais*. Não há, contudo, nenhuma argumentação explícita quanto à diferença dessas categorias. É interessante observarmos até mesmo que a distribuição

sintática/linear desses elementos na sentença é a mesma (QUADROS, 1999). Além disso, mantem-se a relação entre tense e aspecto como definidoras da interpretação temporal da sentença.

Nesta dissertação, argumentaremos contra Finau (2004), Bertucci e Finau (2018), e Silva e Lessa-de-Oliveira (2016) de que a Libras é uma língua sem-tense e que essas estratégias apresentadas pelos autores de estabelecimento de referência temporal não são, efetivamente, elementos gramaticais que codificam a categoria tense – o que não significa que eles não contribuem para a leitura temporal das sentenças.

### **3.5 Outras línguas de sinais**

No que diz respeito ao estabelecimento de referência temporal em línguas de sinais, vimos até agora que figuram enquanto estratégias recorrentes: i) o uso de linha do tempo; ii) o emprego de expressões temporais e advérbios de tempo e iii) para alguns autores, há ainda, morfologia de tense, que pode ser realizada na flexão do verbo, modificando-se o movimento, ou na utilização de expressões não-manuais; sendo que esta não seria obrigatória, o que resulta na constante discussão sobre o real estatuto desses marcadores.

Além das análises propostas para a ASL, TÍD e Libras, apresento aqui um resumo de análises semelhantes para a marcação (ou não) de tense em outras línguas de sinais.



Zucchi (2009) apresenta uma análise da LIS como sendo uma língua de tense. O autor afirma que a língua apresenta flexão para tense na sinalização do verbo, que é modificado pela articulação do ombro, podendo indicar passado, presente ou futuro (ZUCCHI, 2009, p. 101), descrita como:

- i) Presente: o ombro está reto, alinhado ao resto do corpo;
- ii) Passado: o ombro está inclinado para trás em relação ao resto do corpo;
- iii) Futuro: o ombro está inclinado para frente, em relação ao resto do corpo.<sup>67</sup>

Seguem os exemplos apresentados pelo autor:

- |      |                                 |       |                        |
|------|---------------------------------|-------|------------------------|
|      |                                 |       | _____ombro reto        |
| (57) | GIANNI                          | HOUSE | BUY.                   |
|      | Gianni                          | casa  | comprar                |
|      | ‘Gianni está comprando a casa’. |       |                        |
|      |                                 |       | _____ombro para trás   |
| (58) | GIANNI                          | HOUSE | BUY.                   |
|      | Gianni                          | casa  | comprar                |
|      | ‘Gianni comprou a casa’.        |       |                        |
|      |                                 |       | _____ombro para frente |
| (59) | GIANNI                          | HOUSE | BUY.                   |
|      | Gianni                          | casa  | comprar                |
|      | ‘Gianni comprará a casa’.       |       |                        |

(ZUCCHI, 2009, p. 101)

---

<sup>67</sup> A nomenclatura utilizada pelo autor para se referir à articulação do ombro indicando tense é: i) *shoulder straight*, para o presente; ii) *shoulder backward*, para o passado e iii) *shoulder forward*, para o futuro. Neste trabalho, os termos foram traduzidos como ombro reto (i), ombro para trás (ii) e ombro para frente (iii), presentes nos exemplos (57), (58) e (59).

Além da marcação de tense por meio da posição dos ombros, Zucchi (2009, p. 99–100) afirma haver ainda outras três estratégias de estabelecimento de referência temporal em LIS: i) uso de advérbios de tempo; ii) uso de marcadores lexicais do tipo FINALIZADO/PRONTO e DEVER (*must*); iii) por meio do contexto.<sup>68</sup>

Fridman-Mintz (2005) também apresenta uma proposta de análise para a LSM como sendo de tense. Para tanto, o autor define os marcadores gerais de tense para o passado e o futuro na língua, que podem vir a sofrer modificações conforme as restrições morfofonológicas dos sinais pertencentes a cada uma das classes verbais propostas pelo autor.

O passado perfectivo é marcado pelo que o Fridman-Mintz (2005, p. 129) descreve como uma “família de movimentos de abaixamento de cabeça<sup>69</sup> sincronizados com uma sequência de estruturas manuais específica [de acordo com a classe verbal proposta]”.<sup>70</sup> De modo semelhante, a flexão para o futuro é “genericamente constituída por tipos de movimentos de abaixamento de cabeça” (FRIDMAN-MINTZ, 2005, p. 226),<sup>71</sup> que também apresentam variações conforme a classe do verbo. A respeito do presente, o

---

<sup>68</sup> Zucchi, contudo, não fornece uma definição do que ele chama de *contexto*, contudo, a partir dos exemplos fornecidos pelo autor, parece-nos que ele se refere a algum tipo de operador estabelecido no discurso, a partir de uma marcação explícita de referência temporal, que controla a interpretação temporal das sentenças seguintes. Ex:

YESTERDAY GIANNI MOVIE-THEATER GO. MARIA HIM-MEET  
'Yesterday Gianni went to the movie-theater. Maria met him there.'

<sup>69</sup> Do inglês *head lowering*.

<sup>70</sup> *Family of head lowering motions synchronized with specific manual sequential structures.*

<sup>71</sup> *Generically constituted by a type of head lowering motions.*

autor afirma que esse é um tense não-marcado na língua (FRIDMAN-MINTZ, 2005, p. 79).

Leeson (1996), em sua pesquisa a respeito da ISL, faz uma análise distinta das anteriores para esta língua. Segundo ela, a ISL é uma língua sem-tense e, “como a maioria das línguas do mundo, marca tempo por meio da interação de inúmeras variáveis linguísticas”<sup>72</sup> (LEESON, 1996, p. 113). Tais variáveis incluem “marcadores completivos, marcação de aspecto imperfectivo, construção de verbos seriados e referência específica de tempo [por meio de expressões temporais e advérbios de tempo]”<sup>73</sup> (LEESON, 1996, p. 112).

Apesar do indicado por grande parte das línguas aqui colocadas e, ainda, por parte das análises supracitadas da ASL, TÍD e Libras, Vellupilai (2012, p. 223) aponta que “parecer ser um universal que as línguas de sinais não apresentem tense gramatical. Em vez disso, advérbios de tempo combinados com a sinalização não marcada de eventos servem para especificar quando um evento ocorreu”.<sup>74</sup>

Pfau, Steinbach e Woll (2012) apresentam um ponto de vista semelhante ao de Velupillai (2012) e afirmam que: “línguas de sinais geralmente exibem padrões de marcação de TAM <sup>75</sup> surpreendentemente semelhantes (por

---

<sup>72</sup> *Like the majority of the world's languages, marks for time due to the interaction of a number of linguistic variables.*

<sup>73</sup> *Completive markers, imperfective aspectual marking, serial verb constructions and specific time reference.*

<sup>74</sup> *It seems to be a universal that sign languages do not have grammatical tense. Instead time adverbials combined with the unmarked event sign serve to specify when an event occurred*

<sup>75</sup> Tempo-Aspecto-Modo

exemplo, a ausência de flexão de tense, ricos sistemas de flexão aspectual, etc)” (PFAU; STEINBACH; WOLL, 2012, p. 187).<sup>76</sup>

Dessa forma, é possível perceber que a discussão a respeito da marcação de tense é produtiva para as línguas de sinais e apresenta propostas de análises distintas em relação à sua ocorrência.<sup>77</sup>

### **3.6 Síntese do capítulo**

O presente capítulo objetivou apresentar análises que já foram feitas para diferentes línguas de sinais em relação à marcação gramatical de tense. A ASL apresenta pesquisas que analisam a língua como sendo de tense (AARONS et al., 1995; GROSE, 2003; JACOBOWITZ; STOKOE, 1988; NEIDLE et al., 2000; SANDLER; LILLO-MARTIN, 2006), bem como sendo sem-tense (FRIEDMAN, 1975). De modo semelhante, para a TÍD há análises como a Gökgöz (2009), que a analisa como sendo de tense, e também análises que apontam o contrário (KARABÜKLÜ, 2018). Para a Libras, foram colocados os trabalhos de Ferreira-Brito (1995) – analisando a língua como sem-tense –, Finau (2004), Silva e Lessa-de-Oliveira (2016) e Bertucci e Finau (2018) – que analisaram a Libras como de tense. As análises revisadas

---

<sup>76</sup> *Sign languages generally display strikingly similar patterns in the domain of TAM-marking (e.g. lack of tense inflection, rich systems of aspectual inflection, etc).*

<sup>77</sup> Remetemos o leitor à Seção 2 de Pfau, Steinbach e Woll (2012) e à Seção 8.7 de Velupillai (2012) para a análise completa dos autores, que fazem um panorama de pesquisas e dados de línguas de sinais para a temática, alguns deles apresentados nesta dissertação.

neste capítulo estão organizadas no quadro a seguir, que separa as propostas para as línguas de sinais como sendo de tense ou sem-tense.

**Quadro 4.** Quadro-síntese de análises para tense em línguas de sinais.

<b>Línguas de sinais</b>	<b>De tense</b>	<b>Sem-tense</b>
	Jacobowitz and Stokoe (1988)	
ASL	Aarons et al. (1995) Neidle et al. (2000) Sandler and Lillo-Martin (2006)	Friedman (1975)
TİD	Gökgöz (2009)	Karabüklü (2018)
Libras	Finau (2004) Bertucci e Finau (2018)	Ferreira-Brito (1995)
LIS	Zucchi (2006)	
LSM	Fridman-Mintz (2005)	
ISL		Leeson (1996)

Nos próximos capítulos, apresentaremos a nossa proposta de análise para a Libras e argumentaremos que ela apresenta diferentes estratégias para o estabelecimento de referência temporal já identificadas para outras línguas de sinais e também línguas orais e que a Libras é, na verdade, uma língua sem-tense. Para isso, retomaremos os testes propostos por Lin (2012) para o chinês.

## **CAPÍTULO 4:**

### **LIBRAS: UMA LÍNGUA SEM-TENSE**

Na seção 2.5, foi apresentada a proposta de Lin (2012), que analisa o chinês como língua sem-tense, demonstrando propriedades sintáticas relacionadas à ausência de tal categoria na língua. Essas podem ser observadas em outras línguas que se comportem da mesma maneira em relação a tense. São elas:

- i) verbo sem morfologia de tense e opcionalidade da expressão temporal ou do advérbio de tempo;
- ii) passado não marcado gramaticalmente no verbo;
- iii) futuro marcado por auxiliar;
- iv) predicados de nominais nu;
- v) ausência de sujeito expletivo;
- vi) ausência de distinção morfológica entre finito e não-finito;
- vii) ausência de movimento motivado por caso;
- viii) interpretação de referência temporal baseada em aspecto.

Com base nas características que comprovam o estatuto do chinês como língua sem-tense, faremos aqui uma análise da Libras, utilizando os mesmos critérios propostas por Lin (2012), que serão retomados a seguir.

#### **4.1 Verbo sem morfologia de tense e opcionalidade da expressão temporal ou do advérbio de tempo**

De modo semelhante ao exposto para o chinês, em Libras os verbos não são marcados e o tempo pode ser referenciado opcionalmente por expressões temporais e advérbios de tempo. Vale lembrar a descrição de Ferreira-Brito (1995, p. 48) em que lemos que “o tempo é expresso através de locativos temporais, manifestando entre si relações espaciais”. Adicionalmente, os mesmos autores que parecem argumentar a favor de um sistema de tense na língua reconhecem a opcionalidade do uso de expressões temporais, como é o caso de Finau (2004) e Bertucci e Finau (2018).

Desse modo, as sentenças a seguir são possíveis em Libras, sem que as expressões temporais sejam obrigatórias:

- (60) JOÃO ESTUDAR PROVA.  
‘João estuda/está estudando/?estudou para a prova’.
- (61) (ONTEM) JOÃO ESTUDAR PROVA.  
‘Ontem João estudou para a prova’.
- (62) (HOJE) JOÃO ESTUDAR PROVA.  
‘Hoje João estuda/está estudando para a prova’.
- (63) (AMANHÃ) JOÃO ESTUDAR PROVA.  
‘Amanhã João estudará para a prova’.

Quando marcado com as expressões temporais e advérbios de tempo, a referência temporal será determinada a partir desses, como em (61), (62) e (63). No caso de (60), a interpretação *default* é o presente, mas outras leituras

temporais são possíveis, a depender da situação de fala. Retomaremos a interpretação temporal de sentenças sem advérbio de tempo no Capítulo 5 desta dissertação.

Em Libras, esses advérbios temporais parecem ocupar preferencialmente a posição inicial. Conforme Lourenço e Quadros (no prelo, p. 142) observam, o “advérbio temporal é gramatical se colocado na posição inicial da sentença. Essa é claramente a distribuição de preferência na língua”.<sup>78</sup> Os autores atestam com exemplos que a posição final também é aceita pelos falantes, contudo é uma posição pragmaticamente marcada.

(64) ONTEM JOÃO COMPRAR CARRO  
‘Ontem João comprou um carro’.

(65) \*JOÃO ONTEM COMPRAR CARRO  
‘João ontem comprou um carro’.

(66) \*JOÃO COMPRAR ONTEM CARRO  
‘João comprou ontem um carro’.

(67) JOÃO COMPRAR CARRO ONTEM  
‘João comprou um carro ontem’

(LOURENÇO; QUADROS, no prelo, p. 141–142)

Lourenço e Quadros (no prelo, p. 142) afirmam ainda que advérbios temporais são advérbios sentenciais e que, por isso, são adjungidos a TP.

---

<sup>78</sup> *Temporal adverb is grammatical if placed in the initial position of the sentence. This is clearly the preferred distribution in the language.*



É importante observarmos ainda que não parece haver distinção distribucional entre o que Finau chama de *operadores* de tempo (PASSADO) e advérbios temporais (ONTEM). Inclusive, esses elementos não podem co-ocorrer em uma mesma sentença (conforme (70) e (71)). Por esse motivo, chamaremos a todos esses elementos de expressões temporais e assumiremos que estas se encontram, uniformemente, em posição de adjunção a TP/IP.<sup>79</sup>

(68) ONTEM JOÃO COMPRAR CARRO.

(69) PASSADO JOÃO COMPRAR CARRO.

(70) \*PASSADO ONTEM JOÃO COMPRAR CARRO.

(71) \*ONTEM PASSADO JOÃO COMPRAR CARRO.

#### **4.2 Passado não marcado gramaticalmente no verbo**

Conforme vimos no exemplo (61), repetido a seguir como (72), expressões temporais podem ser inseridas na sentença para introduzir a leitura de passado na sentença. Contudo, a presença dessas expressões é opcional.

(72) (ONTEM) JOÃO ESTUDAR PROVA.  
'(Ontem) João estudou para a prova'.<sup>80</sup>

---

<sup>79</sup> Retomaremos a discussão sobre a projeção TP/IP na Seção 4.7.

<sup>80</sup> Ressaltamos que caso o advérbio de tempo 'ontem' não esteja presente na sentença, a interpretação deixará de ser o passado (até então marcado pelo advérbio) e se dará conforme exposto na sentença (60): 'João estuda/está estudando/?estudou para a prova'.

Chamaremos a atenção agora para a forma morfológica do verbo e, argumentaremos, que este não carrega nenhum tipo de expressão morfológica de tense/tempo.

Para isso, comparemos as sentenças a seguir:

(73) (ONTEM) JOÃO ESTUDAR PROVA.  
'Ontem João estudou para a prova'.

(74) (AGORA) JOÃO ESTUDAR PROVA.  
'Hoje João estuda/está estudando para a prova'.

(75) (AMANHÃ) JOÃO ESTUDAR PROVA.  
'Amanhã João estudará para a prova'.

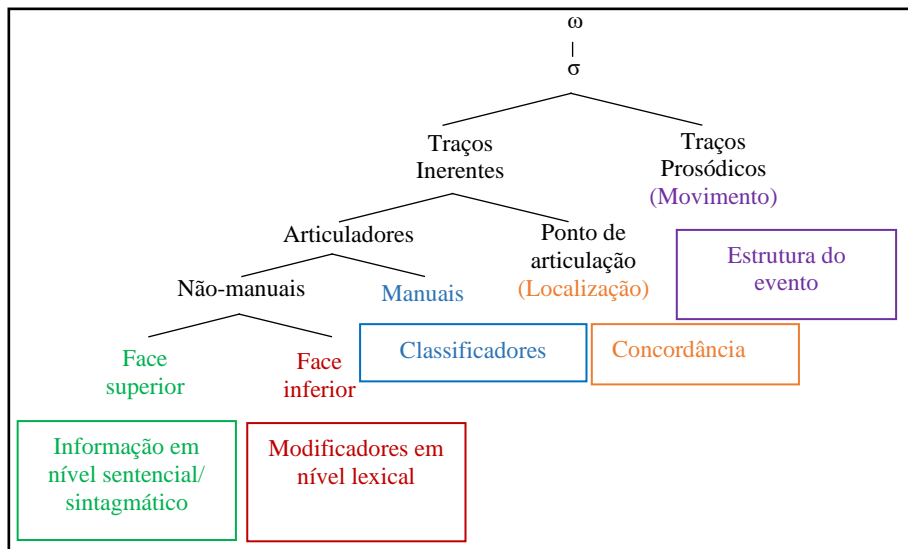
Além disso, Lourenço (2018a, 2018b) analisa a estrutura morfológica dos verbos em Libras e propõe que há um *layering* de informações visuais na estrutura verbal. Assim, o autor argumenta que “diferentes operações morfológicas irão ter como alvo diferentes nós na estrutura fonológica do verbo”.

Ao descrever essas estruturas morfológicas que compõem o verbo, Lourenço identifica cinco principais tipos de morfologia que incidem sobre o item verbal, a saber:

- i) modificações em nível sentencial/sintagmático têm como alvo as especificações de traços não-manuais, mais especificamente a região superior da face – ex.: foco;
- ii) modificações em nível lexical de caráter adverbial também alteram a estrutura de traços não-manuais, mas localizam-se na região inferior da face – ex: intensificador;
- iii) construções classificadores modificam a estrutura manual do sinal;
- iv) a concordância verbal constitui-se da alteração dos traços presentes sob o nó Ponto de Articulação;
- v) informações aspectuais e relacionadas à temporalidade do evento modificam a estrutura de Traços Prosódicos do sinal.

Dessa forma, a partir da descrição fornecida por Lourenço, não conseguimos identificar nenhum tipo de modificação na estrutura morfológica do verbo que possa ser analisada como um tipo de marcação de tense. Assim, a estrutura morfológica do verbo em Libras pode ser resumida da seguinte maneira:

**Figura 15.** Resumo da estrutura morfológica do verbo em Libras.



Fonte: Lourenço (2018a, p. 4).

### 4.3 Futuro marcado por auxiliar

Na seção 2.5, vimos que a referência ao tempo futuro se estabelece no chinês, dentre outras estratégias, por meio da utilização de auxiliares como *huì*. No caso da Libras, é comum a utilização dos sinais FUTURO e/ou V-A-I<sup>81</sup> em contextos semelhantes aos apresentados por Lin (2012) para o *huì*.<sup>82</sup>

(76) (FUTURO) JOÃO ESTUDAR PROVA (FUTURO).  
‘João estudará para a prova’.

(77) JOÃO ESTUDAR PROVA (V-A-I).  
‘João vai/irá estudar para a prova’.

<sup>81</sup> O sinal V-A-I é grafado dessa forma, com cada letra separada por hífen, conforme convenção de representação de sinais com soletramento nas línguas sinalizadas.

<sup>82</sup> Esses sinais também são descritos como marcadores de futuro por Silva e Lessa-de-Oliveira (2016, p. 170–171).

É interessante observarmos que FUTURO e V-A-I não parecem ter o mesmo estatuto na estrutura, já que ocupam diferentes posições na sentença.<sup>83</sup> FUTURO parece ser um advérbio de tempo, já que, conforme observado por Lourenço e Quadros (no prelo, p. 142), o “advérbio temporal é gramatical se colocado na posição inicial da sentença.”<sup>84</sup> Além disso, conforme atestado pelos autores, a posição final também é aceita pelos falantes em contextos pragmaticamente específicos. Já V-A-I ocorre em posição final da sentença e parece trazer uma leitura de futuro próximo (LOURENÇO, 2018b), não podendo ocorrer em nenhuma outra posição sentencial:

(78) (\*V-A-I) JOÃO (\*V-A-I) ESTUDAR (\*V-A-I) PROVA.  
'João vai/irá estudar para a prova'.

Deixaremos, contudo, a discussão sobre o estatuto de V-A-I e sua posição estrutural na sentença para investigações futuras.<sup>85</sup>

#### 4.4 Predicados de nominais nus

A existência de predicados de nominais nus também é uma característica presente na Libras, que apresenta nomes e adjetivos sem cópula como predicados principais de sentenças. Ao retornamos aos exemplos (39) e (40),

---

<sup>83</sup> Em função disso, FUTURO e V-A-I podem co-ocorrer.

<sup>84</sup> *Temporal adverb is grammatical if placed in the initial position of the sentence. This is clearly the preferred distribution in the language.*

<sup>85</sup> Vale apontar, apenas, que, conforme observado por Lourenço (2018b), V-A-I apresenta distribuição semelhante ao sinal AINDA-NÃO.

repetidos a seguir como (79) e (80), apresentados por Lin (2012, p. 678) para o chinês, percebemos que as mesmas construções podem ser feitas para a Libras conforme exemplos dados em (81) e (82).

(79) Jīntiān        xīngqítīān.  
Hoje            domingo  
'Hoje é domingo'.

(80) Tā      dà      bízī.  
Ele   grande nariz  
'Ele tem o nariz grande'.

(LIN, 2012, p. 678)

(81) HOJE        DOMINGO.  
'Hoje é domingo'.

(82) ELE NARIZ        GRANDE.  
'Ele tem um nariz grande'.

A presença de nominais nus já foi observada para outras línguas de sinais, como a ASL (SANDLER; LILLO-MARTIN, 2006) e a HKSL (Língua de Sinais de Hong Kong) (TANG; SZE, 2009):

HKSL é similar à ASL em que ambos os determinantes definidos e indefinidos podem ser opcionais. Dessa forma, nominais nus são bastante comuns em HKSL. Eles podem ser definidos, indefinidos específicos, indefinidos não-específicos e genéricos. Também, a maioria dos nominais nus ocorre tanto na posição pré-verbal quanto na pós-verbal (TANG; SZE, 2009, p. 308).<sup>86</sup>

---

<sup>86</sup> *HKSL is similar to ASL in that both the definite and indefinite determiners may be optional. As such, bare nouns are quite common in HKSL. They may be definite (14a), indefinite specific (14b), indefinite nonspecific (14c), and generic (14d). Also, almost all bare nouns occur in either preverbal or postverbal positions.*

Além da presença de nominais nus em Libras, o que mostramos com os dados acima é que esses nomes nus podem exercer função predicadora, sem a presença de um elemento de cópula.

Dessa forma, mais uma das características apontadas por Lin (2012) para línguas sem-tense é encontrada em Libras.

#### **4.5 Ausência de sujeito expletivo**

Como exposto por Lin, a ausência de sujeito expletivo é uma característica sintática do chinês, também presente em outras línguas sem-tense. A justificativa apresentada pelo autor é o fato de a língua não preencher o núcleo TP e, portanto, não possuir a obrigatoriedade de preencher, também, a posição de SpecTP condição explicitada por Roberts e Roussou (2002, p. 132): “o núcleo contendo T deve ter seu especificador preenchido”.

O mesmo exemplo apresentado para o chinês em (43), reproduzido abaixo como (83), parece funcionar para a Libras, conforme (84):

- (83) Xià yu le.  
Cair chuva agora  
‘Está chovendo agora’. Lit: ‘Cai chuva agora’.

(LIN, 2012, p. 679)

- (84) CHOVER AGORA.  
‘Está chovendo agora’.

É possível observarmos também que em construções de alçamento em Libras, não há a presença de nenhum elemento expletivo, conforme exemplos a seguir:

(85) \_\_\_\_ PARECE            JOÃO SAIR    JÁ.

(86) JOÃO PARECE            \_\_\_\_ SAIR    JÁ  
    ↑                                  |

Desse modo, a ausência de sujeito expletivo em Libras, corrobora com a análise dessa língua como sendo sem-tense.

#### **4.6 Ausência de distinção morfológica entre finito e não-finito**

Outra característica sintática das línguas sem-tense apresentada por Lin (2012) é a ausência de distinção morfológica entre finito e não-finito. Segundo o autor, isso ocorre pois há uma relação intrínseca entre finitude e o preenchimento de TP, desse modo, a ausência de TP implicaria na ausência de distinções relacionadas à finitude.

Apesar de a análise de Sandler e Lillo-Martin (2006) para a ASL considerar tal língua como sendo de tense, os autores reconhecem que não há nenhuma marcação evidente no verbo que diferencie orações subordinadas infinitivas das flexionadas. Desse modo, “verbos como TENTAR e QUERER se comportam



como complementos não-finitos” (SANDLER; LILLO-MARTIN, 2006, p. 317).<sup>87</sup>

Em Libras, sentenças como (87), (88) e (89) apresentam a mesma estrutura morfológica para o verbo VIAJAR apesar de, aparentemente, expressarem diferentes noções em relação à finitude.

(87) IX<sub>1</sub>    **VIAJAR**            RIO-DE-JANEIRO.  
Eu    **viajar**            Rio de Janeiro  
‘Eu viajei para o Rio de Janeiro’.

O exemplo (87) apresenta um verbo não marcado que é interpretado como passado sem, contudo, haver marcas relativas a tense. Lourenço e Quadros (no prelo) apresentam os seguintes exemplos utilizando o mesmo verbo, contudo, em um contexto não-finito:

(88) IX<sub>1</sub>    WANT            [TRAVEL            RIO-DE-JANEIRO].  
Eu    querer            **viajar**            Rio de Janeiro  
‘Eu quero viajar para o Rio’.

(89) IX<sub>1</sub>    WANT            [IX<sub>2</sub>    TRAVEL RIO-DE-JANEIRO].  
Eu    querer            você    **viajar**            Rio de Janeiro  
‘Eu quero que você viaje para o Rio’.

(LOURENÇO; QUADROS, no prelo, p. 140)

A presença do verbo QUERER em (88) e (89) muda a interpretação da sentença em relação à finitude, sem que, para isso, o verbo seja marcado de um modo

---

<sup>87</sup> *Verbs such as TRY and WANT behave like non-finite complements.*

distinto. Tais exemplos parecem corroborar com o apontamento de Sandler e Lillo-Martin, contudo, sabemos que mais testes são necessários para se atestar a natureza finita/não-finita dessas construções.

#### **4.7 Ausência de movimento motivado por Caso.**

Lin (2012) aponta que a ausência de tense em chinês implicaria, também, na ausência de movimento motivado por Caso na língua. Essa característica também parece estar presente na Libras.

Lourenço (2014), seguindo Pesetsky e Torrego (2001) e Miyagawa (2007, 2010) argumenta que, em Libras, o movimento do sujeito para a posição de SpecTP é motivado por concordância e não por Caso. Assim, o autor propõe uma derivação sintática em que todos os argumentos recebem Caso estrutural (ou inerente) *in situ* e que são os traços de concordância que engatilham movimento dos argumentos para projeções mais altas.

É interessante observarmos ainda que, de acordo com a análise de Lourenço (2014), o núcleo T<sup>o</sup> em Libras não é preenchido, o que está consoante à análise de Lin para o chinês. Em Libras, não há movimento do verbo para T, de modo que a morfologia de concordância com o sujeito deve ser pronunciada junto ao verbo em sua posição baixa, resultando no clássico fenômeno de *affix hopping* (LOURENÇO, 2014, p. 114).

Por fim, é importante apenas discutirmos brevemente sobre a presença da projeção TP em uma língua sem-tense, conforme estamos propondo em nossa

análise para a Libras. Apesar de, tradicionalmente, línguas como o Chinês serem analisadas como línguas sem concordância, Myiagawa (2010) argumenta que o Chinês, de fato, apresenta o fenômeno de concordância pessoal. Na Seção 2.7 de seu livro, Myiagawa (2010) mostra que o Chinês possui um robusto sistema de concordância pessoal, porém, semelhantemente ao que argumentamos (e também Lourenço (2014)) para a Libras, a categoria T nessa língua não é preenchida.

Por esse motivo, continuaremos assumindo a presença de uma projeção TP para a Libras, apesar de argumentarmos que essa língua é uma língua sem-tense.

#### **4.8 Interpretação de referência temporal baseada em aspecto**

Ao descrever o estabelecimento da referência temporal de passado no chinês, Lin (2012, p. 673) apresenta exemplos envolvendo diferentes estratégias indicadoras de passado: i) o aspecto inerente do próprio verbo; ii) o uso de expressões temporais ou advérbios de tempo; iii) morfemas indicadores de aspecto.

O estudo das relações temporais com base no aspecto é comum em pesquisas linguísticas, pois as informações aspectuais da construção interagem com a interpretação da referência temporal codificada pelo tense verbal (ver a noção de aspecto incremental de Filip (2012)). Isso fica claro nos exemplos do chinês em que sentenças com verbos de *achievement* e *accomplishment* são

interpretadas, por default, no passado. Os exemplos (28), (29) e (30) são repetidos a seguir como (90), (91) e (92).

(90) Zhāngsān bǎ wǒ **bǎng** zài yǐzi shàng.  
 Zhāngsān PAR<sup>88</sup> eu **amarrar** em cadeira em.  
 ‘Zhāngsān me amarrou na cadeira’.

(91) Zhāngsān **dǎpò** yí shàn chuānghù.  
 Zhāngsān **break** uma CL janela  
 ‘Zhāngsān quebrou uma janela’.

(92) Lǐsì **dǎpò** huāpíng.  
 Lǐsì **quebrar** vaso  
 ‘Lǐsì quebrou o vaso’.

(LIN, 2012, p. 672) e 673

Argumentaremos que o mesmo fenômeno é observado em Libras, de modo que orações não marcadas para referência temporal com verbos de atividade terão interpretação *default* no presente. Por outro lado, orações não marcadas para tempo, com verbos de *accomplishment* e *achievement* terão interpretação *default* de passado.<sup>89</sup>

(93) IX<sub>1</sub> ESTUDAR MATEMÁTICA.  
 eu estudar matemática  
*Interpretação default: presente.*

(94) IX<sub>1</sub> PERDER CHAVE.  
 eu perder chave.  
*Interpretação default: passado.*

<sup>88</sup>Lin (2012, p. 693) esclarece que *bǎ* “é uma partícula no chinês cuja natureza e significado preciso não são relevantes” para a análise proposta.

<sup>89</sup>As sentenças (93) e (94) são parte dos estímulos utilizados nos experimentos que serão apresentados no próximo capítulo.

De modo a verificar a leitura temporal dessas sentenças, realizamos um teste de julgamento com sujeitos surdos e também um estudo piloto de rastreamento ocular. Esses experimentos serão discutidos em nosso próximo capítulo.

#### 4.9 Síntese do capítulo

A partir das características e dos testes propostos por Lin (2012) para se identificar uma língua sem-tense, é possível afirmar que a Libras comporta-se de modo bastante semelhante ao chinês e que, por isso, argumentamos que não há marcação de tense na gramática da Libras. Essas características são resumidas no quadro a seguir:

**Quadro 5.** Quadro-síntese das características das línguas sem-tense presentes em chinês e em Libras.

	<b>Característica de língua sem-tense</b>	<b>Chinês</b>	<b>Libras</b>
<b>1</b>	Verbo sem morfologia de tense e opcionalidade da expressão temporal ou do advérbio de tempo.	✓	✓
<b>2</b>	Passado não marcado gramaticalmente no verbo.	✓	✓
<b>3</b>	Futuro marcado por auxiliar.	✓	✓
<b>4</b>	Predicados de nominais nu.	✓	✓
<b>5</b>	Ausência de sujeito expletivo.	✓	✓
<b>6</b>	Ausência de distinção morfológica entre finito e não-finito.	✓	✓
<b>7</b>	Ausência de movimento motivado por Caso.	✓	✓
<b>8</b>	Interpretação de referência temporal baseada em aspecto.	✓	✓

No Capítulo 5, analisaremos mais detalhadamente a relação entre aspecto e interpretação temporal das sentenças em Libras.

## **CAPÍTULO 5:**

### **A INTERAÇÃO ENTRE ASPECTO E INTERPRETAÇÃO DE REFERÊNCIA TEMPORAL EM LIBRAS**

O objetivo do presente capítulo é analisar a interação entre aspecto e interpretação de referência temporal em Libras. Para tanto, assumiremos a Hipótese de Visibilidade do Evento, postulada por Wilbur, que trata da relação entre a semântica e a constituição morfofonológica do sinal nas línguas sinalizadas. Na seção seguinte, discutiremos como a marcação de telicidade é feita em Libras e, por fim, apresentaremos dois testes realizados na tentativa de compreender melhor como o surdo estabelece referência temporal de sentenças em Libras: um julgamento de compreensão de sentenças sinalizadas e um estudo piloto utilizando rastreamento ocular.

#### **5.1 Hipótese da Visibilidade do Evento (HVE)**

No capítulo 2, introduzimos a discussão de que eventos podem ser analisados a partir das noções de eventividade, duratividade e telicidade. Dentre estas, a telicidade é a que nos interessa na análise deste capítulo.

Rappaport Hovav, Doron e Sichel (2010, p. 3) apontam que “línguas diferem em relação a como telicidade é lexicalmente codificada e às estratégias

morfológicas disponíveis para se construir telicidade”.<sup>90</sup> Apresentaremos a seguir a proposta teórica de Wilbur (2003, 2005, 2008, 2010), a Hipótese de Visibilidade do Evento (HVE), que dispõe sobre a marcação da telicidade (e outras informações eventivas) na estrutura morfofonológica das línguas sinalizadas.

Wilbur (2010, p. 355) observa que

tradicionalmente, a relação entre semântica (significado) e fonologia (forma) tem sido observada como um mapeamento arbitrário por meio de morfemas armazenados no léxico e aprendidos individualmente durante o processo de aquisição.<sup>91</sup>

Contudo, a autora ressalta que essa visão decorre das pesquisas em línguas orais, para as quais é difícil estabelecer tal relação porque “línguas orais não conseguem representar facilmente significado por meio de suas fonologias” (WILBUR, 2010, p. 355).<sup>92</sup>

Ao analisar a Estrutura do Evento dos verbos em ASL, Wilbur (2010) propõe que há um mapeamento de forma e significado. É a partir dessa interface entre fonologia e semântica, que a autora postula a Hipótese de Visibilidade do Evento:

---

<sup>90</sup> *Languages differ in terms of how telicity is lexically encoded, and in the morphosyntactic means available for constructing telicity.*

<sup>91</sup> *Traditionally, the relationship between semantics (meaning) and phonology (form) has been taken as an arbitrary mapping into morphemes stored in the lexicon and learned individually during the acquisition process.*

<sup>92</sup> *Spoken languages cannot easily represent meaning with their phonologies.*

*Hipótese de Visibilidade do Evento (HVE):*

No sistema de predicação, aspectos semânticos da estrutura do evento são visíveis na forma fonológica do sinal predicador (WILBUR, 2008, p. 229).

Wilbur (2008, 2010) identifica nos verbos em ASL um conjunto de morfemas específicos que codificam informações eventivas no sinal predicador. Esses morfemas estão descritos no quadro a seguir, bem como a forma fonológica que apresentam:

**Quadro 6.** Morfemas propostos pela HVE.

<b>Morfema</b>	<b>Função</b>	<b>Forma Fonológica<sup>93</sup></b>
EstadoFinal	Marcador de eventos télicos	Rápida desaceleração em direção a um ponto
EstadoInicial	Marcador do estado inicial	Rápida aceleração a partir de um ponto
Extensão	Duração do evento	Trajectoria, [contorno]
Trajectoria	Distância em eventos espaciais	Trajectoria, [contorno]
Extra	Modificador adverbial	[arco]
USET <sup>94</sup>	Modificador adverbial temporal	Movimento Agitante [TM] <sup>95</sup>

Fonte: Lourenço (2018c, p. 224), adaptado de Wilbur (2008, p. 220).

Segundo Wilbur, dentre as propriedades da estrutura do evento codificadas na forma fonológica do sinal predicador, a telicidade é marcada pelo morfema

<sup>93</sup> Os traços fonológicos descritos neste quadro assumem o Modelo Prosódico (BRENTARI, 1998).

<sup>94</sup> Estado Imutável ao Longo do Tempo Decorrido (do inglês, *Unchanging State in Elapsing Time*).

<sup>95</sup> Do inglês, *Trilled Movement*.







{EstadoFinal}. Esse é definido pela autora como “um afixo que significa que o evento tem um estado final e é télico. Sua forma fonológica é uma rápida desaceleração do movimento até uma completa parada” (WILBUR, 2008, p. 232).<sup>96</sup> Em contrapartida, eventos atélicos não possuem {EstadoFinal}, e apresentam {Extensão} e {Trajetória}.

Eventos télicos, portanto, podem apresentar quatro tipos de movimentos fonológicos que podem ser combinados com {EstadoFinal}:

- i) Mudança de configuração de mão;
- ii) Mudança de orientação;
- iii) Mudança de localização;
- iv) Traço de trajetória [direção].<sup>97</sup>

A seguir, são fornecidos os exemplos de verbos em ASL apresentados por Wilbur, para verbos télicos (Figura 16).

**Figura 16.** Verbos télicos em ASL.

			
SEND <i>enviar</i>	HAPPEN <i>acontecer</i>	POSTPONE <i>adiar</i>	HIT <i>bater</i>

Fonte: Wilbur (2008, p. 232).

<sup>96</sup> *An affix morpheme which means that an event has a final state and is telic. Its phonological form is 'a rapid deceleration of the movement to a complete stop.*

<sup>97</sup> [direção]: um movimento de trajetória retilíneo, fonologicamente especificado, executado a um ângulo de 90° em direção a (>|]) ou a partir de (|>]) um ponto em um plano de articulação (BRENTARI, 1998, p. 136).

Na figura cima, todos os verbos em ASL apresentam o morfema {EstadoFinal}. SEND é articulado com mudança de abertura e de configuração de mão; HAPPEN é articulado com mudança de orientação; POSTPONE possui mudança de localização e HIT apresenta, além da mudança de localização, traço de trajetória.

A HVE, em especial o morfema {EstadoFinal}, tem sido aplicada a diferentes línguas de sinais. Dentre elas, destacamos a TÌD (KARABÜKLÜ, 2018; STRICKLAND et al., 2015), LIS (STRICKLAND et al., 2015), NGT (Língua de sinais Holandesa) (STRICKLAND et al., 2015), ÖGS (Língua de Sinais Austríaca) (SCHALBER, 2004, 2006; WILBUR, 2008), HZJ (Língua de Sinais Croata) (MALAIA; WILBUR; MILKOVI, 2013) e a Libras (LOURENÇO, 2018a), tema de nossa próxima seção.

## 5.2 Marcação de telicidade em Libras

A partir da HVE, Lourenço (2018a) analisou a presença do morfema {EstadoFinal} nos verbos em Libras:

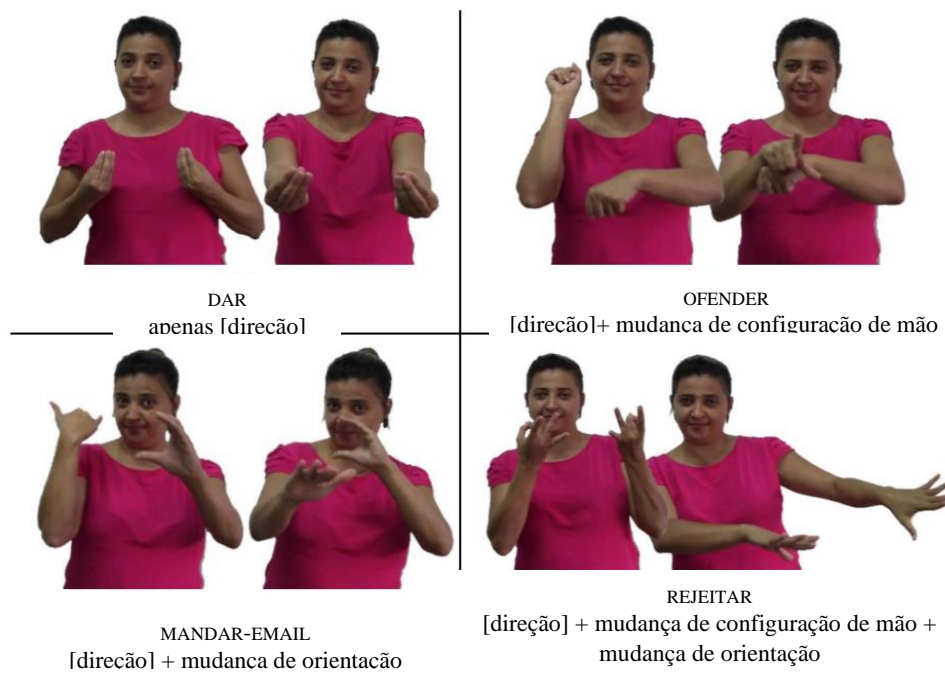
A fim de testar a presença de EstadoFinal como um marcador de telicidade em Libras, nós identificamos 260 verbos a partir dos nossos 583 verbos. Verbos foram classificados em termos de suas propriedades eventivas (estados, processos ou transições) e suas especificações quanto ao tipo de trajetória ([direção] versus [contorno]) e se eles tinham mudança (configuração de mão, orientação e ponto de articulação) (LOURENÇO, 2018c, p. 228).<sup>98</sup>

---

<sup>98</sup> *In order to test the presence of EndState as a telic marker in Libras, we identified 260 telic verbs from our 583 verbs. Verbs were classified in terms of their event properties (states,*

O autor observou que a maioria dos verbos télicos apresenta [direção] e que essa “co-ocorre com outros tipos de movimento, como mudança de configuração de mão e/ou mudança de orientação”.<sup>99</sup> Exemplos são fornecidos na Figura 17.

**Figura 17.** Verbos télicos em Libras com [direção]



Fonte: Lourenço (2018c, p. 230)

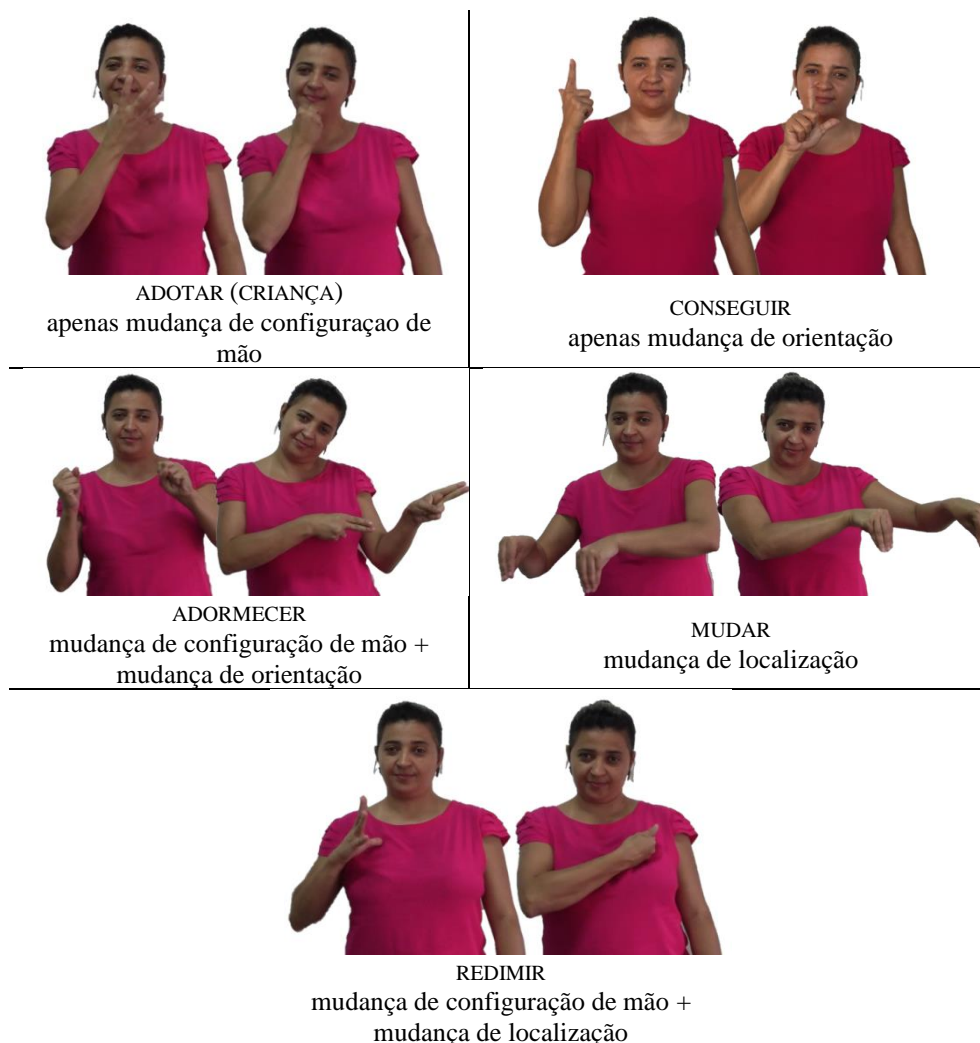
Segundo o Lourenço, os verbos télicos que não apresentam [direção] apresentam pelo menos uma das outras especificações apontadas por Wilbur,

*processes or transitions) and their path feature specifications ([direction] vs. [tracing]) and if they have change (handshape, orientation and setting).*

<sup>99</sup> *Co-occurs with other types of movement, such as handshape change and/or orientation change.*

que também foram combinadas em outros verbos, conforme ilustrado pela Figura 18.

**Figura 18.** Verbos télicos em Libras sem [direção]



Fonte: Lourenço (2018c, p. 232)

É interessante observarmos que, mesmo que alguns verbos télicos em Libras não apresentem [direção] em sua composição fonológica, {EstadoFinal} é comum a todos eles. Segundo Lourenço (2018c, p. 232) “os resultados indicam que {EstadoFinal} realmente é um marcador de telicidade em Libras

e que esse é combinado aos outros tipos de movimento previstos por Wilbur (2008)”.<sup>100</sup>

O fato de haver um morfema específico que codifica o traço [+télico] em Libras mostra-se bastante interessante para testarmos uma característica descrita por Lin (2012) para as línguas sem-tense: a interpretação temporal da sentença baseada em aspecto. De modo a verificarmos se, em Libras, sentenças télicas tendem a receber uma interpretação temporal de passado, realizamos dois estudos: um estudo de julgamento de sentenças e um estudo piloto de rastreamento ocular.

### **5.3 Interpretação temporal baseada em aspecto: julgamento de sentenças não-marcadas em Libras**

Com base na proposta teórica da HVE e no que foi exposto na seção anterior, elaboramos um teste de julgamento da referência temporal de sentenças não-marcadas em Libras. O nosso objetivo era analisar como surdos sinalizantes interpretam o tempo da sentença quando os marcadores explícitos de tempo – como as expressões temporais – não estão presentes.

Para isso, inspirados no estudo desenvolvido por Karabüklü (2018) para a análise do estabelecimento de referência temporal em TİD, elaboramos um teste a Libras, que será descrito nas subseções a seguir.

---

<sup>100</sup> *The results indicate that {EndState} really is a marker of telicity in Libras and that it does combine with the types of movement predicted by Wilbur (2008).*

### **5.3.1 Participantes**

Para a realização do teste, contamos com a participação de 14 pessoas, todas surdas, 11 mulheres, com idade entre 22 e 45. Todos os participantes são alunos do curso de Letras-Libras da Faculdade de Letras da UFMG. Dentre eles, 8 nasceram surdos e 6 se tornaram surdos entre 1 e 4 anos de idade. Além disso, a idade de aquisição da Libras por esses sujeitos variou entre 3 e 17 anos.

### **5.3.2 Materiais**

Para esse estudo, elaboramos 18 sentenças experimentais, sendo 9 sentenças com verbos télicos e 9 sentenças com verbos atélicos. Essas sentenças continham a ordem básica SVO, sendo que o sujeito sempre era realizado na primeira pessoa do singular (IX<sub>1</sub>, *eu*). Adicionalmente, os objetos das sentenças eram todos nominais nus, sinalizados no espaço em frente ao corpo (espaço não-marcado). Isso foi necessário de modo a evitar que o espaço de sinalização contribuísse semanticamente com a interpretação do objeto – especialmente no que diz respeito à definitude e especificidade (LOURENÇO, *em elaboração*; SÁ et al., 2012), que são traços semânticos computados para a leitura aspectual da sentença (FILIP, 2012). Um exemplo de sentença com verbo atélico é fornecido em (95) e um exemplo de sentença com verbo télico é dado em (96):

- |      |                 |         |             |
|------|-----------------|---------|-------------|
| (95) | IX <sub>1</sub> | ESTUDAR | MATEMÁTICA. |
|      | eu              | estudar | matemática  |
| (96) | IX <sub>1</sub> | PERDER  | CHAVE.      |
|      | eu              | perder  | chave.      |

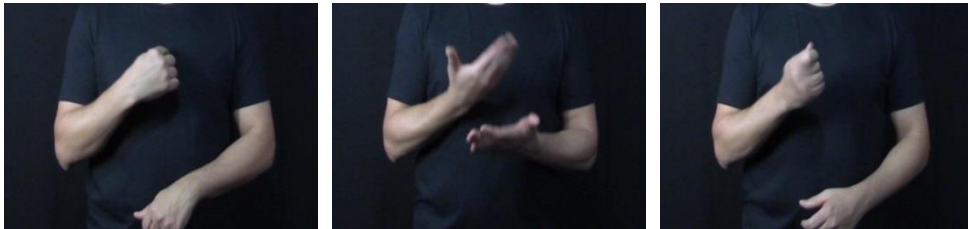
Além dessas sentenças, o estudo contou com 20 sentenças distratoras, que poderiam ser sentenças com predicados de nominais nus, orações marcadas com expressões temporais e até mesmo orações que continham advérbios de tempo (o script está disponível no **Apêndice 1**).

As sentenças foram sinalizadas por um surdo nativo em Libras e gravadas em vídeo. Na fase da edição, os vídeos foram cortados de modo que a cabeça do sinalizador não estivesse visível em tela. Optamos por remover a cabeça do sinalizador, devido a trabalhos encontrados na literatura que afirmam haver marcadores não-manuais, em especial movimentos de cabeça, que podem funcionar como marcadores de tempo/tense em línguas de sinais (FRIDMAN-MINTZ, 2005; GÖKGÖZ, 2009; GROSE, 2003). Uma vez que não pudemos investigar se esses marcadores fazem parte da gramática da Libras e, principalmente, pelo fato de que aqui queremos testar apenas a interação entre aspecto lexical do verbo e a interpretação de referência temporal da sentença, optamos por não ter a cabeça como possível elemento confundidor em nossa análise. A seguir, capturas de tela são apresentadas, de modo a ilustrar as sentenças apresentadas aos participantes do estudo:

**Figura 19.** Sentença com verbo atélico: IX<sub>1</sub> ESTUDAR MATEMÁTICA.



**Figura 20.** Sentença com verbo télico: IX<sub>1</sub> PERDER CHAVE.




Ao decidirmos por remover a cabeça da tela, foi necessário certificarmos-nos de que as sentenças continuavam inteligíveis em Libras. Assim, dividimos as sentenças do estudo em dois questionários online, elaborados na ferramenta *Google Forms*, para que essas sentenças pudessem ser avaliadas quanto à sua inteligibilidade a partir de uma Escala Likert de 5 pontos, (1 = não entendo nada / 5 = entendo completamente).



**Figura 21.** Captura de tela do questionário de inteligibilidade das sentenças

Sentença 1



Você entendeu a frase?

1 = Não entendo nada. / 5 = Entendo completamente \*

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Obtivemos 11 respondentes – 6 para o Questionário 1 (4 surdos e 2 ouvintes bilíngues) e 5 para o Questionário 2 (4 surdos e 1 ouvinte bilíngue). E, todas as nossas sentenças obtiveram média superior a 4,00, o que significa que os estímulos de nosso experimento são inteligíveis por sinalizadores da Libras, sejam estes Surdos ou ouvintes bilíngues.

As 38 sentenças (18 experimentais e 20 distratoras) foram aleatorizadas e reunidas em um único vídeo, com intervalos de 5 segundos entre elas.

### **5.3.3 Procedimentos**

O teste foi realizado em uma sala de aula, com todos os participantes simultaneamente. Inicialmente os participantes tiveram acesso ao TCLE<sup>101</sup> em Libras e em português escrito. Os aplicadores do teste instruíram aos participantes que assistissem às sentenças que seriam exibidas no vídeo e assinalassem na folha de respostas aquela que correspondia ao tempo ao que o evento sinalizado se referia.

Após a compreensão das instruções foram distribuídas as folhas de resposta que continham um cabeçalho, para que o participante preenchesse com nome, idade e informações sobre a surdez e idade de aquisição da Libras. Depois disso, havia um quadro numerado de 1 a 38, com as opções de resposta: PASSADO, PRESENTE e FUTURO para cada item.

Primeiramente, foram exibidas 3 sentenças de teste, para que nos certificássemos de que os participantes haviam compreendido a tarefa, e após a sessão de testes, seguimos com a exibição das 35 sentenças restantes. Os alunos assistiam à sentença e tinham um intervalo de 5 segundos para marcar a resposta adequada.

Após o final do vídeo, os formulários foram recolhidos e as respostas transpostas para o *Excel*, para que a análise dessas fosse feita. As respostas serão apresentadas na subseção a seguir.

---

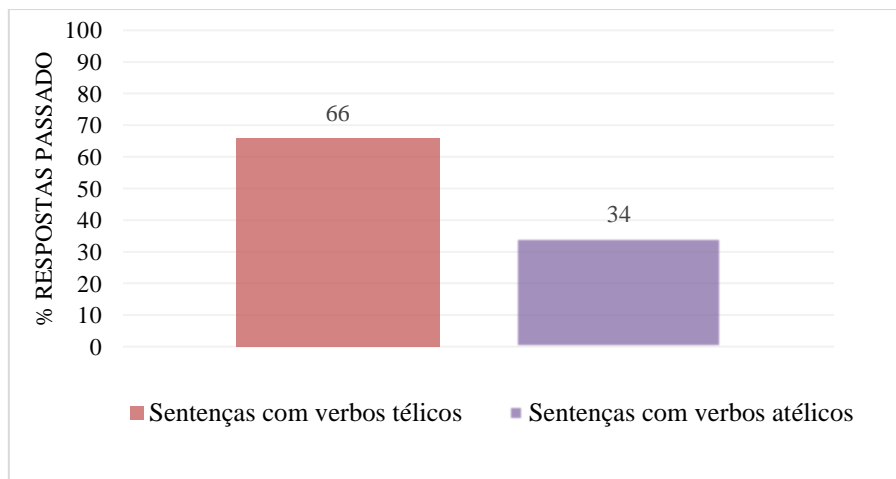
<sup>101</sup> Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

### 5.3.4 Resultados

A partir de nossa hipótese de trabalho (sentenças com verbos télicos possuem uma tendência maior a serem interpretadas no tempo passado, quando não marcadas por nenhum tipo de expressão temporal), totalizamos a quantidade de respostas PASSADO e PRESENTE fornecidas por nossos participantes. As respostas FUTURO não foram consideradas em nossa análise, por se limitarem às sentenças distratoras do estudo.

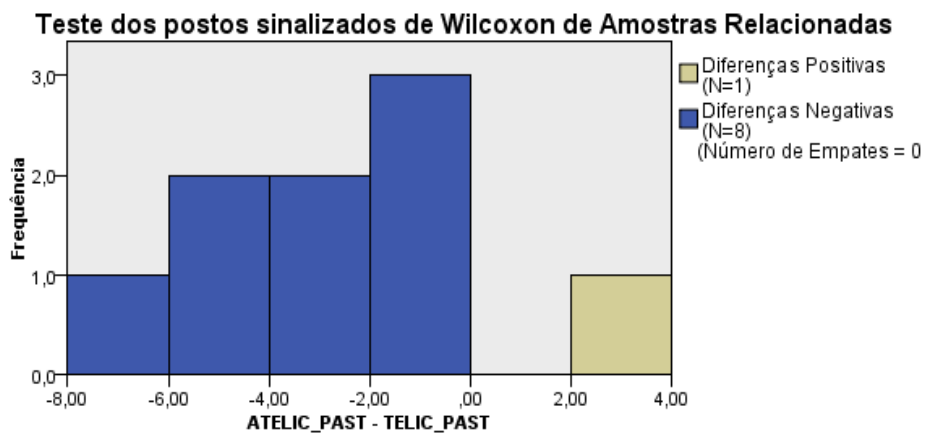
Um teste dos postos sinalizados de Wilcoxon mostrou que os participantes fornecem mais respostas de PASSADO para sentenças com verbos télicos do que para sentenças com verbos atélicos (66% vs. 34%, significante em  $p \leq 0.01$ ). Os resultados são fornecidos no **Gráfico 1**.

**Gráfico 1.** Respostas PASSADO (verbos télicos *versus* verbos atélicos).



O gráfico de frequência e a estatística descritiva do teste de hipótese gerado pelo software SPSS são fornecidos a seguir:

**Gráfico 2.** Frequência de respostas PASSADO (verbos télicos *versus* verbos atélicos).



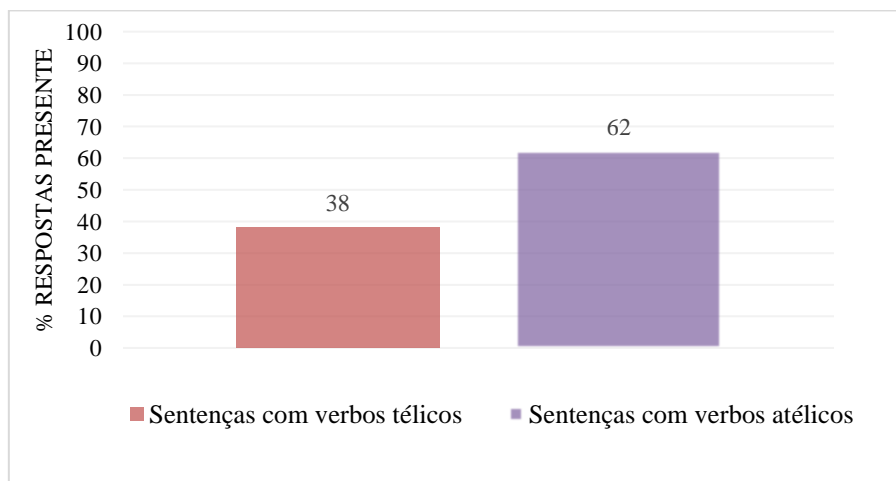
**Tabela 1.** Estatística descritiva do teste de hipótese para as respostas PASSADO.

<b>N total</b>	9
<b>Estatística de teste</b>	3,000
<b>Erro padrão</b>	8,396
<b>Estatística de Teste Padronizado</b>	-2,322
<b>Sig. assintótico (teste de 2 lados)</b>	,020

O teste dos postos sinalizados de Wilcoxon também confirmou que os participantes fornecem menos respostas de PRESENTE para sentenças com

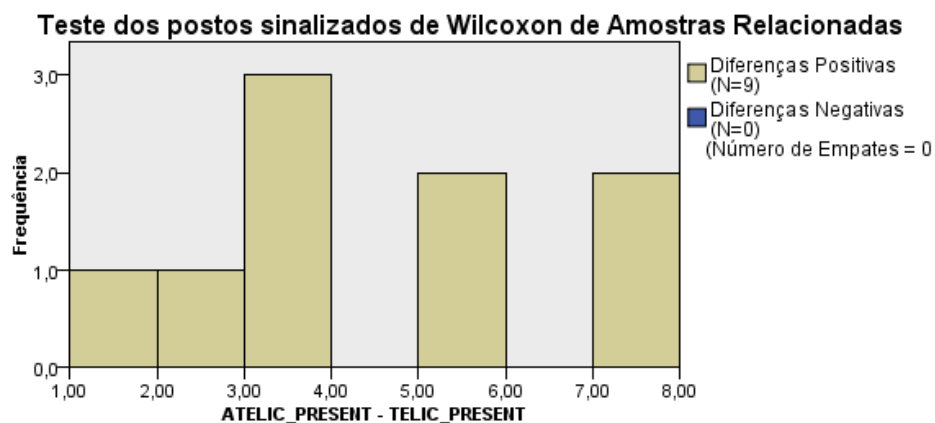
verbos télicos do que para sentenças com verbos atélicos (38% vs. 62%,  
significante em  $p \leq 0.01$ ). Os resultados são fornecidos no Gráfico 3.

**Gráfico 3.** Respostas PRESENTE (verbos télicos *versus* verbos atélicos).



O gráfico de frequência e a estatística descritiva do teste de hipótese gerado pelo software SPSS são fornecidos a seguir:

**Gráfico 4.** Frequência de respostas PRESENTE (verbos télicos *versus* verbos atélicos).



**Tabela 2.** Estatística descritiva do teste de hipótese para as respostas PRESENTE.

<b>N total</b>	9
<b>Estatística de teste</b>	45,000
<b>Erro padrão</b>	8,396
<b>Estatística de Teste Padronizado</b>	2,680
<b>Sig. assintótico (teste de 2 lados)</b>	,007

### **5.3.5 Discussão**

O resultado do teste de julgamento de sentenças confirma haver uma relação entre a telicidade do verbo e a interpretação de referência temporal de sentenças não marcadas com expressões temporais em Libras. É interessante observarmos que sentenças que contém verbos téllicos são mais interpretadas no passado do que sentenças com verbos atélicos. Adicionalmente, essas sentenças com verbos téllicos são menos interpretadas no presente do que sentenças com verbos atélicos.

Vale ressaltar aqui que nossa hipótese gira em torno da presença do morfema {EstadoFinal} em Libras, que, quando presente, marca telicidade no predicado (LOURENÇO, 2018c). É justamente por esse motivo, que nossa análise se baseia na *presença* da morfologia de telicidade e sua relação com a interpretação de referência temporal de passado.

Adicionalmente, é preciso refletir ainda sobre o fato de que a interpretação de passado para sentenças com verbos télicos *não* corresponde à totalidade das respostas de nossos sujeitos. Afinal, poder-se-ia argumentar que, se o aspecto télico contribui para uma leitura de passado da sentença, todas as sentenças com verbos télicos deveriam ser interpretadas como passado por nossos sujeitos. O que não acontece.

Acreditamos que isso é, na verdade, evidência adicional a favor de nossa análise da Libras como língua sem-tense. Uma vez que a língua não possui marcadores gramaticais de tense em sua gramática, a interpretação temporal *default* de presente deve ser considerada para todas as sentenças da língua, quando essas não estão marcadas por expressões temporais. O que observamos em nosso estudo é uma *interação* entre aspecto e interpretação temporal, de modo que a marcação de telicidade contribui para uma interpretação temporal de passado, conforme descrito por Lin (2012) para o chinês.

Se, por outro lado, nossos resultados apontassem que a presença do morfema {EstadoFinal} resultasse em uma interpretação temporal de passado, em todas as suas ocorrências, isso poderia ser um indício de que esse morfema em específico estaria codificando tanto aspecto quanto tense em Libras – o que seria uma contra evidência para a análise proposta nesta dissertação.

A partir da constatação de que a presença do morfema {EstadoFinal} faz com que a interpretação de passado seja considerada por nossos sujeitos para as

sentenças não marcadas por expressões temporais, elaboramos um estudo piloto de rastreamento ocular, de modo a investigar a competição entre as diferentes interpretações temporais e suas relações com o aspecto lexical dos verbos em Libras.

#### **5.4 Interpretação temporal baseada em aspecto: um estudo piloto de rastreamento ocular**

A fim de investigarmos melhor como a interpretação temporal acontece em sentenças não marcadas em Libras, elaboramos um estudo piloto utilizando rastreamento ocular. Nosso objetivo foi observar quais seriam as leituras temporais selecionadas pelos participantes surdos em sentenças com verbos télicos e atélicos sinalizadas em Libras, com e sem marcação de advérbios de tempo.

O rastreador ocular (do inglês *Eye Tracker*) é um método de coleta de dados que mede fixação e movimento do olhar (sacadas) durante a realização de uma tarefa. É considerado um método online, já que busca observar e medir o processamento de informações ao mesmo tempo em que o estímulo é dado ao participante. Há duas principais vertentes de análise as quais utilizam essa metodologia: processamento de leitura e Paradigma do Mundo Visual.

Como estamos estudando uma língua visuoespacial, a segunda vertente é a que nos interessa aqui. O Paradigma do Mundo Visual (do inglês *Visual World Paradigm*) é definido por Salverda e Tanenhaus como: “uma família



de métodos experimentais para estudar o processamento da linguagem em tempo real em compreensão e produção linguística” (SALVERDA; TANENHAUS, 2017, p. 89).<sup>102</sup> Tais métodos medem “os movimentos do olho em um espaço de trabalho visual ou figuras dispostas em uma tela” enquanto os sujeitos ouvem um estímulo sonoro ou produzem sua língua durante a realização da tarefa (SALVERDA; TANENHAUS, 2017, p. 89).

Segundo Salverda e Tanenhaus (2017, p. 107):

Enquanto a atenção visual muda para um objeto no espaço de trabalho, há uma alta probabilidade que o movimento ocular sacádico vai seguir rapidamente para trazer a área atendida à visão foveal. Onde o participante está olhando, e em particular quando e para onde os movimentos oculares sacádicos são iniciados em relação ao discurso, pode prover intuições sobre o processamento da linguagem em tempo real.<sup>103</sup>

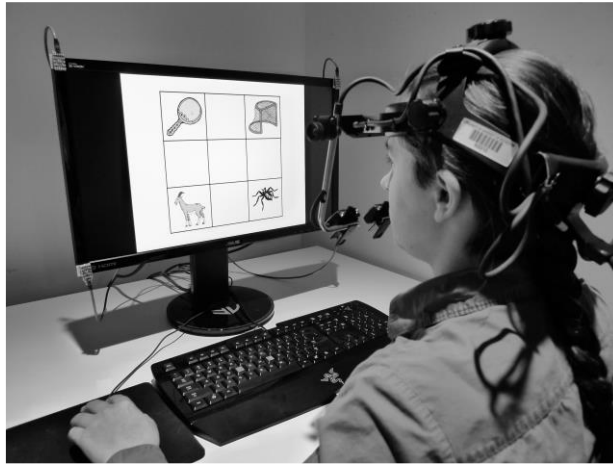
Um exemplo de experimento que adota o Paradigma do Mundo Visual é fornecido a seguir:

---

<sup>102</sup> *The visual world paradigm (VWP) is a family of experimental methods for studying real-time language processing in language comprehension and production.*

<sup>103</sup> *As visual attention shifts to an object in the workspace, there is a high probability that a saccadic eye movement will rapidly follow to bring the attended area into foveal-vision. Where a participant is looking, and in particular when and to where saccadic eye movements are launched in relationship to the speech can therefore provide insights into real-time language processing.*

**Figura 22.** Paradigma do Mundo Visual.



Fonte: Salverda e Tanenhaus (2017, p. 90).

Apesar de ter sido inicialmente pensado como uma metodologia para línguas orais, pesquisadores têm adotado o paradigma do mundo visual para pesquisas em línguas de sinais, nas quais os estímulos são sinalizados.<sup>104</sup>

A nossa hipótese experimental previa que verbos télicos, mesmo sem marcação adverbial de passado, teriam um maior número de fixações e

---

<sup>104</sup> O Paradigma do Mundo Visual foi pensado como uma metodologia *time-locked*, que se pauta na simultaneidade entre o estímulo e a reação a ele. Isso ocorre naturalmente com o estímulo auditivo, já que o estímulo sonoro é processado por vias distintas da visão, permitindo assim que haja um processamento paralelo, envolvendo os movimentos oculares e o estímulo sonoro apresentado. Contudo, com as línguas de sinais parece ser diferente. Quando o estímulo sinalizado é apresentado, o sujeito foca o olhar na tarefa de assistir ao vídeo até que ele termine, para depois mover os olhos e avaliar as outras imagens dispostas na tela. Por utilizar-se do mesmo meio para o processamento do estímulo e da resposta – a visão – esse processo não parece se dar paralelamente. Por isso, acreditamos que, em trabalhos futuros, é necessário que haja uma revisão dos procedimentos adotados em pesquisas que utilizam o Paradigma do Mundo Visual para testagem de dados de línguas de sinais.

sacadas<sup>105</sup> na imagem correspondente ao tempo passado do que verbos atélícos.

Dessa forma, nossas variáveis independentes foram telicidade, marcada ou não por advérbio de tempo passado, e sentenças sem marcação adverbial também foram divididas em téticas e atéticas. Foi investigado um efeito de causa a partir da manipulação de tais variáveis por meio de nossas variáveis dependentes, em que medimos a proporção de fixação e sacadas nas imagens correspondentes a PASSADO, PRESENTE, FUTURO e NADA.

Nossos objetivos com este experimento foram:

- i) Identificar os padrões de fixação e movimento sacádico em sentenças téticas com e sem advérbios de tempo e expressões temporais.
- ii) Comparar padrões de fixação e movimento sacádico em sentenças téticas e atéticas sem advérbios de tempo e expressões temporais.
- iii) Observar se a escolha da referência temporal seria feita durante o vídeo (enquanto o verbo era sinalizado) ou depois do final do vídeo (depois que toda a sentença já havia sido sinalizada).

Nas próximas subseções descreveremos o experimento e seus procedimentos, além de apresentarmos os resultados e sua análise.

---

<sup>105</sup> A medida da fixação concentra-se na quantidade de pausas que o olho faz durante a realização da tarefa. As pausas duram entre 200ms e 300ms, já que os olhos estão num movimento de constante tremor (*nystagmus*). A medida da sacada é feita em graus, e é baseada no movimento ocular que é realizado naturalmente quando vemos algum estímulo visual.

### **5.4.1 Participantes**

Para a realização do teste, contamos com a participação de 10 pessoas, todas surdas, 5 mulheres, com idade entre 20 e 42 anos. Todos os participantes são alunos do curso de Letras-Libras da Faculdade de Letras da UFMG. Dentre eles, 9 nasceram surdos e 1 se tornou surdo aos 6 meses de idade. Além disso, a idade de aquisição da Libras por esses sujeitos variou entre 4 e 15 anos.

### **5.4.2 Materiais**

Para esse estudo, elaboramos 2 scripts contendo 40 sentenças cada: 20 sentenças-alvo e 20 sentenças distratoras.<sup>106</sup> Dentre as sentenças-alvo, 10 continham verbos télicos e 10 continham verbos atélicos. As sentenças estavam ordem básica SVO, sendo que o sujeito sempre era realizado na primeira pessoa do singular (IX<sub>1</sub>, *eu*). De modo semelhante ao apontado no teste de julgamento das sentenças, na seção anterior, os objetos das sentenças eram todos nominais nus, sinalizados no espaço em frente ao corpo (espaço não-marcado).

Um exemplo de sentença com verbo atélico é fornecido em (97) e um exemplo de sentença com verbo télico é dado em (98):

---

<sup>106</sup> Para o experimento de rastreamento ocular utilizamos as mesmas sentenças e os mesmos vídeos utilizados no teste de julgamento. Sentenças adicionais foram inseridas no estudo, especialmente as sentenças com expressões temporais que não estavam presentes no estudo anterior.

- |      |                 |         |             |
|------|-----------------|---------|-------------|
| (97) | IX <sub>1</sub> | ESTUDAR | MATEMÁTICA. |
|      | eu              | estudar | matemática  |
| (98) | IX <sub>1</sub> | PERDER  | CHAVE.      |
|      | eu              | perder  | chave.      |

A diferença neste experimento foi que incluímos expressões temporais e advérbios de tempo no passado em sentenças com verbos télicos (99) e atélicos (100), sinalizados em posição final. Exemplos são fornecidos a seguir:

- |       |                 |         |            |                  |
|-------|-----------------|---------|------------|------------------|
| (99)  | IX <sub>1</sub> | ESTUDAR | MATEMÁTICA | TRÊS-ANOS-ATRÁS. |
|       | eu              | estudar | matemática | três anos atrás  |
| (100) | IX <sub>1</sub> | PERDER  | CHAVE      | MÊS-PASSADO.     |
|       | eu              | perder  | chave      | mês passado.     |

Além dessas sentenças, o estudo contou com 20 sentenças distratoras, que poderiam ser sentenças com predicados de nominais nus e orações marcadas com expressões temporais e advérbios de tempo com referência ao futuro.

Dessa forma, os dois scripts do experimento foram organizados conforme a Tabela 3 (os scripts estão disponíveis no **Apêndice 2** e no **Apêndice 3**).

**Tabela 3.** Organização das sentenças do experimento piloto de rastreamento ocular

	<b>Script 1</b>		<b>Script 2</b>	
<i>Sentenças com verbos télicos</i>	Com expressões temporais e advérbios de tempo	5	Com expressões temporais e advérbios de tempo	5
	Sem expressões temporais e advérbios de tempo	5	Sem expressões temporais e advérbios de tempo	5
<i>Sentenças com verbos atélicos</i>	Com expressões temporais e advérbios de tempo	5	Com expressões temporais e advérbios de tempo	5
	Sem expressões temporais e advérbios de tempo	5	Sem expressões temporais e advérbios de tempo	5
<i>Distratoras</i>	- Predicados de nominais nus - Sentenças marcadas com expressões temporais e advérbios de tempo indicando futuro	20	- Predicados de nominais nus - Sentenças marcadas com expressões temporais e advérbios de tempo indicando futuro	20
<i>Total</i>		<b>40</b>		<b>40</b>

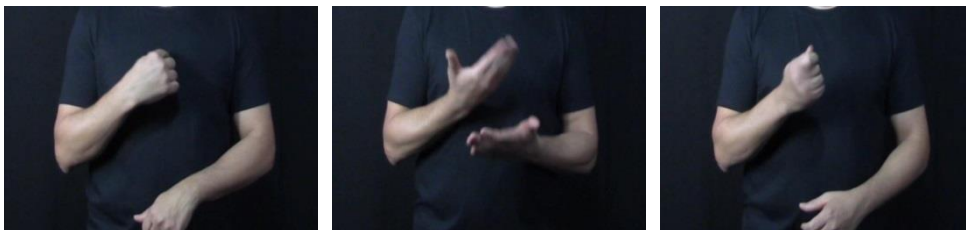
As sentenças foram sinalizadas por um surdo nativo em Libras e gravadas em vídeo. Neste experimento, também optamos por remover a cabeça do sinalizador, devido a trabalhos encontrados na literatura que afirmam haver marcadores não-manuais, em especial movimentos de cabeça, que podem funcionar como marcadores de tempo/tense em línguas de sinais (FRIDMAN-MINTZ, 2005; GÖKGÖZ, 2009; GROSE, 2003).

A seguir, capturas de tela são apresentadas, de modo a ilustrar as sentenças apresentadas aos participantes do estudo:

**Figura 23.** Sentença com verbo atético: IX<sub>1</sub> ESTUDAR MATEMÁTICA.



**Figura 24.** Sentença com verbo télico: IX<sub>1</sub> PERDER CHAVE.



Ao decidirmos por remover a cabeça da tela, foi necessário certificarmos-nos de que as sentenças continuavam inteligíveis em Libras. Todos os estímulos utilizados no julgamento das sentenças não marcadas em Libras e no estudo piloto utilizando o rastreamento ocular foram incluídos nos questionários de inteligibilidade já descritos na Seção 5.3.2. Portanto, para este experimento, os estímulos também foram considerados inteligíveis por sinalizadores da Libras, sejam estes Surdos ou ouvintes bilíngues.

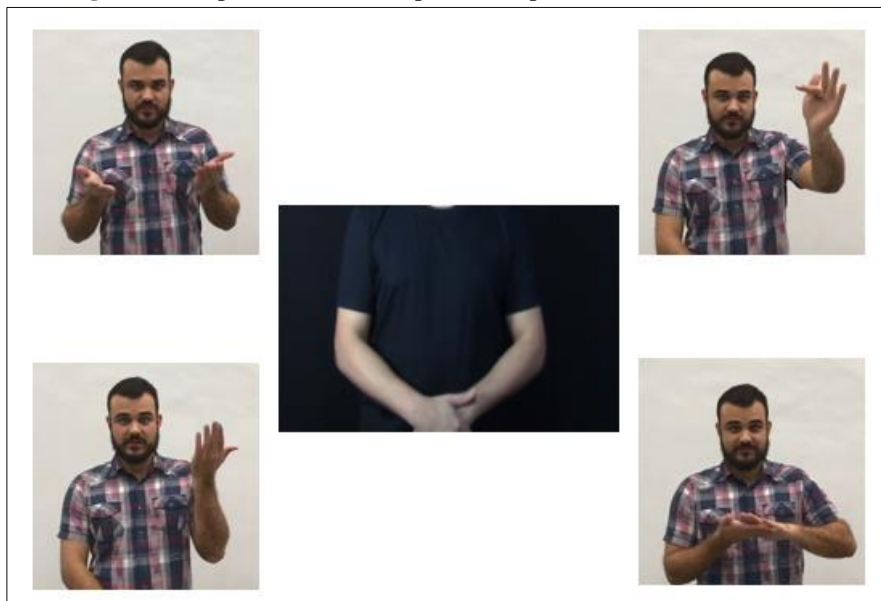
Utilizando o software *SR Research Experiment Builder*,<sup>107</sup> programamos o experimento da seguinte forma: cada uma das sentenças aparecia centralizada

---

<sup>107</sup> *SR Research Experiment Builder is a sophisticated and intuitive drag-and-drop graphical programming environment for creating computer-based psychology and neuroscience*

na tela, rodeada pelas imagens correspondentes aos sinais das possíveis interpretações temporais do sujeito: PASSADO, PRESENTE, FUTURO e NADA. A captura de tela correspondente à organização desses elementos na tela é fornecida a seguir:

**Figura 25.** Captura da tela do experimento piloto de rastreamento ocular



Tanto a ordem das sentenças quanto as localizações das respostas foram aleatorizadas a cada nova coleta.

---

*experiments* (EXPERIMENT BUILDER. Disponível em: <https://www.sr-research.com/experiment-builder/>. Acesso em: Jan. 2020). Para o nosso experimento, o EyeLink 1000 foi utilizado.



### **5.4.3 Procedimentos**

Todos os dados foram coletados no Laboratório de Psicolinguística da Faculdade de Letras da UFMG, utilizando o rastreador ocular (*EyeLink 1000*). Inicialmente, os participantes assistiram a dois vídeos: um contendo a versão do TCLE em Libras e outro com as instruções da tarefa a ser realizada.

O aplicador, então, fazia os ajustes necessários para que fosse feita a calibração da pupila com o rastreador. Quando a calibração era finalizada, o experimento começava.

A princípio, havia 3 sentenças que compunham uma prática. Dessa forma, o participante executava as instruções que havia recebido: assistir ao vídeo e escolher a imagem que parecia adequada à interpretação temporal da sentença, PASSADO, PRESENTE, FUTURO ou NADA.

A respeito da resposta NADA, os participantes foram instruídos a selecioná-la quando não conseguissem estabelecer nenhum tipo de referência temporal para a sentença. A sua inclusão como resposta no experimento justifica-se devido ao fato de o Paradigma do Mundo Visual sempre apresentar quatro alternativas dispostas espacialmente na tela.

Após concluída a prática, o aplicador perguntava se havia dúvidas e se poderia prosseguir e, então, outras 37 sentenças eram apresentadas ao participante.

Os dois scripts foram atribuídos aos participantes de modo aleatório, totalizando o mesmo número de sujeitos para cada um deles (5 participantes para o script 1 e 5 participantes para o script 2). É importante observar que, dentre as sentenças que compunham cada script, nunca um mesmo verbo télico ou atélico era sinalizado duas vezes: com e sem expressão temporal ou advérbio de tempo. As sentenças foram divididas nos scripts de modo que os verbos não se repetissem.

Para cada participante, as 37 sentenças foram gravadas em relação às medidas que nos interessavam: proporção de sacadas e fixação. Os resultados serão apresentados na subseção a seguir.

#### ***5.4.4 Resultados***

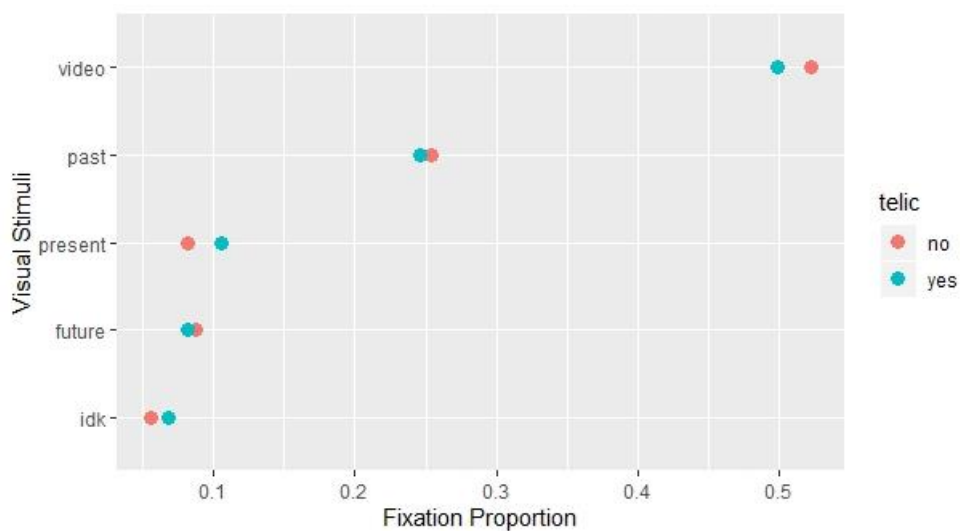
A partir de nossa hipótese experimental (sentenças com verbos télicos, mesmo sem marcação adverbial de passado, teriam um maior número de fixações e sacadas na imagem correspondente ao tempo passado do que sentenças com verbos atélicos sem marcação adverbial), totalizamos a proporção de fixações e sacadas manipulando nossas variáveis. As medidas foram consideradas para todas as imagens correspondentes às respostas do experimento, PASSADO, PRESENTE, FUTURO e NADA, já que todas foram programadas como áreas de interesse.

Em todos os gráficos dos resultados que serão apresentados a seguir é possível observar uma maior proporção de fixação e movimento sacádico no vídeo que

continha o estímulo. Isso se justifica, já que os participantes assistiam a todo o vídeo primeiro para depois analisarem as respostas, o que faz com que em todos os gráficos a maior taxa sempre se refira ao vídeo. Além do vídeo, constam como estímulos visuais no eixo X do gráfico: past (PASSADO), present (PRESENTE), future (FUTURO) e idk (do inglês *I don't know*, referindo-se à resposta NADA).

O Gráfico 5 apresenta a comparação entre os padrões de fixação em sentenças télicas e atélicas, ambas com a marcação de advérbios de tempo e expressões temporais no passado.

**Gráfico 5.** Proporção de fixações para verbos télicos marcados com expressão temporal no passado *versus* verbos atélicos marcados com expressão temporal no passado.

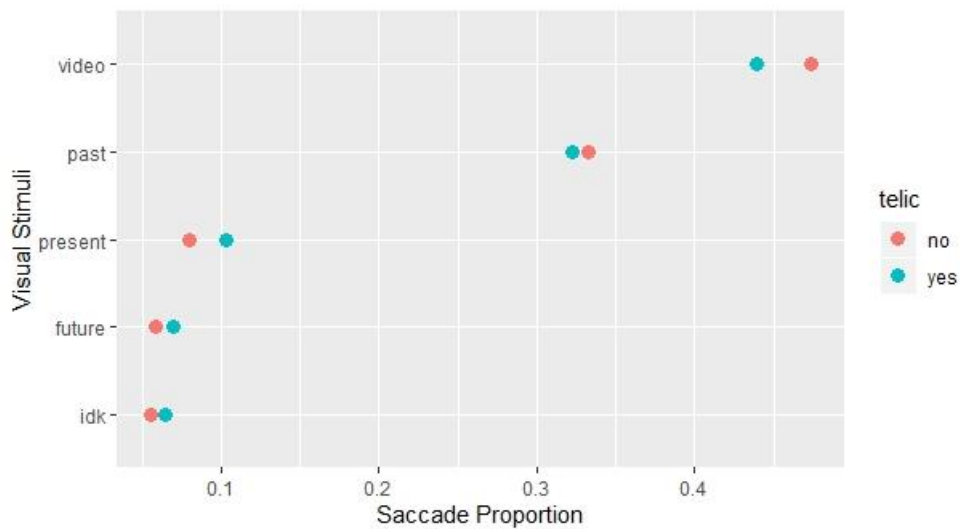


Esses dados indicam que o passado é considerado da mesma forma para verbos télicos e atélicos quando há uma marcação adverbial de passado na sentença. Ou seja, quando há referência temporal explícita na sentença, por

meio de expressões temporais, não encontramos diferenças entre sentenças com verbos télicos e atélicos.

A comparação dos padrões de movimento sacádico entre sentenças télicas e atélicas, ambas com a marcação de advérbios de tempo e expressões temporais no passado é dada no Gráfico 6.

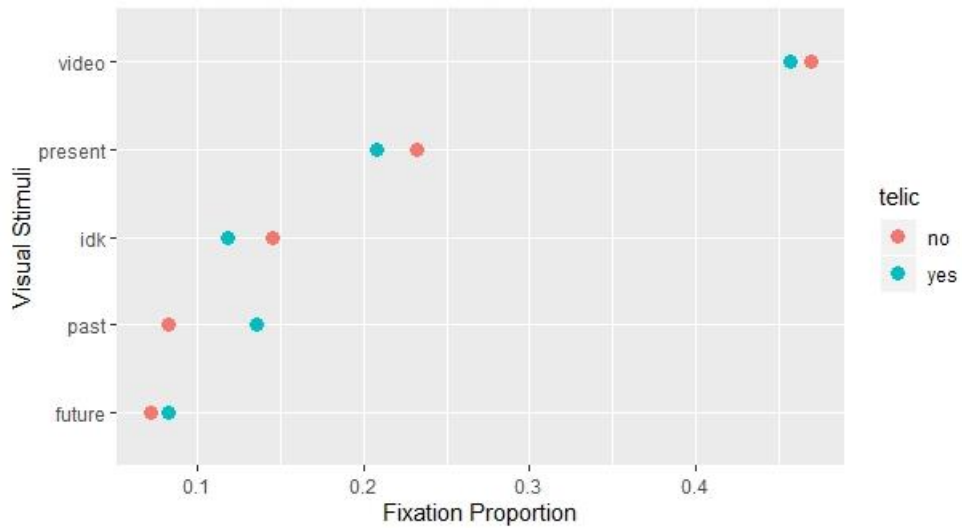
**Gráfico 6.** Proporção de sacadas para verbos télicos marcados com expressão temporal no passado *versus* verbos atélicos marcados com expressão temporal no passado



O Gráfico 6 apresenta dados semelhantes aos anteriores, em que o passado é considerado da mesma forma para verbos télicos e atélicos quando há uma marcação adverbial de passado na sentença.

Já o Gráfico 7 compara padrões de fixação em sentenças télicas e atélicas sem advérbios de tempo e expressões temporais.

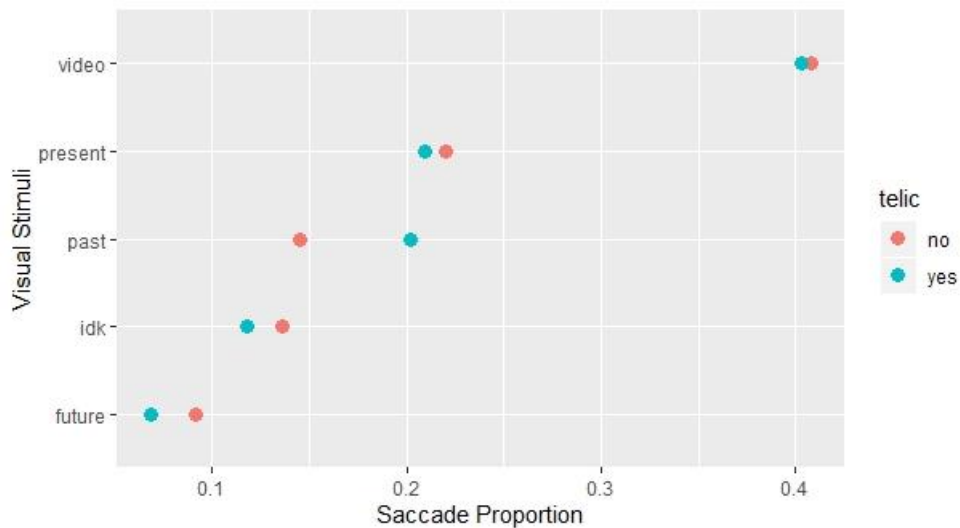
**Gráfico 7.** Proporção de fixações para verbos télicos *versus* verbos atélicos, em sentenças não marcadas com expressões temporais.



No gráfico acima temos o presente como sendo a resposta mais considerada para verbos télicos e atélicos não marcados, mas é possível perceber que o passado há maior fixação no PASSADO quando há verbos télicos nas sentenças do que quando não há.

A comparação do movimento sacádico em sentenças télicas e atélicas sem advérbios de tempo e expressões temporais é dada no Gráfico 8.

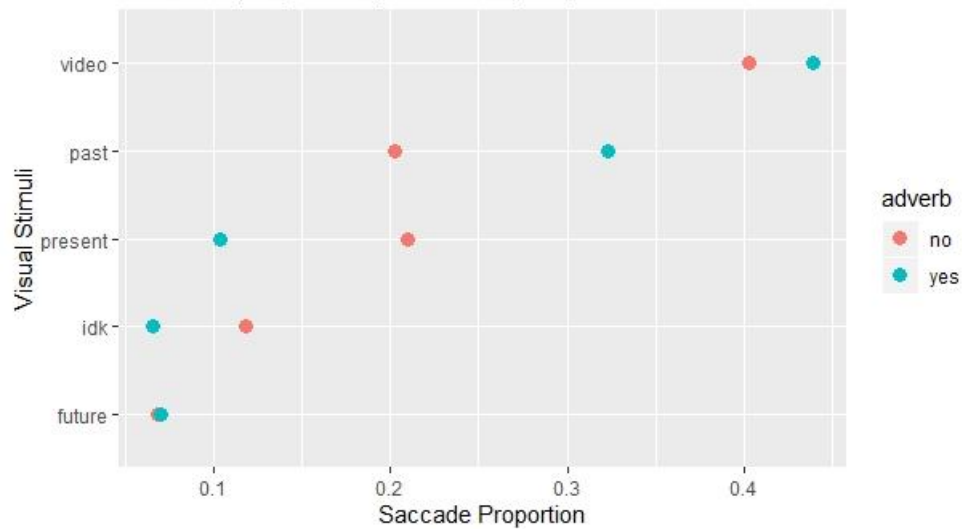
**Gráfico 8.** Proporção de sacadas para verbos télicos *versus* verbos atélicos, em sentenças não marcadas com expressões temporais.



O Gráfico 8 mostra que a proporção de sacadas para verbos télicos é praticamente a mesma para PASSADO e PRESENTE, indicando que ambas as respostas foram bastante consideradas por nossos participantes. Em sentenças que não possuem verbos télicos, a diferença na proporção sacádica entre PASSADO e PRESENTE é maior.

Por fim, o Gráfico 9 apresenta a diferença entre sentenças com verbos télicos marcadas com advérbios e expressões temporais no passado e sentenças com verbos télicos não marcadas com advérbios e expressões temporais. O gráfico apresenta uma proporção semelhante para as respostas de PASSADO e PRESENTE quando a sentença não é marcada, que se torna distinta quando a sentença é marcada por advérbio no passado.

**Gráfico 9.** Proporção de sacadas para verbos télicos marcados com expressões temporais no passado *versus* verbos télicos não marcados com expressões temporais.



O que podemos observar no gráfico acima é que quando há a presença de expressão temporal de passado explícita na sentença, apenas o tempo passado é considerado. Por outro lado, quando a sentença não é marcada por essas expressões, ambas as interpretações temporais, passado e presente, são consideradas por nossos participantes.

#### **5.4.5 Discussão**

Os resultados do estudo piloto com rastreamento ocular também confirmam que há uma relação entre a telicidade do verbo e a interpretação de referência temporal de sentenças não marcadas com expressões temporais em Libras.

Em relação ao nosso primeiro objetivo (identificar os padrões de fixação e movimento sacádico em sentenças télicas com e sem advérbios de tempo e expressões temporais), foi possível observar que quando a sentença era

marcada com expressões temporais de passado, a interpretação de passado apresentou maior proporção de fixação.

É interessante observamos que, quando a sentença não era marcada, o presente e o passado apresentam proporções de fixação muito semelhantes (ver Gráfico 9). Essa semelhança nos leva à inferência de que a telicidade do verbo influencia na interpretação temporal da sentença, já que o presente, *default* em sentenças não marcadas, passa a ter um competidor: o passado.

Em relação ao nosso segundo objetivo (comparar padrões de fixação e movimento sacádico em sentenças télicas e atélicas sem advérbios de tempo e expressões temporais), foi possível observar que o presente sempre é considerado como interpretação temporal, o que faz sentido, já que essa é a interpretação *default* para sentenças não marcadas, conforme discutimos na subseção 5.3.5.

Contudo, em sentenças não marcadas que continham verbos télicos, o passado apresentou maiores proporções de fixação e sacada (em relação às que não continham verbos télicos). Isso também reforça a análise apresentada para o primeiro objetivo: a interpretação temporal *default* de presente passa a ter o passado como competidor (ver Gráfico 7, Gráfico 8 e Gráfico 9).

Por fim, em relação ao nosso terceiro objetivo com este estudo (observar se a escolha da referência temporal seria feita durante o vídeo ou depois do final do vídeo), não foi possível chegar a respostas conclusivas devido a dois



fatores. O primeiro dele diz respeito à metodologia: aparentemente, o Paradigma do Mundo Visual deixa de ser *time-locked* quando o participante surdo depende da visão para processar o estímulo e depois as imagens (respostas). Isso lineariza o processo e faz com que a escolha da referência temporal durante o vídeo seja menos provável.

Acreditamos que esse estudo piloto deve ser reformulado e melhorado para que possa ser reaplicado a novos sujeitos a fim de que a hipótese experimental continue sendo testada e obtenha-se um resultado mais robusto em relação aos objetivos colocados. Além disso, devido a uma falha de programação, as respostas dos participantes (a imagem em que clicaram) não foram registradas, o que nos impossibilitou de fazer a comparação das respostas entre os dois estudos desenvolvidos.

## **5.5 Síntese do capítulo**

Neste capítulo, analisamos a interação entre aspecto e interpretação de referência temporal em Libras. Inicialmente, foi introduzida a Hipótese da Visibilidade do Evento (WILBUR, 2003, 2005, 2008, 2010), que propõe uma interface entre a semântica e a constituição morfofonológica do sinal nas línguas de sinais. Assumindo a HVE, mostramos como a marcação da telicidade é feita em Libras, com base em Lourenço (2018c). Por fim, foram apresentados dois estudos: um julgamento de compreensão de sentenças sinalizadas e um estudo piloto utilizando rastreamento ocular. Ambos foram

realizados na busca da melhor compreensão de como o surdo estabelece referência temporal em sentenças em Libras e como o aspecto do evento pode interagir com a interpretação dessa referência temporal.

Em nossos experimentos, encontramos evidências empíricas de que a presença de telicidade em sentenças não marcadas por expressões temporais em Libras faz com que a interpretação de passado seja considerada pelos falantes dessa língua. Esse comportamento é semelhante ao descrito para o chinês por Lin (2012).

No próximo capítulo, concluiremos esta dissertação com nossas considerações finais.

## **CAPÍTULO 6:**

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo desta dissertação, argumentamos que a Libras não apresenta marcação gramatical de tense, sendo, portanto, uma língua sem-tense. Além disso, investigamos a relação entre o estabelecimento de referência temporal em Libras e a marcação aspectual no domínio verbal, e pudemos demonstrar, por meio de nossos experimentos, que há uma correlação entre eles.

Valendo-nos das propriedades sintáticas associadas à ausência de tense, apresentadas por Lin (2012), testamos a Libras em relação a elas e foi possível comprovar que essa língua se comporta de modo semelhante ao chinês, blackfoot, línguas algoquinas e outras línguas sem-tense no que diz respeito a essas características semântico-sintáticas.

Além disso, a partir dos estudos relacionados à marcação de tense nas línguas de sinais, pudemos comparar os mecanismos de estabelecimento de referência temporal identificados em outras línguas de sinais àqueles encontrados em Libras. O que constatamos foi uma coincidência nos mecanismos utilizados para expressar referência temporal, como, por exemplo, o uso de linha do tempo e o emprego de expressões temporais e advérbios de tempo. Contudo, argumentamos que esses mecanismos em Libras não são efetivamente marcadores morfológicos de tense.

Dessa forma, nossa análise é a de que a Libras é uma língua sem-tense gramatical, que, contudo, estabelece referência temporal por meio de expressões temporais e advérbios de tempo e por meio da interação com a especificação aspectual do verbo (aspecto lexical).

Ao investigarmos a interação entre aspecto e interpretação de referência temporal em Libras, por meio dos estudos realizados, foi possível compreender melhor como o surdo estabelece referência temporal de sentenças em Libras. Tanto o julgamento de compreensão de sentenças sinalizadas quanto o estudo piloto utilizando rastreamento ocular demonstraram que em sentenças não marcadas por advérbios de tempo e expressões temporais, há uma interpretação temporal *default* de presente. Porém, se a sentença exprimir um predicado télico, a interpretação temporal de passado passa a ser considerada.

Assim, esta dissertação cumpriu o objetivo de ampliar a discussão existente a respeito da marcação de tense nas línguas de sinais, especialmente no que se refere à Libras. Acreditamos que a investigação da relação entre o estabelecimento de referência temporal em Libras e a marcação aspectual no domínio verbal pode e deve ser ainda mais aprofundada em trabalhos futuros.

Por fim, esperamos que a contribuição deste trabalho à descrição linguística formal da Libras seja relevante para que essa língua continue sendo fonte de dados linguísticos não apenas para estudos comparativos entre as línguas sinalizadas, mas sim entre as línguas naturais.

## REFERÊNCIAS

- AARONS, D. *et al.* Lexical Tense Markers in American Sign Language. In: EMMOREY, K.; REILLY, J. (Eds.). **Language, Gesture and Space**. New York: Psychology Press, 1995. p. 225-253.
- ALEXIADOU, A. **Adverb placement**: A case study in antisymmetric syntax. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 1997. v. 53
- ARIK, E. Space, time, and iconicity in Turkish sign language (TİD). **Trames**, v. 16, n. 4, p. 345-358, 2012.
- BECHARA, E. **Gramática Fácil da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
- BERTUCCI, R. A.; FINAU, R. A. Uma descrição inicial do presente perfeito na Libras. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 60, n. 1, p. 71-89, jan./abr. 2018.
- BERGMAN, B.; DAHL, Ö. Ideophones in Sign Language? The Place of Reduplication in the Tense-aspect System of Swedish Sign Language. In: BACHE, C.; BASBØLL, H.; LINDBERG, C. (Eds.). **Tense, Aspect and Action**: Empirical and Theoretical Contributions to Language Typology. Berlin: Mouton de Gruyter, 1994. p.397-422.
- BINNICK, R. **Time and the verb**: a guide to tense and aspect. New York: Oxford University Press, 1991.
- BRENTARI, D. **A Prosodic Model of Sign Language Phonology**. Cambridge: MIT Press, 1998.
- CANÇADO, M.; AMARAL, L. **Introdução à Semântica Lexical**: Papéis temáticos, aspecto lexical e decomposição de predicados. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.
- COGEN, C. On Three Aspects of Time Expression in American Sign Language. In: FRIEDMAN, Lynn. (Ed.) **On the Other Hand: New Perspectives on American Sign Language**. New York: Academic Press, 1997. p. 197-214.
- COMRIE, B. **Aspect**: an introduction to the study of verbal aspect and related problems. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- COMRIE, B. **Tense**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- DAHL, Ö.; VELUPILLAI, V. Perfective/Imperfective Aspect. In: DRYER, M. S.; HASPELMATH, M. (Eds.). **The World Atlas of Language Structures Online**. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, 2013.

- DIKYUVA, H.; MAKAROĞLU, B.; ARIK, E. **Türk İşaret Dili Dilbilgisi Kitabı**. Ankara: İmpedus Medya Prodüksiyon Ltd. Şti, 2015.
- DU FEU, V. **Rapanui**. London: Routledge, 1996.
- FELIPE, T. **A relação sintático-semântica dos verbos e seus argumentos na Língua Brasileira de Sinais (Libras)**. 298f. Tese (Doutorado em Linguística) Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.
- FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- FILIP, H. Lexical Aspect. In: BINNICK, R. (Ed.). **The Oxford Handbook of Tense and Aspect**. New York: Oxford University Press, 2012.
- FINAU, R. A. **Os sinais de tempo e aspecto na LIBRAS**. 238f. Tese. (Doutorado em Letras) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.
- FRIDMAN-MINTZ, B. **Tense and Aspect Inflections in Mexican Sign Language Verbs**. 346p. Thesis. (Doctor's Degree of Philosophy in Linguistics) - Faculty of the Graduate School of Arts and Sciences, Georgetown University, Washington D.C., 2005.
- FRIEDMAN, L. Space, Time, and Person Reference in American Sign Language. **Language**, v. 51, n. 4, p. 940-961, 1975.
- FRISHBERG, N.; GOUGH, B. Morphology in American Sign Language. **Sign Language & Linguistics**, v. 3, n. 1, p. 103-131, 1973.
- GAREY, H. Verbal aspects in French. **Language**, v. 33, p. 91-110, 1957.
- GÖKGÖZ, K. **Topics in Turkish Sign Language (TİD) Syntax: Verb Movement, Negation and Clausal Architecture**. 94p. MA Theseis (Master's Degree of Arts in Linguistics) - Institute for Graduate Studies in the Social Sciences, Boğaziçi University, İstanbul, 2009.
- GROSE, D. **The perfect tenses in American Sign Language: non-manually marked compound tenses**. 92p. MA Thesis. (Master's Degree of Arts) - Purdue University, West Lafayette, 2003.
- HEWSON, J. Tense. In: BINNICK, R. I. (Ed.). **The Oxford handbook of tense and aspect**. New York: Oxford University Press, 2012. p. 507-535.
- JACOBOWITZ, L.; STOKOE, W. Signs of Tense in ASL Verbs. **Sign Language Studies**, v. 60, p. 331-340, 1988.
- JESPERSEN, O. **Essentials of English grammar**. London: Allen and Unwin, 1933.
- JOHANSON, L. The aspectually neutral situation type. In: EBERT, K. H.;

- ZUÑIGA, F. (Eds.). **Aktionsart and Aspectotemporality in Non-European Languages**. Zürich: ASAS Verlag, 2001. p. 7-13.
- KARABÜKLÜ, S. **Time and aspect in Turkish Sign Language (TİD): manual and nonmanual realizations of “finish”**. 169p. MA Theseis (Master's Degree of Arts in Linguistics) - Institute for Graduate Studies in the Social Sciences, Boğaziçi University, İstanbul, 2016.
- KARABÜKLÜ, S. Strategies to Express Time in a Tenseless Language: Turkish Sign Language (TİD). **Dilbilim Araştırmaları Dergisi**, v. 29, n. 1, p. 87-118, July 2018.
- KEARNS, K. **Semantics**. New York: Palgrave Macmillan, 2011.
- KLIMA, E. S.; BELLUGI, U. **The signs of language**. Cambridge: Harvard University Press, 1979.
- LEACH, M. B. **Things Hold Together: Foundations for a systemic treatment of verbal and nominal tone in Plateau Shimagonde**. Utrecht: Landelijke Onderzoekschool Taalwetenschap (LOT), 2010.
- LEESON, L. M. **The Expression of Time in Sign Languages with Special Reference to Irish Sign Language**. 130p. MA Thesis (Master's Degree of Philosophy in Linguistics) - University of Dublin, Dublin, 1996.
- LIN, J. W. Tenselessness. In: BINNICK, R. (Ed.). **The Oxford Handbook of Tense and Aspect**. New York: Oxford University Press, 2012. p. 669-695.
- LOURENÇO, G. **Concordância, caso e ergatividade em Língua de Sinais Brasileira: Uma proposta minimalista**. 161f. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.
- LOURENÇO, G. **Layering de informações visuais e a estrutura morfofonológica dos verbos em Libras**. In: Congresso Nacional de Pesquisas em Linguística e Libras, 2. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina: 2018a.
- LOURENÇO, G. A interpretação simultânea Libras-português: diferenças morfosintáticas entre as línguas e seus efeitos em uma tarefa de interpretação-voz. **Tradução Em Revista**, v. 1, n. 24, p. 1-22, 2018b.
- LOURENÇO, G. **Verb agreement in Brazilian Sign Language: Morphophonology, Syntax & Semantics**. 320f. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018c.
- LOURENÇO, G. **Simultaneidade em Língua Brasileira de Sinais: o layering dos componentes manual, espacial e não-manual**, 2020. No prelo.
- LOURENÇO, G. ; QUADROS, R. M. . The syntactic structure of the clause

in Brazilian sign language. In: Ronice Müller de Quadros. (Org.). **Brazilian Sign Language Studies**. Boston/Berlin/Munich/Preston: De Gruyter Mouton / Ishara Press, 2020. No prelo.

MALAIA, E.; WILBUR, R. B.; MILKOVI, M. Kinematic parameters of signed verbs. **Journal of Speech, Language, and Hearing Research**, v. 56, n. 5, p. 1677-1688, 2013.

MATTHEWSON, L. Temporal semantics in a superficially tenseless language. **Linguistics and Philosophy**, v. 29, n. 6, p. 673–713, 2006.

MEIR, I. A perfect marker in Israeli Sign Language. **Sign Language & Linguistics**, v.2, n.1, p. 43-62, 1999.

MIYAGAWA, S. Unifying agreement and agreementless languages. In: KELEPIR, M.; ÖZTÜRK, B. (Eds.). **Working Papers in Linguistics 54: Proceedings of the Workshop on Altaic Formal Linguistics II**. Cambridge: MITWPL, 2007. p. 47-66.

MIYAGAWA, S. **Why agree? Why move: Unifying agreement-based and discourse-configurational languages**. Cambridge: MIT Press, 2010.

NEIDLE, C. *et al.* **The Syntax of American Sign Language: Functional Categories and Hierarchical Structure** Language, Speech, and Communication. Cambridge: MIT Press, 2000.

NESPOR, M.; VOGEL, I. **Prosodic phonology**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1986.

PESETSKY, D.; TORREGO, E. T-to-C movement: Causes and consequences. In: KENSTOWICZ, M. (Ed.). **Ken Hale: A Life in a Language**. Cambridge: MIT Press, 2001. p. 355-426.

PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. Tense, aspect, and modality. In: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (Eds.). **Sign Language: An International Handbook**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012. p. 186-203.

PUSTEJOVSKY, J. The syntax of event structure. **Cognition**, v. 41, p. 47-81, 1991.

PUSTEJOVSKY, J. **The generative lexicon**. Cambridge: MIT Press, 1995.

PUSTEJOVSKY, J. Events and the Semantics of Opposition. In: TENNY, C.; PUSTEJOVSKY, J. (Eds.). **Events as grammatical objects**. Stanford: CSLI, 2000.

QUADROS, R. **Phrase Structure of Brazilian Sign Language**. Tese. (Doutorado em Linguística e Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: 1999.

RAPPAPORT HOVAV, M.; DORON, E.; SICHEL, I. Introduction. In: RAPPAPORT-HOVAV, M.; DORON, E.; SICHEL, I. (Eds.). **Lexical**



**Semantics, Syntax, and Event Structure.** New York: Oxford University Press, 2010. p. 1-20.

ROBERTS, I.; ROUSSOU, A. The extended projection principle as a condition on the tense-dependency. In: SVENONIUS, P. (Ed.). **Subjects, expletives, and the EPP.** Oxford: Oxford University Press, 2002. p. 125-155.

SÁ, T. *et al.* Definiteness in Brazilian Sign Language: a Study on Weak and Strong Definites. **ReVEL**, v. 10, n. 19, p. 21-38, 2012.

SALVERDA, A.; TANENHAUS, M. The Visual World Paradigm. In: GROOT, A.; HAGOORT, P. (Eds.). **Research Methods in Psycholinguistics and the Neurobiology of Language: A practical guide.** Malden: Wiley-Blackwell, 2017. p. 89-110.

SANDLER, W.; LILLO-MARTIN, D. **Sign language and linguistic universals.** Nova York: Cambridge University Press, 2006.

SCHALBER, K. **Phonological visibility of event structure in Austrian Sign Language: A comparison of ASL and ÖGS.** MA Thesis. (Master's Degree of Arts) - Purdue University, West Lafayette, 2004.

SCHALBER, K. Event visibility in Austrian Sign Language (ÖGS). **Sign Language & Linguistics**, v. 9, n. 1-2, p. 207-231, 2006.

SILVA, I.; LESSA-DE-OLIVEIRA, A. Propriedades funcionais verbais na língua brasileira de sinais. **Linguística**, v. 12, n. 2, p. 161-182, 2016.

SMITH, C. **The Parameter of Aspect.** Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1991.

STRICKLAND, B. *et al.* Event representations constrain the structure of language: Sign language as a window into universally accessible linguistic biases. **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America**, v. 112, n. 19, p. 5968-5973, 2015.

SUTTON-SPENCE, R.; WOLL, B. **The Linguistics of British Sign Language: An Introduction.** Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

TANG, G.; SZE, F. Nominal expressions in Hong Kong Sign Language: Does modality make a difference? In: MEIER, R., CORMIER K., & QUINTO-POZOS, D. (Eds.). **Modality and structure in signed and spoken languages.** Cambridge: Cambridge University Press, 2009. p. 296-320.

VELUPILLAI, V. **An introduction to linguistic typology.** Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2012.

VENDLER, Z. Verbs and Times. **The Philosophical Review**, v. 66, n. 2, p. 143-160, 1957.

VENDLER, Z. **Linguistics in Philosophy.** Ithaca: Cornell University Press, 1967.

- VOLKER, C. **Nalik Grammar** (New Ireland, Papua New Guinea). Thesis (Doctor's Degree in Linguistics) - University of Hawai'i, 1994.
- WILBUR, R. B. **American Sign Language and Sign Systems**. Baltimore: University Park Press, 1979.
- WILBUR, R. Representations of Telicity in ASL. **Chicago Linguistic Society**, v. 39, n. 1992, p. 354-368, 2003.
- WILBUR, R. A reanalysis of reduplication in American sign language. In: HURCH, B. (Ed.). **Studies on Reduplication** (Empirical Approaches to Language Typology 28). Berlin: Mouton de Gruyter, 2005. p. 595-624.
- WILBUR, R. Complex predicates involving events, time and aspect: Is this why sign languages look so similar? In: QUER, J. (Ed.). **Signs of the time: Selected papers from TISLR 2004**. Hamburg: Signum-Verlag, 2008. p. 217-250.
- WILBUR, R. The semantics-phonology interface. In: BRENTARI, D. (Ed.). **Sign Languages: A Cambridge language survey**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 355-380.
- ZESHAN, U. Aspect of Türk İşaret Dili (Turkish Sign Language). **Sign Language & Linguistics**, v. 6, n. 1, p. 43-75, 2003.
- ZUCCHI, S. Along the time line: Tense and time adverbs in Italian Sign Language. **Natural Language Semantics**, v. 17, n. 2, p. 99-139, 2009.

## APÊNDICE

### Apêndice 1

#### Sentenças do teste de julgamento de compreensão da referência temporal

	Sentença	Condição
1	IX <sub>1</sub> CHUTAR BOLA	Télica
2	IX <sub>1</sub> PERDER CHAVE	Télica
3	IX <sub>1</sub> APROVAR PROVA	Télica
4	IX <sub>1</sub> VENCER SORTEIO	Télica
5	IX <sub>1</sub> PAGAR DÍVIDA	Télica
6	IX <sub>1</sub> COMPRAR MOTO	Télica
7	IX <sub>1</sub> DEMITIR EMPREGADA	Télica
8	IX <sub>1</sub> QUEBRAR BICICLETA	Télica
9	IX <sub>1</sub> ASSINAR CHEQUE	Télica
10	IX <sub>1</sub> TRABALHAR PROFESSOR	Atélica
11	IX <sub>1</sub> BRINCAR BONECA	Atélica
12	IX <sub>1</sub> ESTUDAR MATEMÁTICA	Atélica
13	IX <sub>1</sub> PESQUISAR INTERNET	Atélica
14	IX <sub>1</sub> DIGITAR COMPUTADOR	Atélica
15	IX <sub>1</sub> CONVERSAR FILHO	Atélica
16	IX <sub>1</sub> LAVAR CARRO	Atélica
17	IX <sub>1</sub> COSTURAR ROUPA	Atélica
18	IX <sub>1</sub> MALHAR CORPO	Atélica
19	IX <sub>1</sub> NAMORAR PRÓXIMA-SEXTA	Distratora
20	IX <sub>1</sub> ALUGAR APARTAMENTO MÊS-QUE-VEM	Distratora
21	IX <sub>1</sub> VIAJAR RECIFE SEMANA-QUE-VEM	Distratora
22	IX <sub>1</sub> VENDER LAPTOP FUTURO	Distratora
23	IX <sub>1</sub> FORMAR FACULDADE ANO-QUE-VEM	Distratora
24	IX <sub>1</sub> ENSINAR LIBRAS ANO-QUE-VEM	Distratora
25	IX <sub>1</sub> CUIDAR MEU IRMÃO DAQUI-DUAS-SEMANAS	Distratora
26	IX <sub>1</sub> CHURRASCAR CARNE PRÓXIMO-REVEILLÓN	Distratora
27	IX <sub>1</sub> AJUDAR O PROFESSOR PRÓXIMO-SEMESTRE	Distratora
28	IX <sub>1</sub> VARRER A CASA HOJE-NOITE	Distratora
29	IX <sub>1</sub> IDADE 30	Distratora
30	IX <sub>1</sub> RICO	Distratora
31	IX <sub>1</sub> PESO 90KG AGORA	Distratora

32	IX <sub>1</sub> PROFESSOR	Distratora
33	IX <sub>1</sub> FELIZ AGORA	Distratora
34	IX <sub>1</sub> CANSADO HOJE	Distratora
35	IX <sub>1</sub> ATRASADO HORA-AGORA	Distratora
36	IX <sub>1</sub> FILHOS DOIS	Distratora
37	IX <sub>1</sub> CASADO	Distratora
38	IX <sub>1</sub> GOSTAR CHOCOLATE	Distratora

**Apêndice 2****Script 1 (do estudo piloto utilizando rastreamento ocular)**

	<b>Sentença</b>	<b>Condição</b>
1	IX <sub>1</sub> CHUTAR BOLA	Télica
2	IX <sub>1</sub> PERDER CHAVE MÊS-PASSADO	Télica + Adv
3	IX <sub>1</sub> ENCONTRAR AMIGO	Télica
4	IX <sub>1</sub> APROVAR PROVA DOIS-ANOS-ATRÁS	Télica + Adv
5	IX <sub>1</sub> VENCER SORTEIO	Télica
6	IX <sub>1</sub> PAGAR DÍVIDA DIA-26-ATRÁS	Télica + Adv
7	IX <sub>1</sub> COMPRAR MOTO	Télica
8	IX <sub>1</sub> DEMITIR EMPREGADA ESTA-MANHÃ	Télica + Adv
9	IX <sub>1</sub> QUEBRAR BICICLETA	Télica
10	IX <sub>1</sub> ASSINAR CHEQUE DIA-1-ATRÁS	Télica + Adv
11	IX <sub>1</sub> TRABALHAR PROFESSOR	Atélica
12	IX <sub>1</sub> PINTAR QUADRO MÊS-JULHO-ATRÁS	Atélica + Adv
13	IX <sub>1</sub> BRINCAR BONECA	Atélica
14	IX <sub>1</sub> ESTUDAR MATEMÁTICA TRÊS-ANOS-ATRÁS	Atélica + Adv
15	IX <sub>1</sub> PESQUISAR INTERNET	Atélica
16	IX <sub>1</sub> DIGITAR COMPUTADOR NOITE-PASSADA	Atélica + Adv
17	IX <sub>1</sub> CONVERSAR FILHO	Atélica
18	IX <sub>1</sub> LAVAR CARRO DOIS-MESES-ATRÁS	Atélica + Adv
19	IX <sub>1</sub> COSTURAR ROUPA	Atélica
20	IX <sub>1</sub> MALHAR CORPO PASSADO-JOVEM	Atélica + Adv
21	IX <sub>1</sub> NAMORAR PRÓXIMA-SEXTA	Distratora
22	IX <sub>1</sub> ALUGAR APARTAMENTO MÊS-QUE-VEM	Distratora
23	IX <sub>1</sub> VIAJAR RECIFE SEMANA-QUE-VEM	Distratora
24	IX <sub>1</sub> VENDER LAPTOP FUTURO	Distratora
25	IX <sub>1</sub> FORMAR FACULDADE ANO-QUE-VEM	Distratora
26	IX <sub>1</sub> ENSINAR LIBRAS ANO-QUE-VEM	Distratora
27	IX <sub>1</sub> CUIDAR MEU IRMÃO DAQUI-DUAS-SEMANAS	Distratora
28	IX <sub>1</sub> CHURRASCAR CARNE PRÓXIMO-REVEILLÓN	Distratora
29	IX <sub>1</sub> AJUDAR O PROFESSOR PRÓXIMO-SEMESTRE	Distratora
30	IX <sub>1</sub> VARRER A CASA HOJE-NOITE	Distratora
31	IX <sub>1</sub> IDADE 30	Distratora
32	IX <sub>1</sub> RICO	Distratora
33	IX <sub>1</sub> PESO 90KG AGORA	Distratora
34	IX <sub>1</sub> PROFESSOR	Distratora
35	IX <sub>1</sub> FELIZ AGORA	Distratora

36	IX <sub>1</sub> CANSADO HOJE	Distratora
37	IX <sub>1</sub> ATRASADO HORA-AGORA	Distratora
38	IX <sub>1</sub> FILHOS DOIS	Distratora
39	IX <sub>1</sub> CASADO	Distratora
40	IX <sub>1</sub> GOSTAR CHOCOLATE	Distratora

**Apêndice 3****Script 2 (do estudo piloto utilizando rastreamento ocular)**

	<b>Sentença</b>	<b>Condição</b>
1	IX <sub>1</sub> CHUTAR BOLA SEXTA-PASSADA	Télica + Adv
2	IX <sub>1</sub> PERDER CHAVE	Télica
3	IX <sub>1</sub> ENCONTRAR AMIGO SEMANA-PASSADA	Télica + Adv
4	IX <sub>1</sub> APROVAR PROVA	Télica
5	IX <sub>1</sub> VENCER SORTEIO ANO-PASSADO	Télica + Adv
6	IX <sub>1</sub> PAGAR DÍVIDA	Télica
7	IX <sub>1</sub> COMPRAR MOTO MÊS-PASSADO	Télica + Adv
8	IX <sub>1</sub> DEMITIR EMPREGADA	Télica
9	IX <sub>1</sub> QUEBRAR BICICLETA MÊS-JANEIRO-PASSADO	Télica + Adv
10	IX <sub>1</sub> ASSINAR CHEQUE	Télica
11	IX <sub>1</sub> TRABALHAR PROFESSOR DEZ-ANOS-ATRÁS	Atélica + Adv
12	IX <sub>1</sub> PINTAR QUADRO	Atélica
13	IX <sub>1</sub> BRINCAR BONECA PASSADO-CRIANÇA	Atélica + Adv
14	IX <sub>1</sub> ESTUDAR MATEMÁTICA	Atélica
15	IX <sub>1</sub> PESQUISAR INTERNET DUAS-SEMANAS-ATRÁS	Atélica + Adv
16	IX <sub>1</sub> DIGITAR COMPUTADOR	Atélica
17	IX <sub>1</sub> CONVERSAR FILHO SEXTA-PASSADA	Atélica + Adv
18	IX <sub>1</sub> LAVAR CARRO	Atélica
19	IX <sub>1</sub> COSTURAR ROUPA PASSADO-FÉRIAS	Atélica + Adv
20	IX <sub>1</sub> MALHAR CORPO	Atélica
21	IX <sub>1</sub> NAMORAR PRÓXIMA-SEXTA	Distratora
22	IX <sub>1</sub> ALUGAR APARTAMENTO MÊS-QUE-VEM	Distratora
23	IX <sub>1</sub> VIAJAR RECIFE SEMANA-QUE-VEM	Distratora
24	IX <sub>1</sub> VENDER LAPTOP FUTURO	Distratora
25	IX <sub>1</sub> FORMAR FACULDADE ANO-QUE-VEM	Distratora
26	IX <sub>1</sub> ENSINAR LIBRAS ANO-QUE-VEM	Distratora
27	IX <sub>1</sub> CUIDAR MEU IRMÃO DAQUI-DUAS-SEMANAS	Distratora
28	IX <sub>1</sub> CHURRASCAR CARNE PRÓXIMO-REVEILLÓN	Distratora
29	IX <sub>1</sub> AJUDAR O PROFESSOR PRÓXIMO-SEMESTRE	Distratora
30	IX <sub>1</sub> VARRER A CASA HOJE-NOITE	Distratora
31	IX <sub>1</sub> IDADE 30	Distratora
32	IX <sub>1</sub> RICO	Distratora
33	IX <sub>1</sub> PESO 90KG AGORA	Distratora
34	IX <sub>1</sub> PROFESSOR	Distratora
35	IX <sub>1</sub> FELIZ AGORA	Distratora

36	IX <sub>1</sub> CANSADO HOJE	Distratora
37	IX <sub>1</sub> ATRASADO HORA-AGORA	Distratora
38	IX <sub>1</sub> FILHOS DOIS	Distratora
39	IX <sub>1</sub> CASADO	Distratora
40	IX <sub>1</sub> GOSTAR CHOCOLATE	Distratora